

O processo de reorganização espacial da hotelaria do Recife:



**concentração em Boa Viagem
e marginalização da área central**

Annara Perboire

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**O PROCESSO DE REORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA HOTELARIA DO
RECIFE: CONCENTRAÇÃO EM BOA VIAGEM E MARGINALIZAÇÃO
DA ÁREA CENTRAL**

ANNARA MARIANE PERBOIRE DA SILVA

RECIFE/2007

ANNARA MARIANE PERBOIRE DA SILVA

**O PROCESSO DE REORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA HOTELARIA DO
RECIFE: CONCENTRAÇÃO EM BOA VIAGEM E MARGINALIZAÇÃO
DA ÁREA CENTRAL**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia, pela Universidade Federal de Pernambuco, sob a orientação do Professor Cláudio Jorge Moura de Castilho.

RECIFE/2007

Silva, Annara Mariane Perboire da

O processo de reorganização espacial da hotelaria do Recife: concentração em Boa Viagem e marginalização da área central. – Recife: O Autor, 2007.

175 folhas : il., fig., tab., gráf., fotos, mapas, quadros.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Geografia. Recife, 2007.

Inclui: bibliografia, anexos e apêndices.

1. Organização espacial – Processo de produção do espaço geográfico. 2. Rede hoteleira. 3. Marginalização – Recife. 4. Hotelaria – Recife. – Hotéis – Boa Viagem – Derby – Ilha do Leite – São José – Santo Antônio – Boa vista. I. Título.

**910
910**

**CDU (2. ed.)
CDD (22. ed.)**

**UFPE
BCFCH2007/39**

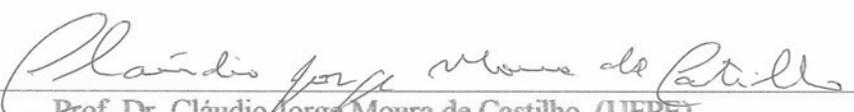
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS GEOGRÁFICAS -DCG
CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA -CMG

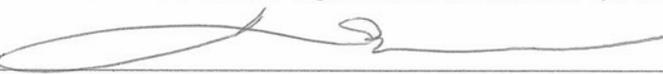
ANNARA MARIANE PERBOIRE DA SILVA

Título: "O PROCESSO DE REORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA HOTELARIA DO RECIFE: CONCENTRAÇÃO EM BOA VIAGEM E MARGINALIZAÇÃO DA ÁREA CENTRAL"

BANCA EXAMINADORA

TITULARES:

Orientador: 
Prof. Dr. Cláudio Jorge Moura de Castilho (UFPE)

1º. Examinador: 
Profa. Dra. Maria de Lourdes de Azevedo Barbosa (UFPE)

2º. Examinador: 
Prof. Dr. Jan Bitoun (UFPE)

APROVADA em 28 de março de 2007.

ANNARA MARIANE PERBOIRE DA SILVA

**O PROCESSO DE REORGANIZAÇÃO ESPACIAL DA HOTELARIA DO
RECIFE: CONCENTRAÇÃO EM BOA VIAGEM E MARGINALIZAÇÃO
DA ÁREA CENTRAL**

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia, pela Universidade Federal de Pernambuco, por uma comissão formada pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Cláudio Jorge Moura Castilho- UFPE

Prof. Dr. Jan Bitoun- UFPE

Profa.Dr^a Maria de Lourdes de Azevedo Barbosa- UFPE/NHT

Aos meus pais, Mariano e Nelma: meu alicerce

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer aos meus pais Mariano e Nelma, exemplo de amor incondicional, grande e puro; respeito, coragem e honestidade que me fizeram tudo que sou, acredito e busco em minha vida.

A Gustavo Vidal de Oliveira pelo companheirismo e amor, pela troca de conhecimentos e angústias, pelo entendimento da ausência, pela busca da felicidade e por, desde o princípio, acreditar em mim.

Ao meu orientador, Cláudio Castilho, pelo exemplo de profissionalismo, gratuidade de suas ações, entusiasmo, agilidade, presteza e, principalmente, conhecimento e troca, que foram fundamentais para a elaboração desse estudo. Gostaria de dizer que essa dissertação é nossa, jamais minha! E muito mais que um orientador, eu o considero o (co)autor!!!!

A Priscila Pinto Ramos, amiga de todas as horas, que durante muitas dessas, na elaboração dessa dissertação, foram dedicadas a aprendizagem de programas para preparação de mapas, pesquisas em internet para descoberta de localizações de hotéis. Mesmo suportando mau-humor e noites mal dormidas com uma única finalidade: ajudar uma amiga! Obrigada por tudo!

A Patrícia Bezerra e Renata Miranda, amigas e companheiras de trabalho, que ajudaram na formatação dessa dissertação, que colocaram e retiraram incontáveis vezes fotos, ilustrações, mapas, gráficos, sempre com paciência e vontade de servir. Também não poderei deixar de agradecer o acompanhamento em visitas a instituições, entrevistas e contatos, com quem quer que seja. Serei eternamente grata a vocês por toda ajuda ao longo dessa caminhada e, principalmente, por tornar meu cotidiano mais alegre!!!

A Ione Dantas de Paula, minha chefe e gestora da Unidade da Gestão da Informação da EMPETUR, que disponibilizou o resultado da pesquisa no desenvolvimento desse estudo, pelos conselhos, ajudas, trocas e idéias que foram fundamentais na elaboração dessa pesquisa.

A Gil e Alba, pelos livros emprestados, e quase sempre não devolvidos, pelas conversas, aconselhamentos e trocas.

A todos os hoteleiros e entrevistados que possibilitaram que esse trabalho fosse concluído. Por, de certa forma, acreditarem ou saberem da importância de estudos, do conhecimento, e de pesquisas, enfim, por contribuírem à ciência!

RESUMO

Atualmente a cidade do Recife apresenta duas áreas distintas de concentração de objetos espaciais ligados à hospedagem. No entanto, é cabível afirmar que estes objetos têm sofrido modificações ao longo do tempo, influenciados por um sistema de ações que contribuem para o processo de produção do espaço geográfico. Isto é observado quando se analisa a perda de valor da área central e o surgimento da área de Boa Viagem a qual, pela sua valorização ao longo do tempo, recebeu forte investimento para a construção de estabelecimentos hoteleiros de padrão mais elevado, em detrimento da desvalorização da área central tradicional da cidade, uma vez que, os hotéis dessa área, apresentam-se obsoletos, com estruturas familiares de organização, não assimilando, portanto, os preceitos da modernidade, diferentemente de outrora. Desta forma, a presente dissertação se propõe a analisar a organização espacial dos hotéis na cidade do Recife, destacando como se deu a concentração desses objetos espaciais no bairro de Boa Viagem e a marginalização pela qual foram sofrendo os hotéis localizados na área do centro tradicional da cidade. Essa distribuição apresenta-se, portanto, sob a forma de uma fragmentação espacial que determina uma hierarquia da atividade entre os lugares considerados na pesquisa. No entanto, há indícios de que a área central iniciou um processo de (re)valorização, através de ações tocadas pela iniciativa pública, o que poderá vir a contribuir para reorganizar a hotelaria do Recife. A razão que motivou esta pesquisa reside na lacuna encontrada no que se refere ao assunto aqui abordado, uma vez que o estudo do turismo em áreas urbanas ainda é pouco difundido, sobretudo no que diz respeito ao seu setor hoteleiro. O período abrangido pelo estudo compreende a década de 1980, quando se apresenta, de modo mais evidente, a concentração hoteleira no bairro de Boa Viagem, até o presente momento histórico. A pesquisa contempla, do ponto de vista espacial, bairros com relevância no contexto econômico, turístico e hoteleiro do município abordado, compreendendo Boa Viagem, Derby, Ilha do Leite, São José, Santo Antônio e Boa Vista. Para se atingir o objeto central da pesquisa foi necessária a utilização de diferentes abordagens de pesquisas que contou com auxílio de pesquisa bibliográfica, através dos meios impressos e eletrônicos, além de pesquisa documental. Também foi necessário mapear a localização dos hotéis estudados. Houve a aplicação de questionários com turistas e hóspedes das duas áreas, identificando peculiaridades relativas aos hóspedes de Boa Viagem como os da área central. Essas distinções também foram reforçadas quando entrevistados os proprietários e empresários do ramo hoteleiro.

Palavras-Chaves: Organização espacial, hotéis, valorização e marginalização.

ABSTRACT

Currently the city of Recife presents two distinct concentration areas of objects related to lodging. However, it is possible to affirm that these objects have suffered modifications throughout time, influenced by a system of actions that contributes to the process of the geographic space production. This is observed when one analyzes the loss of value of the center area and the sprouting of the area of Boa Viagem, which, for its valorization throughout time, received massive investment for the construction of hotel establishments of higher standard, in detriment of the depreciation of the traditional center area of the city, given that the hotels in this area are obsolete, with familiar structures of organization, not assimilating, therefore, the rules of modernity, different from previous times. Having that in view, the present study intends to analyze the spatial organization of the hotels in the city of Recife, emphasizing how the concentration of these lodging objects in Boa Viagem happened and the marginalization that the hotels located in the traditional city center area have suffered. This distribution presents itself, therefore, as a spatial fragmentation that defined a hierarchy of the activities performed in the places considered in this research. There are, however, indications that the central area initiated a process of (re)valorization, through actions carried on by public organisms, what may contribute to the reorganization of the hotels in Recife. The reason that motivated this research lies in the lack of information related to the subject referred here, since the study of the tourism in urban areas is not yet common, even more when concerning hotel network. The time period considered for the study starts from the decade of 1980, when the concentration of hotels in the quarter of Boa Viagem became more evident, until the present historical moment. The research contemplates, from a spatial point of view, the relevant quarters in the economic, touristic and lodging context in the city considered, namely Boa Viagem, Derby, Ilha do Leite, São José, Santo Antonio and Boa Vista. In order to achieve the main objective of this study, different research approaches were necessary, among them bibliographical research, both through hard copy and electronic articles, and documental research. It was also necessary to map the location of the hotels considered in the study. Questionnaires were given to tourists and guests of the two areas, attempting to identify peculiarities between the guests in Boa Viagem and in the central area. These distinctions were also strengthened through interviews with the owners and entrepreneurs of the hotels.

Key-Words: Spatial organization, hotels, valorization and marginalization.

LISTA DE TABELAS

TABELA 01- População do Recife entre 1822 a 1913.....	75
TABELA 02 - Distribuição da População do Recife por Freguesias (1843-1913).....	75
TABELA 03 - Residência Permanente dos Brasileiros hospedados na área central do Recife.....	136
TABELA 04 – Residência Permanente dos Brasileiros hospedados em Boa Viagem.....	138

LISTA DE QUADROS

Quadro 01- Relação entre os locais de coleta e o número de questionários aplicados.....	24
Quadro 02- Histórico cronológico de implantação das principais obras públicas em Boa Viagem (170719653).....	86

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 01 Evolução da Hotelaria no Recife.	123
GRÁFICO 02 Evolução da Hotelaria na Área Central.	124
GRÁFICO 03 Comparação Evolutiva da Hotelaria da Área Central e de Boa Viagem.	125
GRÁFICO 04 Evolução da Hotelaria de Boa Viagem.	126
GRÁFICO 05 Faixa de Renda do Brasileiros Hospedados em Hotéis do Recife.	130
GRÁFICO 06 Nacionalidade dos Hóspedes do Centro e de Boa Viagem.	134
GRÁFICO 07 Residência Permanente dos Brasileiros Hospedados na Área Central do Recife (%).	135
GRÁFICO 08 Residência Permanente dos Brasileiros Hospedados em Boa Viagem(%).	137
GRÁFICO 09 Residência Permanente dos Estrangeiros Hospedados na Área Central (%).	139
GRÁFICO 10 Residência Permanente dos Estrangeiros Hospedados na Área Central(%).	140
GRÁFICO 11 Faixa Etária dos Hospedados na Área Central e em Boa Viagem.	141
GRÁFICO 12 Nível de Escolaridade dos turistas Hospedados na Área Central e em Boa Viagem(%).	143
GRÁFICO 13 Motivação de Viagem dos Hóspedes de Boa Viagem e da Área Central.	149
GRÁFICO 14 Fatores que Influenciaram na Decisão da Localização da Hospedagem no Bairro de Boa Viagem e na Área Central.	152

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 Bairros Abrangidos no Estudo - Recorte Espacial	18
FIGURA 02 Recife no ano de 1631.	68
FIGURA 03 Recife no ano de 1856.	72
FIGURA 04 Igreja Nossa Senhora da Boa Viagem.	80
FIGURA 05 Boa Viagem na década de 1930.	81
FIGURA 06 Linha de Bonde na Avenida Beira Mar.	83
FIGURA 07 Início da Verticalização de Boa Viagem na década de 1950.	85
FIGURA 08 Avenida Beira Mar (atual Boa Viagem) na década de 1930.	88
FIGURA 09 Avenida Boa Viagem Atualmente.	89
FIGURA 10 Grande Hotel Internacional do Recife.	93
FIGURA 11 Distribuição espacial dos hotéis do Recife na década de 1930.	95
FIGURA 12 Vista Diurna do Grande Hotel do Recife.	97
FIGURA 13 Distribuição espacial dos hotéis do Recife na década de 1940.	100
FIGURA 14 Distribuição espacial dos hotéis do Recife na década de 1950	102
FIGURA 15 Distribuição espacial dos hotéis do Recife na década de 1960.	103
FIGURA 16 Distribuição espacial dos hotéis do Recife no início da década de 1970.	106
FIGURA 17 Distribuição espacial dos hotéis do Recife no final da década de 1970.	107
FIGURA 18 Distribuição espacial dos hotéis do Recife no início da década de 1980.	114
FIGURA 19 Distribuição espacial dos hotéis do Recife no final da década de	115

1980.

FIGURA 20 Distribuição espacial dos hotéis do Recife no início da década de 117

1990.

FIGURA 21 Distribuição espacial dos hotéis do Recife no final da década de 119

1990.

FIGURA 22 Distribuição espacial dos hotéis do Recife no ano de 2006. 122

FIGURA 23 Rua do Bom Jesus- Bairro de Recife. 155

LISTA DE SIGLAS

CBD- Central Bussiness District

FUNDAJ- Fundação Joaquim Nabuco

EMPETUR- Empresa de Turismo de Pernambuco

CONDEPE/FIDEM- Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco.

CECON- Centro de Convenções de Pernambuco

TIP- Terminal Integrado de Passageiros

ABIH/PE- Associação da Industria Hoteleira de Pernambuco.

OMT- Organização Mundial de Turismo

EMBRATUR- Instituto Brasileiro de Turismo

UH- Unidade Habitacional

FUNGETUR- Fundo Geral do Turismo

SUDENE- Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste

CTI/NE- Comissão Integrada de Turismo no Nordeste

UNICAP- Universidade Católica de Pernambuco.

NHT- Núcleo de Hotelaria e Turismo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. HOTÉIS:OBJETOS ESPACIAIS DIRIGIDOS PARA O CONSUMO TURÍSTICO	27
1.1 Uma abordagem geográfica do consumo dos espaços pelo turismo	28
1.2 Consumo, turismo e espaço no contexto histórico atual	35
1.3 O turismo urbano e o processo contínuo de organização espacial	42
1.4 Conceitos e origem da hotelaria	50
1.5 A evolução da hotelaria no Brasil	59
2. EXPNSÃO URBANA E VIABILIZAÇÃO DA IMPLANTAÇÃO DE HOTÉIS EM RECIFE	65
2.1 A área central do Recife: do apogeu aos primeiros indícios do abandono	66
2.2 O novo centro: Boa Viagem e seu dinamismo no contexto sócio-econômico do Recife	79
2.3 A organização espacial concentrada dos hotéis	90
3. TRANSFORMAÇÕES SÓCIO-ESPACIAIS NO ATUAL CONSTEXTO URBANO E HOTELEIRO DA CIDADE DO RECIFE	109
3.1 A dinâmica sócio-espacial da hotelaria no Recife: área central abandonada e Boa Viagem priorizada	111
3.2 Os fatores de localização da hotelaria impondo uma fragmentação e marginalização aos lugares	127
3.3 Da marginalização aos primeiros indícios de (re)valorização da área central do Recife	153
CONCLUSÃO	159
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	168
APÊNDICES	
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

A presente dissertação se propõe a analisar os hotéis, como objetos fixados no espaço do Recife, sob uma perspectiva geográfica, destacando, sobretudo, os fatores da sua localização e distribuição espacial em bairros de maior relevância no contexto da dinâmica econômica do município em questão.

A razão primordial que motivou esta pesquisa reside na lacuna encontrada no que se refere ao assunto, aqui delimitado, uma vez que o estudo do turismo em áreas urbanas ainda é pouco difundido. Conforme aponta Pearce, “A estrutura do turismo em áreas urbanas continua sendo um campo de pesquisa relativamente pouco explorado, e isso tanto pelos pesquisadores do turismo como pelos que se interessam por processos urbanos mais amplos” (2003, p.303). A razão desse esquecimento advém, notadamente, do fato que a cidade é detentora de inúmeras funções e normalmente muitas se sobrepõem, em importância, à função turística.:

Um outro aspecto que corrobora para esta lacuna é a dificuldade de identificação de especificidades no que tange à atividade turística no espaço urbano, uma vez que residentes e turistas interagem e se confundem nas diversas atividades existentes no espaço urbano. No entanto, é na hotelaria que se identificam aspectos únicos da atividade turística, pois o consumo nesses estabelecimentos é realizado, ampla e fundamentalmente, por pessoas oriundas de outras localidades e caracterizadas como turistas, que, segundo a Organização Mundial de Turismo – OMT, para ser considerado turista, o visitante deve realizar pelo menos um pernoite no local visitado (ANDRADE, 2002, p.41).

A fixação espacial dos hotéis, como qualquer processo, não pode prescindir do espaço geográfico. O espaço é, concomitantemente, produto e condição de relações sociais. O homem o modifica continuamente para sua própria sobrevivência através da criação de mecanismos para sobrevivência de suas atividades econômicas. O espaço é formado, segundo Santos (1996), por um conjunto indissociável, solidário e contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, precisando, portanto, serem tomados em conjunto, pois tanto os objetos como as ações não possuem vida própria se analisados separadamente.

O turismo e os serviços que lhes dão suporte, por sua vez, interagem com o espaço firmando ações e objetos que irão caracterizar a natureza e a transformação do espaço a fim de se desenvolver a atividade turística em determinado lugar. A hotelaria, por isso, está inserida nesse processo para atender à demanda turística.

É, contudo, no espaço urbano que a hotelaria adquire sua magnitude. No estudo desse espaço são consideradas as questões relativas às relações sociais presentes especificamente na cidade; considera-se, também, que este espaço é marcado “por um conjunto de diferentes usos de terra justapostos entre si, tais usos definem áreas como o centro da cidade, local de concentração de atividades comerciais, de serviços, áreas industriais, de lazer...” (CORRÊA, 2000, p.7). No entanto, para cada área ter-se-á uma demanda que poderá ser atendida por objetos espaciais ligados à função hoteleira.

Recife, uma cidade de notório destaque no cenário nordestino, surgida no século XVI a serviço imediato de seu porto, já se destacava pelo crescimento urbano, por volta do Século XIX. Nesse mesmo período formava-se uma burguesia, a qual, a princípio,

desprezou a orla marítima e se concentrou às margens do Rio Capibaribe. Juntamente com o progresso em curso na cidade, observava-se a escassez quanto à oferta de meios de hospedagem que atendessem à demanda existente. Ademais, as instalações presentes encontravam-se em condições precárias de higiene e conforto.

A princípio, então, os primeiros estabelecimentos hoteleiros se firmaram ao longo do Rio Capibaribe, uma vez que o mesmo foi importante via de transporte, local de intensa atividade de lazer e de tratamento de doenças. Por volta do final do século XIX, porém, em virtude dos eventos promovidos pela dinâmica socioeconômica dos bairros centrais do Recife, difundiu-se preocupação quanto aos meios de hospedagem para os visitantes. Os anos foram passando e as acomodações se aprimorando e se espacializando por outras áreas da cidade para atender a pessoas ligadas às mais variadas funções estabelecidas na configuração intra-urbana.

Com isso, fixaram-se estabelecimentos de hospedagem na área central do Recife, porém estes eram específicos para comerciantes de outros lugares atraídos por motivos de negócios. Estes hotéis, no entanto, foram tomando força no final do século XIX, espacializando-se nos arredores dos bairros do centro da cidade, em lugares de grande prestígio social, ocupados pela burguesia até a década de 1960, quando se começou a ter a valorização das praias para fins residenciais.

Um pouco antes, na década de 1950, Recife foi contemplada com a inauguração de mais um hotel, este fixado longe do seu CBD (Central Business District), no bairro de Boa Viagem, fato este que se configura como uma antecipação espacial da valorização daquele lugar. Somente, a partir da década de 1980, portanto, é que se

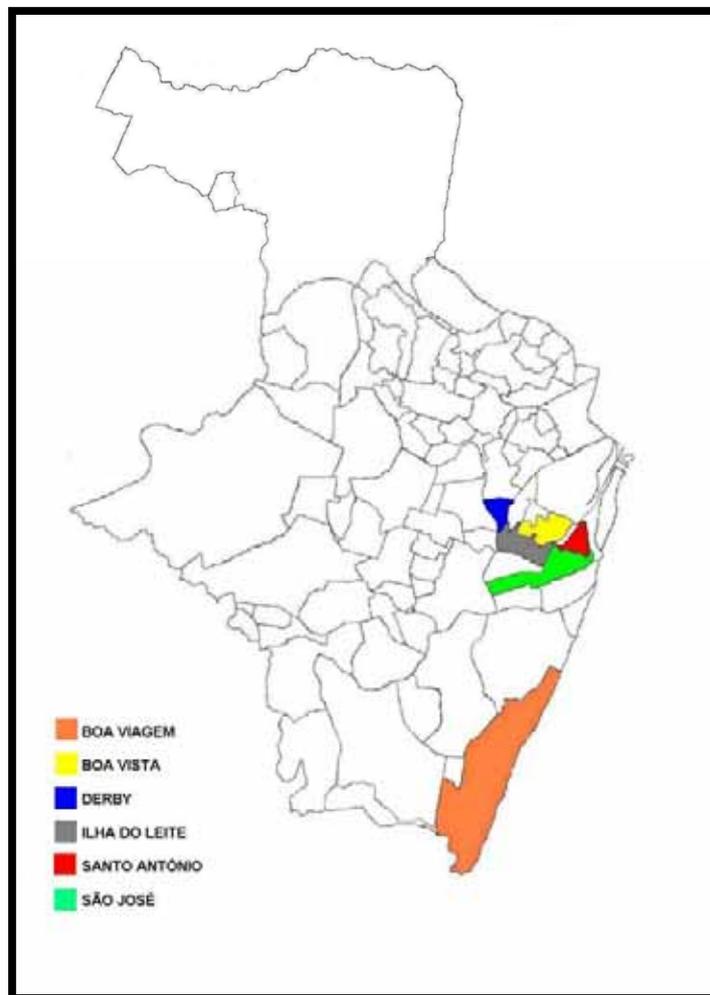
observa uma mudança no padrão de localização dos hotéis da cidade, marcada pela concentração de acomodações especialmente em Boa Viagem, e a deterioração da hotelaria na área central da cidade, configurando-se a tendência de forte concentração naquele bairro, ainda hoje presente, na distribuição de hotéis da cidade do Recife, sobretudo no que diz respeito a hotéis voltados a uma clientela mais exigente do mercado urbano.

O período abrangido pelo estudo compreenderá aquele que considera a década de 1980, quando se apresenta, de modo mais claro, a concentração hoteleira no bairro de Boa Viagem, até o presente. Este recorte temporal torna-se relevante a fim de possibilitar a compreensão e entendimentos satisfatórios das razões que explicam a concentração e a mudança quanto ao padrão de localização da hotelaria da cidade do Recife.

A pesquisa contemplará, do ponto de vista espacial, bairros com relevância no contexto econômico, turístico e hoteleiro do município abordado, nos bairros de Boa Viagem, Derby, Ilha do Leite, São José, Santo Antônio e Boa Vista (**Figura 01**).

A atividade hoteleira, por sua vez, no tempo e no espaço, adquire magnitude no âmbito do estudo do espaço urbano, uma vez que a cidade é o lugar detentor de inúmeras e diferenciadas funções, as quais corroboram para o surgimento de demandas específicas, contribuindo, também, para justificar a espacialização dos hotéis.

Figura 01: Bairros Abrangidos no Estudo - Recorte Espacial



Autor: Annara Perboire, 2006

Recife dispõe de uma distribuição hoteleira marcada pela concentração de hotéis de “boa qualidade” no bairro de Boa Viagem, em detrimento da hotelaria do centro, a qual hoje se apresenta decadente quando comparada a épocas anteriores, observando ainda, em grande parte, a deterioração e o fechamento desses hotéis. Essa distribuição apresenta-se, portanto, sob a forma de uma fragmentação espacial que determinará uma hierarquia da atividade entre os lugares considerados. Isso é evidente quando se

analisa o fechamento ou a degradação dos grandes hotéis do centro que outrora foram os mais expressivos de Pernambuco. Sob esse ponto, pode-se inferir também que essa diferenciação entre o bairro de Boa Viagem e os da área central do Recife, em relação à hotelaria, apresenta-se, também, concernente aos interesses dos proprietários dos estabelecimentos hoteleiros e àqueles dos visitantes.

Diante desse quadro, faz-se necessário o entendimento da desvalorização da área central como lócus fundamental da função hoteleira da cidade do Recife. Com a tentativa recente de revalorização dessa área, após a revitalização de setores do centro histórico, tem ocorrido certa implantação de estabelecimentos de hospedagem na área central. No entanto, do ponto de vista de investimentos, os proprietários e investidores do ramo, preferem ainda aplicar suas finanças fora do antigo centro, na área de Boa Viagem.

O objetivo geral da presente dissertação é o de analisar o processo de (re)configuração espacial da hotelaria do Recife na perspectiva da valorização do espaço de Boa Viagem, o qual recebeu forte concentração dos hotéis de padrão mais elevado em detrimento da desvalorização da área central da cidade, considerando, no entanto, a revalorização desta última a qual começa timidamente a atrair novos investimentos.

Assim, é cabível indagar-se a respeito das causas da concentração da hotelaria no bairro de Boa Viagem em detrimento da sua concentração no centro da cidade do Recife, ou melhor, como se dá o processo de (re)configuração espacial da hotelaria na

cidade do Recife. Tal questionamento, portanto, irá permear toda a pesquisa que investigará a natureza socioespacial desse processo.

Tal estudo é pertinente, portanto, pela contribuição significativa no que concerne ao planejamento do município do ponto de vista turístico, pois o Estado vem promovendo ações de revitalização e revalorização da área central do Recife, o que exige mudanças relativas às formas de hospedagem que comportem a demanda de turistas pela área central. Apesar dessas iniciativas para recuperação da área central, observa-se que tal área, dotada de inúmeras funções, ainda não comporta acomodações que atendam à demanda turística em virtude do abandono por que vem passando sua hotelaria, o que continua reforçando a concentração no bairro de Boa Viagem.

Além da lacuna de estudos sobre o turismo e a hotelaria em espaços urbanos, também há carência do estudo da espacialização dos hotéis na cidade do Recife, bem como da abordagem sobre o papel do processo de fragmentação da atividade no processo de produção do espaço urbano em Recife.

Este estudo, além da contribuição prática, busca enriquecer a fundamentação teórica, uma vez que se propõe a investigar um fenômeno pouco explorado e de fundamental importância para a compreensão da estrutura e da dinâmica da hotelaria no espaço urbano. Almeja-se, também, que esse estudo tenha continuidade e que a análise referente ao objeto de estudo em questão possibilite futuros desdobramentos através de um estudo aprofundado no doutorado.

Para se atingir o objeto central da pesquisa foi necessário traçar um paralelo do processo de urbanização do centro do Recife e do bairro de Boa Viagem, bem como o crescimento e o desenvolvimento dos equipamentos hoteleiros nessas duas áreas, mapeando suas localizações; avaliar o papel do Estado e do setor privado na organização espacial da hotelaria no bairro de Boa Viagem e abandono do centro, explicando os motivos que contribuíram para a sua fragmentação socioespacial; e, por último, abordar o processo de valorização de Boa Viagem e a desvalorização do centro do Recife no contexto hoteleiro, bem como os indícios da recuperação da área central do Recife.

Para a concretização da pesquisa, ora apresentada, utilizaram-se e registraram-se sistematicamente as informações e os dados coletados fazendo uso de instrumentos adequados a fim de se obter uma maior precisão no registro e na comprovação dos dados. Além do aspecto quantitativo, a presente pesquisa também considerou o aspecto qualitativo, ou seja, o estudo do papel das relações e ações humanas, difíceis de serem contabilizadas no processo em questão, o que exigiu o estabelecimento de roteiros de entrevistas.

Fez-se uso de diferentes abordagens para a coleta de dados, buscando uma maior amplitude na descrição e compreensão do foco em estudo. Dessa forma, para verificar o processo de urbanização do centro do Recife e do bairro de Boa Viagem, foi necessária uma pesquisa bibliográfica, através de meios impressos e eletrônicos, além de pesquisa documental a qual incluiu a aquisição de informações através do acervo da Biblioteca da Fundação Joaquim Nabuco - FANDAJ e da biblioteca da Empresa de

Turismo de Pernambuco - EMPETUR, contribuindo para uma reconstituição da ocupação urbana e, por conseguinte, hoteleira da cidade.

Para a reconstituição da hotelaria da cidade do Recife, foi necessário levantar a reconstituição da listagem dos hotéis desde a década de 1930 até o ano de 2006 (**APÊNDICE 1**). Para tanto, fez-se uso de materiais adquiridos no Arquivo Público Estadual como um guia da cidade da década de 1960, além de listas telefônicas das décadas de 1970 a 1990. De posse desse material, juntamente com informações obtidas no Inventário da Oferta Turística do Estado de Pernambuco nas versões de 1992, 1998 e 2006, bem como de informações obtidas no setor de Registro e Classificação da EMPETUR, foi possível fazer a referida reconstituição analisando as datas de abertura e fechamento dos hotéis.

Para mapear e localizar espacialmente os hotéis, além das listas específicas, foi necessária a aquisição da Carta de Nucleação Centro do Recife, adquirida através da Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco - CONDEPE/FIDEM, que apresenta todas as ruas da cidade. De posse desse material, foi possível, através do auxílio da lista telefônica disponível em meio eletrônico, identificar a localização de cada objeto espacial nas ruas da cidade. Para demonstrar a espacialização dos objetos na cidade como um todo, foi utilizado o mapa da divisão dos bairros da cidade obtido no Atlas Municipal de Desenvolvimento Humano. Dessa forma, foi possível elaborar figuras que representam a distribuição espacial da hotelaria do Recife desde a década de 1930 ao ano de 2006.

A fim de demonstrar o papel da preferência dos visitantes na (re)configuração espacial da hotelaria do Recife, fez-se necessária a aplicação de questionários (**APÊNDICE 2**) com turistas e hóspedes dos hotéis localizados tanto na área central como em Boa Viagem. Na área central, foram aplicados questionários em 2 hotéis e, em Boa Viagem, apenas 1 hotel. No entanto, é cabível dizer que a amostragem relativa à aplicação de questionários para esse estudo foi aleatória, em virtude da dificuldade encontrada, uma vez que não se obteve apoio dos hoteleiros na referida pesquisa.

Diante do problema deparado, foram distribuídos questionários nos Postos de Informações Turísticas localizados no Centro de Convenções de Pernambuco - CECON, Aeroporto, Casa da Cultura e Terminal Integrado de Passageiros-TIP, acrescentando-se mais uma questão, referente à localização da hospedagem pelo turista, em virtude da impossibilidade de se identificar em que local o turista havia se hospedado (**APÊNDICE 3**).

Também foi utilizada a Pesquisa do Turismo Receptivo da EMPETUR, juntamente com a Comissão Integrada de Turismo no Nordeste - CTI/NE (**ANEXO 1**) onde foram colhidas algumas questões dos turistas que utilizaram o hotel como meio de hospedagem, identificado através da questão 14, que indaga a respeito do meio de transporte utilizado pelos turistas. Desta forma, foram tabuladas as questões 1, 3, 5, 7 e 19, acrescentando-se a questão relativa ao porquê da escolha da localidade para hospedagem pelo turista.

É importante citar que a pesquisa da demanda turística da EMPETUR tem alcance somente na cidade do Recife e acontece quatro vezes ao ano, nos principais

portões de saída do Estado de Pernambuco: TIP, Aeroporto, BR 101- Norte e BR 101-Sul. Na referida pesquisa, no entanto, utilizaram-se, apenas, os questionários aplicados no mês de novembro de 2006, no período de 17 a 23, uma vez que essa pesquisa tem duração de sete dias em cada mês que acontece: janeiro, maio, julho e novembro.

A pesquisa da EMPETUR, no entanto, configurou-se como a coleta mais eficaz na aplicação de questionários (**QUADRO 01**).

Quadro 01: Relação entre os locais de coleta e o número de questionários aplicados

Locais de Coleta	Nº	Percentual
BR 101 Norte	19	6,09
BR 101 Sul	11	3,53
TIP	46	14,74
Aeroporto	193	61,86
Postos de Informações	12	3,85
Hotéis - centro	26	8,33
Hotéis - BV	5	1,60
Total	312	100,00

Em posse dos questionários aplicados aos hóspedes, fez-se a sua tabulação utilizando o programa estatístico SPSS versão 8.0. Com o resultado final da tabulação, estabeleceu-se o perfil do hóspede da área central e de Boa Viagem separadamente (**APÊNDICE 4**) e, posteriormente, utilizando o programa de *software Excel*, foi possível

elaborar gráficos para melhor visualização dos resultados da pesquisa, bem como para comparação das duas áreas, através de uma análise apurada.

Além dessas questões coletadas, referentes à caracterização dos hóspedes, foi necessária a abordagem aos proprietários e empresários do ramo hoteleiro da cidade, através de um roteiro de entrevista semi-estruturado, que forneceu informações concernentes à localização do hotel, aos funcionários e aos hóspedes. Desta forma, foram entrevistados 6 hotéis da área central: O Hotel Central, o Lido Hotel, o Hotel Mediterrâneo, o Hotel América, o Hotel São Domingos e o Hotel das Fronteiras, em Boa Viagem. Foram entrevistados mais 6 hotéis: O Park Hotel, o Beach Class Suítes, o Marolinda Residence, o Marolinda Inn, o Hotel Jangadeiro e o Hotel Aconchego. A amostragem, por sua vez, processou-se de forma aleatória.

Para melhor compreensão da espacialização dos hotéis no Recife, bem como para a análise do panorama hoteleiro da cidade, foi entrevistado o presidente da Associação da Indústria Hoteleira/ PE - ABIH, o Senhor José Otávio Meira Lins, através de um roteiro de entrevista semi-estruturado estruturado. Também, utilizou-se de entrevistas não-estruturadas com funcionários da EMPETUR.

Aplicou-se, também, o Índice de Defert, "T(f)", duas áreas em estudo a fim de se identificar em ambas a intensidade da função turística. Esse índice é calculado comparando o número total de leitos da localidade, representado pela letra "N", pelo número geral de habitantes, representado pela letra "P". Assim: $T(f) = (N \times 100) / P$.

É importante salientar que a pesquisa comporta categorias de análise do espaço, propostas por Milton Santos, dos objetos e das ações, representadas no trabalho pelos

hotéis (objetos), e a dinâmica socioespacial (ações), formando uma totalidade, a fim de se entender e explicar a natureza do processo estudado.

O conteúdo da dissertação, por sua vez, encontra-se distribuído em três capítulos. No primeiro capítulo apresenta-se uma revisão teórico-conceitual, contendo as categorias de análise do espaço dos sistemas de objetos e sistemas de ações, representados no trabalho pelos hotéis e sua espacialização (os objetos) e a dinâmica socioespacial no contínuo processo de valorização e (re)valorização de uma área através de mudanças no consumo ao longo do tempo (ações). Também são abordadas questões relativas ao espaço urbano e seu contínuo processo de organização espacial, além da caracterização da hotelaria e sua origem e evolução.

No segundo capítulo é traçada a evolução da área central, bem como do bairro de Boa Viagem, fazendo-se um levantamento histórico da hotelaria do Recife da década de 1930 ao final da década de 1970. Nesse período, no entanto, ocorre o declínio da área central e o início da supremacia do bairro de Boa Viagem no tocante à concentração da hotelaria.

No terceiro capítulo, analisa-se a fragmentação imposta pela atividade hoteleira, apresentando duas áreas distintas quer do ponto de vista físico quer nas suas estruturas sociais, enfatizando o bairro de Boa Viagem como preferencial para investimentos e abandonando a área central pelos investimentos privados. Esta, contudo, começa a (re)emergir através de ações públicas e privadas que tentam reavivar esta área, outrora significativa no contexto hoteleiro da cidade.

CAPÍTULO 1: HOTÉIS: OBJETOS ESPACIAIS DIRIGIDOS PARA O CONSUMO TURÍSTICO

O tempo livre foi amplamente valorizado pela modernidade, período em que o turismo obtém considerável crescimento. Por isso, o turismo apresenta-se, como uma atividade marcante no panorama mundial contemporâneo do capitalismo, ocorrendo em função do excedente de renda e, conseqüentemente, do aumento da capacidade de consumo de uma parcela cada vez maior de indivíduos da população.

Essa atividade, assim como qualquer outra, não pode prescindir de serviços. Dentre esses serviços, acham-se aqueles, que lhes dão suporte, prestados pelos meios de hospedagem. Assim, o turismo interage com o espaço, fixando objetos resultantes de ações que irão caracterizar a natureza e a transformação do próprio espaço geográfico.

O setor de hospedagem visa atender, sobretudo, a necessidades de alojamento das pessoas que estão temporariamente longe de seus domicílios. Da segmentação existente nesse ramo, o hotel constitui um objeto espacial que obtém relevância em virtude do porte e dos serviços oferecidos por ele, principalmente, quando analisado no espaço urbano. Ele é um fixo detentor de variadas funções e atividades que atraem uma demanda expressiva de visitantes que utilizam os serviços de hospedagem nas grandes cidades.

Diante da ampla dinâmica socioespacial no cerne de uma cidade, a hotelaria, acompanha esta trajetória, estabelecendo sua própria dinâmica, quer seja acompanhando as mudanças da configuração urbana, quer seja ela própria

inscrevendo sua transformação. Cabe dizer que o setor hoteleiro tanto possui suas especificidades, como obedece aos ditames da globalização que mundializa as atividades, as funções e os lugares, (re) organizando-se no contexto do espaço urbano, nas escalas local e global do acontecer do turismo.

Entendendo-se que os conceitos de espaço, espaço urbano, consumo e turismo são complementares para o entendimento satisfatório da dinâmica da hotelaria na cidade, é que se buscou apresentá-los à luz de uma abordagem geográfica que nos auxilia a apreender e entender a (re)configuração espacial dos hotéis, perante as mudanças de uso e ocupação do solo urbano. Para tanto, fez-se necessária uma pesquisa bibliográfica acurada, a fim de elucidar tal questionamento.

1.1. Uma abordagem geográfica do consumo dos espaços pelo turismo

A atividade turística apresenta-se como objeto de análise da geografia à medida que não só promove mudanças espaciais onde se instala, como também utiliza o espaço geográfico para concretizar-se. O estudo deste fenômeno envolve necessariamente a sua inserção em um cenário de mudanças nos padrões de consumo, as quais estão intrinsecamente relacionadas às atividades econômicas como um todo, onde há a valorização do lazer para o consumo ditada pelos tomadores de decisão, hoje influenciados pelo processo de globalização.

Nesse processo de mudança, é cabível a afirmativa de que a atividade turística orienta uma fragmentação imposta aos espaços, uma vez que alguns lugares são preteridos em detrimento de outros. Verifica-se que, uma vez consolidada em um lugar,

as ações ligadas à atividade turística criam objetos que buscam dar suporte à mesma; objetos estes que, por outro lado, influirão naquelas ações.

Cria-se, portanto, um aparato de objetos espaciais que, juntamente com as funções por eles exercidas, irão determinar a natureza da atividade. Daí o papel importante que o espaço geográfico exerce nesse processo.

O turismo é uma atividade que teve sua expansão observada sobretudo a partir da década de 1950, após o término da segunda guerra mundial, em virtude do aumento do poder de renda da população, da massificação dos meios de transportes e comunicações, como também da valorização do tempo livre.

Observa-se que essa atividade possui uma íntima ligação com a geografia, uma vez que ela é dependente do espaço, na medida em que se realiza, interagindo com esta instância material da sociedade. Nessa perspectiva, faz-se mister apresentar o que de fato significa o espaço geográfico e sua relação com a atividade turística.

Segundo Santos (1985, p.2), o espaço é constituído pelo aspecto tangível, acrescido do seu princípio ativo detentor da capacidade de transformação. Desta forma, o autor afirma que o espaço é composto pela paisagem, ou seja, pelo aspecto visível juntamente com a sociedade e as suas ações. Assim, o espaço é caracterizado por um conjunto de fixos e fluxos, ou mais precisamente, de um sistema de objetos e um sistema de ações (SANTOS, 1996, p.51).

Os objetos são assim caracterizados uma vez que os homens os utilizam a partir de um conjunto de intenções sociais, são utensílios de sua vida cotidiana, constituindo-

se de um símbolo representativo de uma época e história no tempo e no espaço. No que tange às ações, elas se configuram em processos de práticas sociais dotadas de propósitos.

sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra sua dinâmica e se transforma (SANTOS, 1996, p.52).

Percebe-se, portanto, que tanto os objetos quanto às ações não possuem vida própria se, analisados, separadamente. Destarte, o autor enfatiza a indissociabilidade dos sistemas de objetos e sistemas de ações, os quais, juntos, são capazes de determinar toda a dinâmica que compõe e forma o espaço geográfico na sua totalidade, uma vez que esta última apenas é alcançada através da interação entre esses sistemas.

A afirmativa acima exposta remete-nos à noção de horizontalidades e verticalidades, uma vez que aqueles sistemas estão dispostos na superfície atendendo a uma lógica que se dá em algum sentido. Santos entende as horizontalidades como extensões formadas de pontos que se agregam sem descontinuidade. De outro lado, há pontos no espaço que, separados uns dos outros, asseguram o funcionamento global da sociedade e da economia. São as verticalidades. Com essa premissa, é possível assegurar que o acontecer local é influenciado por uma força maior advinda de uma lógica global, ou seja, os sistemas de objetos e os sistemas de ações locais recebem influência de uma força hegemônica global a qual dita a tendência a ser seguida pelo espaço e pelas atividades nele existentes (1996, p.225).

O turismo, por sua vez, acontece no espaço e estabelece relação com o mesmo à medida que firma ações e objetos que caracterizam a natureza e a transformação do espaço a fim de se desenvolver a atividade turística em determinado lugar. Dessa forma, Barros (2000, p.7) aponta que: “Com a difusão do uso turístico do espaço, as paisagens foram se transformando, adaptando-se, sofrendo dinâmicas decorrentes da expansão turística. Ao se difundir pela superfície da terra, a função turística instalou novos equipamentos...”. Dentre esses equipamentos, enquadram-se os meios de hospedagem, o objeto de estudo desta dissertação.

O turismo é uma atividade que se utiliza dos espaços e à medida que vai se difundindo, desenvolvem-se novas espacialidades, ou seja, vão se materializando as relações sociais (SOJA *apud* SELVA, 2004), modificando-o através da incorporação de novas funções, novas atividades e novos valores, sofrendo, portanto, interações de cunho social e também natural.

Nesse sentido, pode-se, também, considerar a idéia metodológica central do pensamento geográfico, a das difusões geográficas. Segundo Barros (*Ibidem*), as paisagens geográficas vão se transformando, sofrendo alterações, decorrentes da difusão sobre elas de objetos, pessoas, práticas econômicas e culturais, novas formas de uso de terra, etc.

A fim de se compreender essa dinâmica e o funcionamento do espaço turístico, faz-se necessária a compreensão das categorias de análise espacial propostas por Santos, que são elas: forma, função, estrutura e processo. Conforme elucida o próprio autor.

Forma é o aspecto visível de uma coisa. Refere-se ademais, ao arranjo ordenado de objetos, a um padrão. Tomada isoladamente, temos uma mera descrição de fenômenos ou de um de seus aspectos num dado instante do tempo. Função sugere uma tarefa ou atividade esperada de uma forma, pessoa ou instituição ou coisa. Estrutura implica a inter-relação de todas as partes de um todo, o modo de organização ou construção. Processo pode ser definido como uma ação contínua, desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança. (1985, p.50)

Relativamente à atividade turística, tem-se que as formas são os objetos fincados para atender o turismo, dentre eles, os meios de hospedagem, mais precisamente os hotéis. Em relação à função, ela diz respeito ao papel desempenhado pela forma, no caso específico, o alojamento aos visitantes. A estrutura aponta como esses hotéis estão distribuídos e organizados na cidade. O processo relata as mudanças e influências desses objetos ou formas, em um movimento contínuo, ao longo do tempo. Assim, observa-se que o turismo implanta novas formas, alterando a função do lugar, passando este a se diferenciar dos demais.

Nesse sentido, faz-se necessário o entendimento acerca dos sistemas de objetos e os sistemas de ação, proposto por Santos (1996, p.51), quando afirma que “os objetos não têm realidade filosófica, isto é, não nos permitem o conhecimento, se os vemos separados dos sistemas de ações. Os sistemas de ações também não se dão sem os sistemas de objetos”. É cabível, por conseguinte, a dissertativa de que não existe uma forma ou um objeto isolado: deve-se partir do pressuposto da existência de um sistema, ou seja, de um todo formado de partes que interagem entre si, através de ações, que caracterizarão o objeto, ou mais precisamente, o sistema de objetos.

No que tange à organização espacial, ou seja, à maneira como estão distribuídos os objetos pelo espaço, é cabível a premissa de que estes se encontram em permanente processo de mudança e de (re)configuração. Selva (2004) reintegra isso

quando afirma que “a organização espacial, vista como o resultado das relações do homem, dá ao espaço forma, função e significado social. Portanto, a organização espacial representa o espaço produzido; uma materialidade social, cujas formas sociais dependem da integração de seus elementos no espaço-tempo”. Santos (1996, p. 77) também afirma que:

Todo e qualquer período histórico se firma com um elenco correspondente de técnicas que o caracterizam e com uma família correspondente de objetos. Ao longo do tempo, um novo sistema de objetos responde ao surgimento de cada novo sistema de técnicas. Em cada período há um novo arranjo de objetos. Em realidade não há apenas novos objetos, novos padrões, mas, igualmente, novas formas de ação.

Com essas afirmativas é possível demonstrar a dinâmica espacial das atividades ligadas ao setor turístico, que ora poderão estar concentradas em um lugar na área central da cidade, ora concentradas em outro lugar (bairros ou áreas periféricas), confirmando a tendência de mudanças nos padrões espaciais relativos à atividade. Essas mudanças geográficas são concernentes às transformações que ocorreram ou estão ocorrendo na sociedade, sejam elas quantitativas ou qualitativas, uma vez que se mudam os valores relativos. Quando os lugares mudam de valor ao longo do tempo, também ocorrem mudanças nos padrões espaciais das formas existentes nesses lugares.

A atividade turística aponta, através da dinâmica e da (re)organização de seus objetos, mudanças relativas ao valor da localidade, demonstrando um processo de fragmentação, através dos movimentos de diferenciação de áreas com valorização de determinados espaços e marginalização de outros. O conceito de fragmentação retoma a noção das horizontalidades e verticalidades, uma vez que estas impõem uma competitividade aos lugares reafirmando os ditames da verticalidade que acaba por

impor sua ordem às horizontalidades. É nesse contexto de fragmentação, valorização e marginalização dos lugares que se apresenta a importância da geografia ao estudo do turismo.

Em relação a essa competitividade entre os lugares que, de certa forma, diferenciaram-se em função da existência ou não de determinadas ações e objetos, Santos afirma que “a competitividade acaba por destroçar as antigas solidariedades, freqüentemente horizontais, e por impor uma solidariedade vertical, cujo epicentro é a empresa hegemônica, localmente obediente a interesses globais mais poderosos e, desse modo, indiferente ao entorno”. Dessa forma também se comporta a atividade turística com a implantação de suntuosos e diferenciados equipamentos em determinados lugares, em detrimento de outros. (2000, p.85)

Coriolano (1998, p. 20-21) também aponta, como razões para que o turismo se configure como um objeto de estudo da geografia, a mobilidade dos fluxos de visitantes, de capital, de trabalhadores, prestadores de serviços, dos padrões de ocupação e, principalmente, das modificações do uso do espaço e das transformações no valor do solo urbano. Observa-se, pois, que a atividade turística contribui para a formação do espaço e que este é, ao mesmo tempo, produto, condição e meio de qualquer atividade humana (CARLOS, 1994). O homem, assim, modifica o espaço, para sua própria vida e para a existência de suas atividades econômicas.

Essa modificação vai além da alteração no espaço construído, conduzindo a mudanças nas relações sociais, econômicas e culturais. Sobre esse aspecto, é cabível afirmar que a atividade turística acompanha o panorama socioestrutural do capitalismo,

sendo ela um componente bastante importante nesse processo global em virtude da valorização do tempo-livre como um produto de consumo valioso desde o contexto da modernidade. Daí, o espaço constitui uma categoria de análise à medida que sua essência corrobora para o entendimento dos processos ocorridos em uma sociedade ao longo do tempo.

1.2 Consumo, turismo e espaço no contexto histórico atual

A globalização leva as atividades em geral a se expandirem, multiplicando seus negócios ao redor do mundo. Coriolano (1998, p.16) afirma que a lógica da globalização e da modernidade aproxima os lugares e os povos, beneficiando, por sua vez, a atividade turística em virtude de sua vocação universalista. Nesse contexto, é cabível a afirmativa de que o fenômeno turístico obteve êxito em função do aumento de renda da população e, conseqüentemente, do aumento na capacidade de consumo.

Em relação ao consumo, apresenta-se uma nítida mudança em sua essência ao longo dos anos, influenciando as atividades em geral e o paradigma socioeconômico mundial frente à modernidade.

O consumo muda de figura ao longo do tempo. Falava-se, antes, de autonomia da produção, para significar que uma empresa, ao assegurar uma produção, buscava também manipular a opinião pela via da publicidade. Atualmente as empresas hegemônicas produzem o consumidor antes mesmo de produzir os produtos. Um dado essencial do entendimento do consumo é que a produção do consumidor, hoje, precede à produção de bens e dos serviços. Então na cadeia causal, a chamada autonomia da produção de bens e dos serviços cede lugar ao despotismo do consumo (SANTOS, 2000, p.48).

O turismo acompanha essas transformações à medida que é considerado a forma mais moderna do capitalismo global, explorando novos mercados e/ou espaços locais. Dentre essas mudanças, consideram-se alterações nos setores econômicos,

sociais e culturais, criando novas formas de ser, produzir e pensar o espaço. Dessa forma, a modernidade propõe novos processos que incorporam a inovação socioeconômica às atividades e ao cotidiano mundial. É, portanto, diante desta concepção que, segundo Coriolano (1998), o turismo apresenta-se consolidando a expansão do capitalismo e ligado à filosofia da modernidade.

O turismo, nesse contexto, ganha impulso diante de algumas conquistas da classe trabalhadora, tais como: aumento salarial e tempo livre. “Com salários e tempo livre maiores, os trabalhadores partiram, também influenciados pela propaganda turística, em busca do relaxamento e do descanso, para recarregar as baterias perdidas em um ano de trabalho estafante” (OURIQUES, 2005, p.13). O autor ainda afirma, no entanto, que essas aquisições por parte dos trabalhadores ocorrem em favor sobretudo do capital, pois “ao mesmo tempo em que o lazer turístico surgiu como uma conquista da classe trabalhadora, constitui-se e significa uma forma de controle do capital sobre o tempo disponível” (ibidem, p.27).

Porém, é condição *sine que non* que tais conquistas apenas foram possíveis em virtude dos novos paradigmas vigentes propostos pelo capitalismo atual, dentre eles apresentam-se mudanças na postura da produção e, conseqüentemente, do consumo. Pode-se afirmar que essa cultura do consumo não é a única maneira de realizar o consumo e reproduzir a vida cotidiana mas, segundo Slater (2002, p.17-18), é com certeza, o modo dominante em virtude da autocriação contínua por meio da acessibilidade às coisas, ao modismo e seu aperfeiçoamento contínuo. Tudo isso, no entanto, é garantido através dos meios de propagação. O capitalismo, por sua vez, firma-se nesse mundo de agilidade e vulnerabilidade.

O processo de mudança nos padrões de consumo foi possível, segundo Harvey (1996) em virtude de uma mudança nos padrões de produção; esta, por sua vez, foi iniciada com Taylor, através dos Princípios da Administração Científica, que demonstrou que a produtividade do trabalho poderia ser aumentada através da decomposição de cada processo de trabalho com tarefas fragmentadas e rigorosos padrões de tempo e estudo do movimento. Isso representou um grande salto na administração. Henry Ford, por sua vez, inovou através da concepção de produção de massa a qual significava, ao mesmo tempo, consumo de massa. Mais que mudança no modo de produção, fazia-se necessária uma mudança no padrão de consumo da sociedade.

A jornada de trabalho de oito horas era necessária para, além de disciplinar a operação do sistema de montagem em alta produtividade, dar tempo e renda suficientes para que os trabalhadores consumissem os produtos produzidos em massa, uma vez que as corporações estavam fabricando em quantidades cada vez maiores, conforme ainda aponta Harvey (1996). O turismo, por sua vez, obtém relevância com essa conquista uma vez que se configura como uma modalidade do uso do tempo-livre. Este último é definido por Coriolano (1998, p.27) como “aquele tempo de que os indivíduos dispõem, do qual são inteiramente donos, podendo usá-lo da forma que lhes convém”. Só que, vale a pena lembrar, nem todos os indivíduos dispõem de recursos suficientes para usá-lo da forma como desejariam.

O fordismo, no entanto, adquire magnitude após a segunda guerra mundial, originando uma mudança de cunho cultural e social, uma vez que produção em massa significava consumo em massa, mais que uma mudança nos sistemas de operação,

modificou o modo de vida da sociedade. O sistema fordista predominou até meados da década de 1970 com o Estado assumindo uma gama de obrigações nas áreas de investimento público nos setores de transporte, equipamentos públicos, seguridade social, saúde, educação, habitação, etc. O progresso internacional do fordismo significou a formação de mercados de massa globais. A abertura do comércio internacional incentivou as atividades hoteleiras, aeroportuárias, bancárias, enfim, o turismo.

Torres (2002) apresenta como características do fordismo os produtos padronizados, inflexibilidade, economias de escala, reprodução em massa e pequenos números de produtores. A autora aponta algumas características do modelo fordista de consumo turístico, que são: pequeno número de produtores que dominam o mercado mundial, existência de pacotes turísticos rígidos e padronizados concebidos em grande escala com a finalidade de reduzir custos e a inflexibilidade dos roteiros turísticos.

Essas características assemelham-se às características do turismo de massa. As atividades ligadas ao setor turístico seguem essa concepção de padronização, dentre elas, apresentam-se aquelas ligadas ao setor hoteleiro, uma vez que franquias de grandes redes de hotéis espalham-se no mundo, detentoras de características similares e obedecendo a ordens da matriz. É nesse caso que as verticalidades vão se impondo às horizontalidades, embora haja resistências.

Porém, nem todos os lugares eram atingidos pelos benefícios do fordismo e Harvey (1996, p.132) aponta que “as desigualdades resultantes produziram sérias tensões sociais e fortes movimentos sociais por parte dos excluídos”. A partir de 1973

ficou evidente que o Estado não mais conseguia cumprir com suas obrigações, os países do terceiro mundo clamavam pela integração no sistema fordista. Assim, o autor cita que o período de 1965 a 1973 tornou cada vez mais evidente a incapacidade do fordismo de conter as contradições inerentes ao capitalismo. As décadas de 80 e 90 do século XX foram um período de reestruturação econômica e de reajustamento político e social, chamado por Harvey de acumulação flexível.

Foi nesse período também que houve o crescimento e a diversificação do setor terciário, ou seja, os serviços adquirem importância na economia mundial, conforme apresenta Castilho (1998). Nesse aspecto, reaparece o turismo e suas atividades subsidiárias que demonstram força, principalmente, nos países subdesenvolvidos, nas três últimas décadas do século XX. Mas os aspectos da acumulação flexível ou o pós-fordismo também repercutem na atividade turística como um todo.

Dessa forma, observa-se que o turismo tem acompanhado o paradigma global de deslocamento do fordismo para acumulação flexível, uma vez que a padronização, os modelos fordistas de larga-escala de produção e consumo vão sendo substituídos para maior flexibilidade, especialização e modelos de menores escalas. Essas transformações fazem parte da reestruturação global inerente à globalização.

Segundo Torres (2002, p.92), as características associadas ao pós-fordismo são: especialização em crescimento, individualização e customização na produção e no consumo. Os produtos são feitos para atender a preferências individuais, ou seja, são individualizados e customizados. No entanto, a importância advém da opção de escolha dos consumidores. No turismo, isso é traduzido em uma segmentação de mercado com

o surgimento de diferentes tipos de turismo: o ecoturismo, o turismo de aventura, o turismo de eventos, dentre outros.

A principal característica do modelo de produção e consumo pós-fordista é, portanto, a flexibilização, escolha de produtos e roteiros turísticos diferenciados. O turismo e suas atividades afins devem utilizar-se de inovações e tecnologias capazes de identificar e satisfazer as exigências dos consumidores.

Oliveira (2004, p.118) aponta que “para que esta fórmula se imponha é necessário um mundo cheio de egos desejosos e flexíveis, e não de normas de comportamento tendendo à criação de identidades fixas e excludentes...”. Com a incorporação de novos processos, tecnologias e valores, há uma modificação sociocultural que traduz o conceito de modernidade e seu alinhamento às exigências da globalização.

No cerne dessas transformações por que passam os povos está a modernidade trazendo mudanças racionais na tecnologia e na cultura, criando outras formas de ser, produzir e pensar o espaço. Não há dúvida de que a economia se mundializa, as grandes empresas espalham seus produtos por todos os lugares, os circuitos financeiros movimentam seus dólares para qualquer ponto do globo, desde que seja de seu interesse, o turismo descobre novos países, se globaliza. Cada vez mais somos submetidos à ideologia da globalização. (CORIOLANO,1998, p. 34).

O momento atual, provido de inovações técnicas, instataneidade de ações, informações e decisões, é concebido por Santos (2002, p. 190) como período técnico-científico-informacional. Em relação a esse período, o autor afirma que “os objetos técnicos tendem a ser ao mesmo tempo técnicos e informacionais, já que, graças à extrema intencionalidade de sua produção e de sua localização, eles já surgem como informação. A ciência e a tecnologia, junto com a informação, estão na base da

produção, da utilização e do funcionamento do espaço e tendem a constituir o seu substrato” (ibidem).

No entanto, é cabível elucidar o processo de fragmentação imposto pela globalização. Segundo o autor, com a introdução de novas tecnologias e modernizações, o espaço é permeado por uma notável hierarquia entre os lugares, conduzindo a uma fragmentação e segregação socioespacial (ibidem, 1985, p.32). Dessa forma, os detentores dessas novas tecnologias e modernizações são beneficiados em detrimento dos que não acompanham esse processo, ficando à margem, caracterizando, portanto, a fragmentação e segregação dos lugares.

É, portanto, incontestável a emergência do modelo pós-fordista de produção e consumo em todos os setores da economia moderna, porém, quando se trata do turismo e suas atividades subsidiárias coexistem no mesmo espaço e tempo vestígios do fordismo e do pós-fordismo, conforme aponta Torres (2002, p.93).

No caso específico do turismo ainda existe uma rígida padronização nas viagens. A diferença é que os consumidores têm uma maior opção de escolha. Os hotéis também oferecem uma variedade de outros serviços que incorporam ao seu produto final, além de uma variedade de tipos de hospedagem, que podem ser temáticas, de acordo com o preço, com os serviços, com a estrutura física entre outros. A autora, por sua vez, aponta este estágio global de neo-fordismo, onde coexistem características fordistas e da acumulação flexível no mesmo tempo e espaço.

O turismo, destarte, tem acompanhado o paradigma global das tendências fordistas e pós-fordistas. Observam-se características fordistas aplicadas amplamente

no turismo e na hotelaria, tais como a padronização, o sistema de franquias e o consumo de massa. No entanto, o estudo demonstra a introdução de elementos da acumulação flexível, sendo visualizados através das características de especialização, individualização e flexibilidade que a atividade exige atualmente. Apresenta-se, portanto, uma mudança no padrão do consumo turístico. Contudo, faz-se mister reiterar que essas transformações também influenciam na organização do espaço urbano com a disposição dos objetos, produzindo uma nova ordem espacial dando origem a uma nova reconfiguração espacial.

1.3. O turismo urbano e o processo contínuo de organização espacial

Com a instalação dos objetos espaciais necessários à implantação e ao desenvolvimento turístico em um lugar, incorpora-se uma nova espacialidade, representada pela materialização de novas relações sociais no espaço. “O turismo ao se apropriar do solo e usá-lo de forma específica, modifica a paisagem existente e dá origem a novas formas urbanas. É uma atividade que implica fortemente a estruturação e reestruturação do espaço” (CORIOLANO, 1998, p. 21).

É condição *sine qua non* o entendimento de que o espaço apresenta-se em constante processo de mudança, sendo ativamente modificado com a presença de novos objetos, configurando novos valores. Esse processo contínuo de mudança representa a dinâmica espacial pela qual os lugares, freqüentemente, estão submetidos. Em relação a esse aspecto, Santos (1985, p.9-10) afirma que:

A cada momento histórico cada elemento muda seu papel e sua posição no sistema temporal e no sistema espacial e a cada momento o valor de cada qual deve ser tomado da sua relação com os demais elementos e com o todo... Cada elemento do espaço tem um valor diferente segundo o lugar em que se encontra, cada lugar atribui a cada elemento constituinte do espaço um valor particular. Cada elemento entra em relação com os demais e essas relações são em grande parte ditadas pelas condições do lugar.

No entanto, faz-se mister citar que em relação à dinâmica do espaço urbano, Corrêa (2003a) define o espaço urbano de acordo com seus usos, o qual é representado por diferentes usos da terra que compreendem a organização espacial da cidade, apresentando-se como fragmentada e, ao mesmo tempo, articulada em virtude da dependência entre as partes necessárias à vida na cidade. O autor também remete aos processos sociais inclusos na dinâmica urbana, afirmando que o espaço urbano é reflexo da sociedade, representado pela segregação espacial, refletindo a estrutura social em classes. No caso da cidade capitalista, esta é representada pela desigualdade imposta através das áreas e que a sua dinâmica também apresenta uma mutabilidade, remetendo à idéia de ser o espaço urbano, também, condicionante da sociedade, pois através dos objetos fixados no espaço é possível identificá-lo e caracterizá-lo.

Castrogiovanni (2001, p.25) também comenta acerca da dinâmica inerente ao espaço urbano, quando afirma que:

O tecido urbano é dinâmico e está inserido no processo histórico de uma sociedade. A cada instante há mais do que arte processual e representa uma leitura temporal. A cada instante há mais do que os olhos podem ver, do que o olfato pode sentir ou do que os ouvidos podem escutar. Cada momento é repleto de sentimentos e associações a significados, portanto, há uma constante construção de significações.

No que tange à organização espacial, faz-se mister apresentar algumas práticas que transformam e (re)configuram o espaço. Essas práticas são entendidas por Corrêa

(2003b, p.35) como “um conjunto de ações espacialmente localizadas que impactam diretamente sobre o espaço, alterando-o no todo ou em parte ou preservando-o em suas formas e interações espaciais”. O autor identifica as práticas como: seletividade espacial, fragmentação-remembramento espacial, antecipação espacial, marginalização espacial e reprodução da região produtora.

A seletividade espacial diz respeito, no processo de organização espacial, à localização de uma forma ou atividade em um espaço de acordo com os atributos do lugar, julgados necessários para seu estabelecimento. A fragmentação e o remembramento espacial possuem uma conotação política, levando a diferentes formas de controle sobre o espaço. Este, por sua vez, pode apresentar-se de forma fragmentada, com características peculiares e independentes das demais porções, outrora lembrada, necessitando de vínculos constantes com os demais espaços. Em relação à antecipação espacial, o autor afirma que acontece quando um objeto espacial se firma em um dado local antes que o mesmo apresente condições favoráveis para o estabelecimento de determinados fixos. A marginalização espacial diz respeito ao valor atribuído a um local ao longo dos anos, à medida que se altera sua importância, deixando-o à margem da rede de lugares a que se vincula. Concernente à reprodução da área produtora, refere-se ao processo de valorização produtiva do espaço, necessitando da viabilização das condições de produção, implicando em práticas espacialmente localizadas, efetivadas pelo Estado ou pelas grandes corporações e empresas atuantes (CORRÊA, 2003b).

No processo de organização espacial, faz-se necessário dizer que os novos objetos coexistem com os antigos e que essa existência contínua representa a

dinâmica socioespacial. O velho, por sua vez, representa um obstáculo à expansão capitalista, já o novo é representado pelos objetos essencialmente representativos da modernidade.

(...) quando o velho não pode colaborar para a expansão do novo, a lógica do capital manda que seja eliminado. O novo é essencialmente representado pelas inovações, cuja matriz atual é dada pela ciência e pela técnica, isto é, as comunicações modernas, os mecanismos modernos de captura da acumulação(...). Novo e velho encontram ambos permanentemente em estado de mudança... funcionam, porém, em forma complementar e conjunta (SANTOS, 1985, p. 79).

Assim, é cabível a afirmativa de que os espaços detentores dessas modernidades conduzidas pela globalização, ou seja, os espaços que possuem novas formas são espaços privilegiados perante os que possuem as velhas formas, ficando estes últimos à margem do processo, conduzindo-os a uma fragmentação socioespacial.

No caso da hotelaria, a coexistência entre o novo e o velho acontece quando se observam em uma mesma localidade grandes e modernas estruturas representativas da modernidade dividindo o espaço com as estruturas arcaicas familiares, de estrutura física e organizacional antiga, as quais não conseguem inserir-se no contexto vigente. As novas formas, nesse caso específico, os hotéis “modernos”, são seguidores de uma estrutura física e organizacional comandada por uma lógica mundial e superior, obedecendo aos conceitos de verticalidades.

O turismo, como reestruturador do espaço, transforma as paisagens urbanas incorporando novos objetos e valores às diferentes áreas da cidade. No entanto, é cabível a premissa de que o espaço urbano possui sua dinâmica independente da atividade turística. Esta, por sua vez, nas grandes cidades, é constituída por fluxos que

determinarão a existência de novos fixos, componentes e vinculados à cidade. O espaço urbano turístico é, pois, compreendido como um espaço, inserido na cidade, detentor de fixos e fluxos que atraem e buscam atrair uma demanda oriunda de outras localidades. É pertinente citar que essas localidades possuem uma dinâmica inerente ao espaço e também uma hierarquia de valores concernentes aos lugares, o que definirá, portanto, a organização turística do espaço urbano.

Contudo, Pearce (2003, p. 305) afirma que o estudo do turismo em áreas urbanas ainda é pouco explorado se comparado ao estudo dos *resorts* turísticos litorâneos. As razões disto, cita o autor, advêm do fato de a atividade turística não ser a atividade predominante no espaço urbano, sendo superada em grau de importância pelas funções comerciais, administrativas, residencial e industrial. Também é relatada pelo autor a dificuldade de se especificar aspectos únicos da função turística, uma vez que os serviços oferecidos na cidade dificilmente são projetados única e exclusivamente para o turismo, salvo, em alguns aspectos, os serviços de acomodações.

Os meios de hospedagem no espaço urbano apresentam características específicas da função turística em virtude do conceito de turismo proposto pela Organização Mundial de Turismo (OMT). Esta organização estabelece que, para se configurar uma atividade turística, há necessidade de uma permanência, no mínimo, de 24 horas no lugar visitado, exigindo-se um mínimo de pernoite, consumindo serviços de interesse turístico. Dessa forma, sobressaem os serviços de hospedagem que buscam acomodar as pessoas que estão temporariamente longe dos seus domicílios.

No que tange aos espaços urbanos, faz-se necessário identificar a importância dos serviços e seu dinamismo, haja vista esse espaço ser detentor de inúmeros serviços destinados à sua própria reprodução. Em relação a esse aspecto, Castilho (1998, p.5) afirma que:

(...) na idade Contemporânea, após a primeira Revolução Industrial, que havia ocorrido durante a segunda metade do século XVIII, a intensificação da produção industrial provocou a transferência e fixação de populações rurais nas cidades que se industrializavam; o que, por sua vez, contribuiu para o impulso do crescimento urbano, suscitando a implantação de uma gama de serviços destinados à sua própria reprodução socioeconômica: serviços referentes à saúde, à educação, ao saneamento básico, à segurança, à cultura, ao prazer, etc.

O turismo é tido, para alguns autores, como uma atividade fortemente ligada aos serviços pelo fato de mobilizar uma quantidade significativa de serviços, levando ao consumo e desencadeando o desenvolvimento de novas atividades (OLIVEIRA *apud* CORIOLANO, 1998). Estes serviços receberam forte impulso nos últimos anos em função das exigências impostas pela globalização, a qual valoriza o tempo-livre como opção de consumo. O setor de serviços, por sua vez, passou por profundas mudanças em sua configuração, conforme aponta Trigo (1998, p. 12):

A situação mundial atual do setor de serviços contraria a tendência que predominou durante a maior parte do século XX, quando a indústria garantia aos trabalhadores, mesmo àqueles não muito qualificados, oportunidades de realização profissional e ascensão social. Neste fim de século, os indicadores econômicos apontam que nos países desenvolvidos e em grande parte dos países em desenvolvimento, a maior parte da população ativa está no setor terciário, e que a maior parte do Produto Interno Bruto – PIB desses países e regiões provém igualmente do setor de serviços. Isto não quer dizer que o setor produtivo (indústria) tenha se tornado insignificante. Apenas aponta na direção de que, no fim do século XX, a economia internacional está em sua maior parte, assentada no vasto e complexo setor terciário.

As atividades ligadas ao setor de serviços configuram-se como difíceis de conceituação em virtude da complexidade de suas funções, de sua organização

espacial e suas relações com o mercado de trabalho. Segundo Castilho (1998), durante muito tempo essas atividades foram enquadradas no setor terciário, como ainda o são, uma vez que não se enquadram diretamente na produção de bens, tampouco na transformação da matéria-prima. Este autor destaca, dentre outras classificações, aquela baseada em sua natureza filosófica, como serviços de interesse econômico e serviços de interesse social.

Concernente aos serviços de interesse econômico, faz-se mister citar que os mesmos são organizados, regidos pelos fundamentos do mercado capitalista, objetivando o lucro. Desta forma, em sua organização espacial as atividades encontram-se concentradas. Assim, destacam-se as atividades ligadas ao lazer, dentre elas as atividades ligadas ao turismo. Percebe-se, portanto, que o setor hoteleiro apresenta-se com forte tendência à concentração espacial nas áreas urbanas. Por outro lado, os serviços de interesse social são assegurados pela coletividade pública, mediante a lógica da construção do Bem-Estar Social, que visa garantir a universalização dos serviços a todos os grupos sociais. Nestas atividades estão inclusas segurança, educação e saúde. (CASTILHO, 1998).

A organização do espaço urbano, perante os serviços, obedece a uma dinâmica própria da cidade, através de seus processos e formas espaciais. Os processos sociais, por sua vez, viabilizam e originam novas formas em virtude de ações de localizações e (re)localizações das atividades e das pessoas residentes no espaço urbano.

Dentre os processos espaciais citados por Corrêa (2003, p.37), faz-se mister apresentar dois que são de fundamental importância para o entendimento satisfatório

da dinâmica socioespacial da hotelaria na cidade: Centralização e Área Central, e Descentralização e os núcleos secundários.

O processo de centralização e criação da área central diz respeito à concentração das atividades na área central, também chamada de *Core* ou Central Business District (CBD), detentora de inúmeras funções vitais ao funcionamento da cidade. Esse processo foi amplamente observado no surgimento inicial das grandes cidades capitalistas cuja competição constituía-se como crucial. No entanto, por volta do século XX, o processo de centralização já não mais desempenhava o papel representativo de outrora, convergindo e incentivando o deslocamento dessas atividades para as áreas periféricas, configurando-se como a descentralização e a formação de núcleos secundários, convergidos por fortes fatores de atração, sejam eles físicos, legais ou ideológicos.

A atividade turística também é influenciada por esta organização da cidade, à medida que se produzem algumas áreas mais valorizadas e dinâmicas do que outras se fixam objetos espaciais das atividades mais importantes do momento. No entanto, é cabível dizer que essas formas espaciais não são permanentes, mudando e (re)configurando o espaço através do deslocamento das atividades do CBD para as áreas periféricas ou vice-versa. Faz-se necessário, portanto, destacar que as atividades ligadas ao setor de acomodações adquirem amplitude quando analisadas do ponto de vista do espaço urbano em função de sua visibilidade notória perante as variações espaciais no espaço da cidade.

Dessa forma, diante da segmentação existente no setor de acomodações, os hotéis obtêm relevância em virtude de seu porte e de seus serviços, bem como de sua abrangência na dinâmica da distribuição espacial no espaço urbano, ora concentrando-se na área central, ora deslocando-se desta para outros setores da sua periferia. Assim, apresenta-se a dinâmica do espaço turístico urbano.

1.4. Conceitos e origem da hotelaria

No tocante à explanação anterior, a qual apresentou os hotéis como objetos espaciais reestruturadores do espaço, faz-se necessário elucidar alguns termos outrora abordados, tais como: hotel, hotelaria e hospedagem, buscando consolidar uma tipologia significativa para o entendimento acerca do estudo realizado. Além do mais, faz-se mister explicar o processo que (re)configurou a hotelaria no espaço urbano, ao longo do tempo.

O surgimento da palavra hotel remonta ao século XVIII, advindo de uma palavra francesa *Hôtel*, que originalmente significava a residência do rei. O termo era designado referindo-se a prédios suntuosos pertencentes à aristocracia francesa. Em meados do mesmo século, alguns desses objetos, situados nas cidades, passaram a alugar quartos a fidalgos, como alternativa às hospedarias, às estalagens e aos mosteiros, sendo, concomitantemente, associados aos meios de hospedagens mais luxuosos, conforme aponta Barbosa (S.D).

De fato, a terminologia, bem como os primeiros hotéis surgiram na Europa, ficando o Brasil longe dessa experiência por um longo período. Apenas, posteriormente, o termo foi incluído à sua língua, por volta do século XIX. Esse fato é citado por Pires

(2001), quando afirma que o Rio de Janeiro conheceu, antes de outras cidades brasileiras, as novidades que já se faziam presentes naquele continente.

É importante dizer que o significado da palavra hotel é designado relacionando-o à estrutura física e aos serviços oferecidos. Dessa forma, Andrade (2002, p.168) afirma que “hotel é o edifício onde se exerce o comércio da recepção e da hospedagem de pessoas em viagem ou não, e se oferecem serviços parciais ou completos, de acordo com a capacidade da oferta, as necessidades ou as requisições da demanda”.

Alguns autores, por sua vez, reforçam a questão relativa à infra-estrutura física dos objetos, acrescentando a questão da sua localização, sendo preferivelmente alocado no espaço urbano. Dessa forma, é possível identificar a importância desse tipo específico de alojamento na cidade.

É a edificação com localização preferencialmente urbana; normalmente com vários pavimentos (partido arquitetônico vertical). Oferece hospedagem e alguma estrutura para lazer e negócios. Unidades Habitacional (UHs) com banheiro privativo ou em no mínimo 60% da UH, para os que já operavam. (EMBRATUR *apud* FERRI; RUSHMANN, 2000, p. 50).

No que tange ao termo hospedagem, este se refere aos serviços oferecidos, que vão além da simples acomodação, estendendo-se aos equipamentos hoteleiros. Também se evidencia a finalidade de lucro, exigida por esse tipo de empresa, reiterando a natureza filosófica dos serviços regidos pelos fundamentos mercantes do capital, conforme cita Andrade (2002, p.168):

O conjunto de atividades próprias ou específicas do hotel denomina-se hospedagem e inclui os serviços de bem receber e o fornecimento dos bens necessários ao desempenho requerido para o cumprimento cabal de suas funções, que - embora aparentemente cordiais e amistosas - se baseiam nas leis de mercado, são essencialmente profissionais e comerciais e visam à melhor lucratividade possível.

Segundo Ferri & Rushmann (2000), os hotéis são classificados através de diferentes tipos de concepções, sejam elas relativas ao motivo da viagem, à localização, ao preço e à variedade. Relativos aos motivos da viagem, podem se enquadrar os hotéis de negócios e os de lazer; concernente à localização existem os do centro, do bairro, do aeroporto, das rodovias e dos *resorts*. Relacionando ao preço, adota-se a classificação de luxo, de 1ª classe, médios, turísticos, econômicos e simples; em se tratando da variedade dos serviços, faz-se mister citar o *full service*, que inclui os serviços completos, e o *limited service*, que se referem aos serviços limitados.

Esta classificação se faz necessária à medida em que se relacionam as características dos hotéis à sua localização e distribuição no espaço urbano. Através da identificação dos tipos de hotéis presentes em um subespaço, no caso específico da cidade, referindo ao *core* ou CBD, como também à área periférica é possível inferir a hierarquia de valores imposta à determinada localidade, principalmente no tocante à atividade turística.

As mesmas autoras, acima citadas, também fazem menção aos hotéis urbanos, conceituando-os como “edifícios localizados dentro das cidades, em zonas urbanas e próximas a lugares de diversão, como teatros, cinemas, museus, sítios históricos etc”. (2000, p. 48).

Percebe-se, portanto, que o estudo da hotelaria implica na abordagem de temas relativos aos hotéis, hospedagem e seus serviços. Desta forma, buscou-se construir uma definição associada à hotelaria, caracterizando-a como representação, análise e estudo dos hotéis frente aos seus serviços, sua localização e sua dinâmica no espaço; por sua vez, considerados como objetos espaciais dirigidos, como foi visto anteriormente ao consumo turístico.

Antes de se passar para a seção seguinte deste capítulo, buscar-se-á fazer, ainda, um breve resgate histórico-geográfico da evolução da atividade hoteleira.

Assim, as primeiras menções feitas acerca de equipamentos de hospedagem remontam ao século VII a.C., em virtude dos eventos desportivos da Grécia Antiga. Tais acontecimentos ocorriam a cada quatro anos e eram um fator de atração para atletas e espectadores. No entanto, faz-se mister citar registros da construção de uma hospedaria para abrigar os participantes, sendo considerado, portanto, o primeiro hotel da história. Os gregos foram responsáveis, também, pelas primeiras construções de estradas que favoreceram consideravelmente a atividade turística, bem como o setor de hospedagem, conforme apontam Bley & Zeglin (2005, p.2).

No Império Romano, em virtude das conquistas territoriais, aumentou-se o número de viagens, suscitando um intercâmbio comercial; também neste período, observam-se as primeiras viagens a lazer, motivadas pelos espetáculos de lutas entre gladiadores (CONFEDERAÇÃO..., 2005, p.8). Bley e Zeglin(2005) afirmam, também, que a Via Ápia na Roma Antiga, em virtude desses eventos e pelo caráter dinâmico da cidade, era um lugar circundado por pousadas.

Na Idade Média, Andrade, Brito e Jorge (1999) afirmam que o alojamento aos visitantes era feito através de mosteiros e abadias, sendo uma obrigação moral e religiosa. Com o decorrer do tempo e com o advento das monarquias nacionais, a hospedagem era exercida pelo próprio Estado, nos palácios da nobreza ou nas instalações militares e administrativas.

A demanda por hotéis, por sua vez, foi estimulada pelo incremento do turismo na Europa, a partir dos séculos XVII e XVIII, com a criação de estâncias balneárias, voltadas para cura e tratamento de doenças através de banhos de mar, conforme aponta Gonçalves (2004, p.62). No entanto, Andrade, Brito e Jorge (1999, p. 18) afirmam que a hospedagem passou a ser uma atividade estritamente econômica e explorada comercialmente após a Revolução Industrial, com a expansão do capitalismo, por volta do Século XVIII. Entre os precursores de tal mentalidade “moderna” e a utilização do termo “hotel”, apresentam-se a Europa, em especial a Inglaterra, e os Estados Unidos.

Já no Século XIX, um fator de importante propulsão da atividade hoteleira concerne à expansão das ferrovias e ao desenvolvimento dos barcos a vapor. Diante desta constatação, é possível inferir a importância dos transportes no desenvolvimento e expansão da atividade turística, bem como do segmento de hospedagem. Pearce destaca tal importância à medida que afirma que “as mudanças no padrão de localização dos hotéis resultou não só em modificações no uso do solo, mas também no desenvolvimento do setor de transportes. São mudanças que podem ocorrer simultaneamente” (2003, p.309).

Observa-se, portanto, que o setor de hospedagem mantém uma íntima ligação com o desenvolvimento dos transportes à medida que auxilia e facilita o deslocamento, como também reduz o tempo de chegada entre os núcleos receptores e emissores. Assim, Page (2001, p. 18) aponta que:

As transformações ocorridas como resultado desta abertura econômica (e globalização) do setor recreacional, apoiada por meios de transporte e comunicação de alto desempenho, tornaram as sociedades menos dependentes dos recursos naturais e das limitações de distância e tempo.

Já Paolillo e Rejowski (2003, p. 9) citam o fato da necessidade de locomoção, pois afirmam que qualquer tipo de turista faz uso de pelo menos um tipo de meio de transporte no decorrer de sua viagem.

Os autores afirmam que o transporte surgiu como forma de atendimento a uma necessidade humana com a finalidade de facilitar o trabalho físico, sobretudo no transporte de cargas. No entanto, é pertinente citar que o seu desenvolvimento segue paralelo à história do turismo, pois em meados do século XIX e princípio do século XX faz uso primeiramente do transporte ferroviário. Neste mesmo período, tem-se origem o turismo organizado, com o surgimento de agências de viagens (Paolillo e Rejowski , 2003, p.11).

Até à Primeira Guerra Mundial houve o desenvolvimento do transporte marítimo, que culminou com o desenvolvimento dos cruzeiros de luxo. No que tange ao período posterior à Segunda Guerra Mundial, houve, concomitantemente, o desenvolvimento do transporte aéreo e rodoviário que contribuiu significativamente para a expansão do turismo de massa, consolidando o turismo doméstico.

Em 1830, surgiram na Suíça os primeiros hotéis construídos exclusivamente para turistas a fim de atender à demanda gerada pelos passeios aos Lagos Suíços. Em 1841, no entanto, surgiu a primeira agência de viagens criada por Thomas Cook, conhecido como “O PAI DA VIAGEM MODERNA” (GONÇALVES, 2004, p. 63). Na segunda metade do século XIX, as companhias ferroviárias construíram vários empreendimentos hoteleiros nos Estados Unidos e na Europa, próximos a terminais, consolidando o elo elucidativo entre meios de transporte e hospedagem. Desta forma, faz-se necessário remeter ao conceito de sistema de objetos, citado por Santos (1996, p.25), uma vez que o hotel não tem nenhuma significância se tomado separadamente. O objeto, portanto, tem que ser analisado como sistema, dependente de outros objetos que irão sugerir uma totalidade.

Gonçalves (2004) classifica como os pais da hotelaria mundial o suíço César Ritz, o francês Robert Huyot e o norte-americano Conrad N. Hilton porque foram estes os responsáveis por mudanças significativas em termos de serviços e estrutura no que tange à administração e à infra-estrutura do hotel. César Ritz introduziu o conceito de quarto privativo, hoje chamado de apartamento, em 1870, como também empregou técnicas de relações públicas em hotéis, através do envio de cartas pessoais aos clientes e introduziu os concertos musicais durante as refeições. Em 1920 e 1930 Huyot, por sua vez, foi o pioneiro a desenvolver serviços para homens de negócios e a aplicar técnicas de marketing e gestão empresarial em hotéis e também é considerado o precursor na gestão de cadeias hoteleiras, uma vez que se tornou presidente de uma rede de hotéis. Hilton, em 1965 foi responsável pelo sistema *franchising* no setor

hoteleiro e desenvolveu a Hilton Internacional Company, considerada a primeira empresa especializada em administração hoteleira.

A atividade hoteleira, por sua vez, acompanha as mudanças e tendências de ordem econômica nacional e internacional, sofrendo influências diretas e indiretas no lugar onde o objeto espacial –hotel- está instalado, representando, portanto, as pressões verticais exercidas nos espaços. Dessa forma, observa-se que os acontecimentos mundiais repercutiram ora positivamente, ora negativamente sobre a hotelaria no mundo.

A primeira grande crise econômica mundial do século XX, a de 1929, juntamente com a depressão econômica dos anos 1930, fizeram com que os hotéis sofressem os impactos oriundos desta crise, apresentando uma grande redução na procura por hospedagem em todo o mundo. A demanda no setor apenas foi reerguida com os deslocamentos populacionais ocasionados pela Segunda Guerra.

A partir de 1945, no entanto, com o final da guerra, o setor hoteleiro cresceu e diversificou-se motivado pelo incremento da atividade econômica, pela elevação da renda da população, massificação dos transportes e expansão internacional das grandes empresas norte-americanas e européias (BARBOSA, SD). A autora afirma, também, que as primeiras redes hoteleiras surgiram na metade do século XIX, momento em que grupos de empresas passaram a assumir a propriedade de muitos estabelecimentos na Europa e nos Estados Unidos.

Sua atuação, no entanto, era restrita ao interior dos países, caracterizando as cadeias nacionais. Por volta da década de 1970, porém, houve a expansão das redes

internacionais de hotéis, uma iniciativa criada pelas grandes empresas aéreas que procuravam explorar a complementaridade entre serviços de transporte e hospedagem; esse aspecto foi vivenciado até o início da década de 1980 em virtude do aumento da competição, promovida pela desregulamentação das atividades e pelas fusões e aquisições entre as operadoras do setor (ibidem).

Nesse contexto de competição, fusão e diversificação, faz-se mister citar Moraes (2001) o qual afirma que as empresas globais, buscando garantir lucros, concentram-se nas fusões e diversificação dos serviços oferecidos para consolidar-se de vez no mercado. Ao mesmo tempo em que centralizam as funções de decisão, especializam-se investimentos para o supervisionamento das atividades das subsidiárias instaladas longe dos centros de comando graças às novas tecnologias avançadas de comunicação.

No final da década de 1970 e início dos anos 1980, houve o segundo choque do petróleo, gerando uma diminuição do nível de atividade na economia internacional, fato que acarretou uma redução no número de viagens ao redor do mundo. A partir de 1983, no entanto, a demanda do setor começa a recuperar-se com a retomada do crescimento das viagens internacionais, estimuladas pela queda no preço da passagem aérea.

Por isso, a década de 1980 também é marcada pelos grandes projetos hoteleiros voltados para segmentos específicos, trazendo à tona a segmentação de mercado a esse setor da economia, como também o mesmo passa pela automação de processos e pela introdução de programas de fidelidade (GONÇALVES, 2004). Esses fatos

dinamizaram e modernizaram o setor hoteleiro, acompanhando a modernização mundial dos diversos setores da economia.

1.5. A evolução da hotelaria no Brasil

No Brasil, os hotéis demoraram muito para se firmarem. A região Sudeste, principalmente as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, foi pioneira nesse aspecto. Dentre os fatores preponderantes destacam-se a vinda da Família Real e a conseqüente abertura dos portos brasileiros às nações amigas acarretando a introdução dos costumes franceses e ingleses no país.

Nesse período, no entanto, prevaleciam as formas de hospitalidade religiosa e familiar, referentes às casas grandes dos engenhos e fazendas, nos casarões das cidades e nos conventos. No entanto, é cabível afirmar que havia uma situação de precariedade em que se encontravam. Sobre essa situação cabe ressaltar o relato de Mawe (*apud* PIRES, 2001, p. 51) no qual afirma que:

[...] as estalagens e tavernas são quase destituídas de acomodações, e tão desconfortáveis que um estrangeiro nelas só residiria se não encontrar nenhum amigo que o hospede. O aluguel das casas, em geral, é tão elevado quanto o de Londres em razão, ao que parece, da falta de materiais de construção e do alto preço da alvenaria.

Pires (2001, p. 50) também cita que, dentre as causas da má prestação dos serviços naquelas estalagens, encontra-se a mentalidade preconceituosa relativa às atividades desempenhadas na época:

não obstante estar a cidade do Rio de Janeiro em acentuado desenvolvimento urbano, com grande incremento do setor terciário, a prestação de serviços continuava precária, em decorrência da mentalidade escravista, que fazia com que o branco não apenas desprezasse os trabalhos manuais mas tudo que pudesse colocar em risco seu *status* e suas pretensões de imitar a fidalgia.

A palavra hotel já era conhecida. No entanto, era mencionada para designar uma simples estalagem. No período em que o Rio de Janeiro se configurou como sede do Império, não se tem menção a nenhum hotel tal qual concebido posteriormente. Não bastasse a péssima condição nos meios de hospedagem, a situação dos transportes, elemento de grande valia ao desenvolvimento da hotelaria tal como foi visto anteriormente, também era bastante periclitante, o que de fato impedia o desenvolvimento do turismo, conseqüentemente do setor hoteleiro.

A melhora no setor de transportes só ocorreu na década de 1860, com a introdução de uma rede de bondes puxados a burro na cidade do Rio de Janeiro; tal fato obteve impulso através de uma atividade bastante explorada naquela década que foi o banho do mar, uma vez que se precisava de melhora significativa no deslocamento a essas áreas (ibidem, 2001).

No que tange às estalagens, é preciso afirmar que, além da precariedade e improvisação dos serviços prestados, observava-se a total improvisação no atendimento aos hóspedes, pouquíssima variedade de alimentos e inabilidade de preparo, além de seus preços exorbitantes e diferenciados.

No entanto, apenas por volta da década de 1870 é que, na hotelaria, se apresentam os primeiros embriões de uma fisionomia moderna da Corte, preocupando-se não só com os aspectos ligados a pernoite, mas também em agradar o hóspede que

utilizava seus serviços. Desta forma, utilizou-se dos aspectos locacionais de atração a fim de atender à procura pelos banhos de mar, como também se utilizou da gastronomia internacional para a atração de hóspedes (PIRES, 2001).

Pode-se afirmar, no entanto, que, por volta da década de 1880, o Rio de Janeiro apresentava uma hotelaria distanciada da simples estalagem, forma de hospedagem reinante no período colonial, contando com hotéis de prestígio e normalmente contando com proprietários estrangeiros que introduziam as modernidades ao setor.

O Rio de Janeiro, desta forma, apresenta-se como precursor no estabelecimento e desenvolvimento dos hotéis. Outra cidade que também apontou como precursora nesse processo foi São Paulo, após a inauguração da estrada de ferro inglesa. No entanto, esta se apresentava aquém da dinâmica carioca, conforme aponta Pires (2001, p. 161):

Em São Paulo a quantidade de estabelecimentos que levavam o nome de hotel era bem inferior à da Corte, mesmo uma década mais tarde, pois o Almanaque de 1858 mostra a existência de seis deles. Nem todos, contudo, ofereciam hospedagem, apesar do nome; alguns apenas designavam cafés e bilhares.

Em 1907, o Brasil recebeu os primeiros turistas internacionais, através de uma excursão organizada pela agência Cook para o Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano a cidade passou a receber incentivos fiscais para construção de novos hotéis através do Decreto nº 1130, de 23 de dezembro, que estabelecia a isenção, por sete anos, de todos os impostos municipais aos cinco primeiros grandes hotéis que se instalassem na cidade.

Dessa forma, foi construído no Rio de Janeiro o primeiro edifício do país a abrigar um estabelecimento hoteleiro, uma vez que, até o presente momento, os hotéis funcionavam em prédios adaptados. Tal estabelecimento foi chamado de Hotel Avenida, sendo considerado o maior empreendimento do tipo, com 220 apartamentos.

Em São Paulo, vários empreendimentos de pequeno e médio portes foram construídos na capital e no interior pelos fazendeiros de café, para atender às viagens de negócios. Com isso, foi fundada em 1921 a União dos Proprietários de Hotéis, Restaurantes, Confeitarias, Cafés e Casas do Gênero de São Paulo (BARBOSA, SD).

Na década de 1930, o país passou a sofrer os efeitos da diminuição do número de viagens, com a crise de 1929. Nesse mesmo período, no entanto, ocorre a espacialização dos grandes hotéis ao longo do país, pois os mesmos passam a ser instalados nas capitais dos estados brasileiros, nas estâncias hidrominerais e nas áreas promovidas pelos grandes cassinos, que funcionavam junto aos hotéis. Estes últimos, contudo, fecharam em 1946 em virtude da proibição dos jogos de azar no país, ocasionando o desaparecimento dos cassinos e, concomitantemente, dos hotéis parceiros, segundo aponta Gonçalves (2004).

A partir do final da década de 1950, a situação se modifica, com o desenvolvimento do transporte aéreo no Brasil, por meio da introdução de aviões de grande porte e investimentos em aeroportos e rodovias interestaduais, além da instalação da indústria automobilística. Dessa forma, a década de 1950 é marcada pela introdução de inovações que buscassem garantir o atendimento ao consumo de massa.

Na década de 1960, por sua vez, surgiram as primeiras iniciativas do poder público em estimular o desenvolvimento do turismo no Brasil, criando o Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR), bem como o Fundo Geral do Turismo (FUNGETUR), incentivando a construção de hotéis intermediários (ibidem). É importante mencionar que a classe média, enquanto base para uma sociedade de consumo de massa, aparece no século XX. Referindo-se aos países em desenvolvimento, especificamente ao Brasil, este fato é observado após a década de 1940.

A década de 1970 é marcada pela expansão das redes hoteleiras locais e pela entrada no país de grandes cadeias internacionais, motivadas pelo aumento da concorrência e pela expectativa de crescimento do turismo e das viagens de negócios internacionais. A estratégia utilizada pela maior parte das redes internacionais foi a associação com grupos nacionais, que, na maioria dos casos, assumiam a responsabilidade pelos investimentos imobiliários dos projetos hoteleiros. Os principais impactos da entrada das operadoras internacionais foram a diversificação dos serviços de hospedagem e o aumento da profissionalização no setor (BARBOSA, SD).

Apesar da crise econômica internacional, no início da década de 1980, alguns projetos hoteleiros elaborados no final dos anos 1970 foram consolidados, concernentes ao segmento de luxo. No entanto, desse período até a implantação do Plano Real, em 1994, os projetos em geral foram prejudicados em virtude da instabilidade econômica e pelo crescimento acelerado da inflação. Acrescido a isso, também contribuiu para a estagnação no setor hoteleiro a redução da entrada de

estrangeiros motivada pelo aumento da violência no país e pela diminuição da atividade econômica, com a implantação do Plano Collor, em 1989 (ibidem).

A estabilização econômica, a partir de 1994, marcou o início de uma fase de expansão da demanda do setor hoteleiro no Brasil motivada pela entrada de estrangeiros no país e pelo incremento do número de viagens domésticas. O desenvolvimento do turismo doméstico, no entanto, foi promovido em função do incremento de renda da população e do financiamento de passagens aéreas e dos pacotes turísticos. Por outro lado, é cabível afirmar que o país apresentou uma melhora em sua imagem perante o exterior, como também se aponta a entrada de empresas internacionais e os investimentos em infra-estrutura e novos produtos turísticos que permitiram o crescimento da entrada de estrangeiros no país (ibidem).

Através do exposto, no que tange a uma brevíssima história da hotelaria no Brasil, fica evidente que a atividade hoteleira segue as mudanças e tendências de ordem econômica nacional e internacional, sofrendo influências diretas e indiretas desse contexto. A hotelaria do Recife também segue os rumos de tais mudanças, escrevendo sua história diante de um contexto mundial de adaptação à modernidade e pós-modernidade, mas considerando suas peculiaridades no que tange ao local.

CAPÍTULO 2: EXPANSÃO URBANA E VIABILIZAÇÃO PARA A IMPLANTAÇÃO DE HOTÉIS EM RECIFE

Recife apresenta peculiaridades em torno da sua ocupação urbana. A sua população crescia sobre áreas oriundas de antigos engenhos situados nos arredores da cidade. Mas, até meados do século XX, prolongando-se um pouco mais, a área central tradicional do Recife concentrava as principais atividades econômicas da cidade, inclusive aquelas ligadas ao lazer e turismo. Deste período em diante é que o bairro de Boa Viagem tornou-se uma área privilegiada ocupada pela elite dominante.

A partir de então, o valor que outrora o centro tradicional dispunha é deslocado para a periferia; o que demonstra, como dito antes, as variações sofridas pelos lugares no âmbito da dinâmica socioespacial urbana à medida que parcelas da cidade ganham ou perdem valor ao longo do tempo.

Nesse contexto inerente ao processo de produção do espaço, a atividade hoteleira também acompanha a dinâmica espacial vigente, uma vez que ela está associada às modificações da localização dos objetos espaciais, ou seja, dos hotéis, modificando o caráter das funções preestabelecidas de cada localidade. No que tange à cidade do Recife, observa-se, em um primeiro momento, que os hotéis eram fixados em torno do centro o qual dispunha de atividades e valor que justificavam essa localização. Somente em um segundo momento, como dito acima, observa-se que, em meados da década de 1970, esse quadro começa a se modificar, uma vez que os hotéis passam, desde então, a se concentrarem no bairro de Boa Viagem.

O presente capítulo busca, pois, traçar a evolução urbana do Recife, mais precisamente, da sua área central e do bairro de Boa Viagem, áreas importantes no contexto turístico e hoteleiro da cidade em questão, a fim de fornecer base para o entendimento da evolução da atividade hoteleira.

Fez-se necessário, para tanto, um levantamento bibliográfico nos meios impressos e eletrônicos, o qual incluiu a aquisição de informações através do acervo da Biblioteca da FANDAJ e da EMPETUR, contribuindo para uma reconstituição da ocupação urbana da cidade. Buscou-se, também, materiais no Arquivo Público Estadual, obtendo um guia da cidade da década de 1960, além de listas telefônicas das décadas de 1970 a 1990. Em posse desse material, juntamente com informações obtidas no Inventário da Oferta Turística do Estado de Pernambuco, bem como de informações do setor de Registro e Classificação da EMPETUR, foi possível fazer a referida reconstituição.

2.1. A área central do Recife: do apogeu aos primeiros indícios do abandono

Em decorrência de fatores econômicos da metrópole portuguesa, bem como da necessidade de defender e explorar a colônia, no ano de 1534, o rei de Portugal D. João III decidiu dividir a costa brasileira em grandes capitanias. O donatário Duarte Coelho recebeu por doação as terras de Pernambuco, fixando-se nelas, fundando as primeiras vilas e tornando a vila de Olinda a sede do governo de sua capitania.

No entanto, no que concerne ao porto, este foi localizado no Recife, tal como mostra Castro (1954, p. 63): “Conformaram-se, pois, os habitantes de Olinda em fazerem uso do porto natural de Recife, abrigado e seguro, embora um pouco distante,

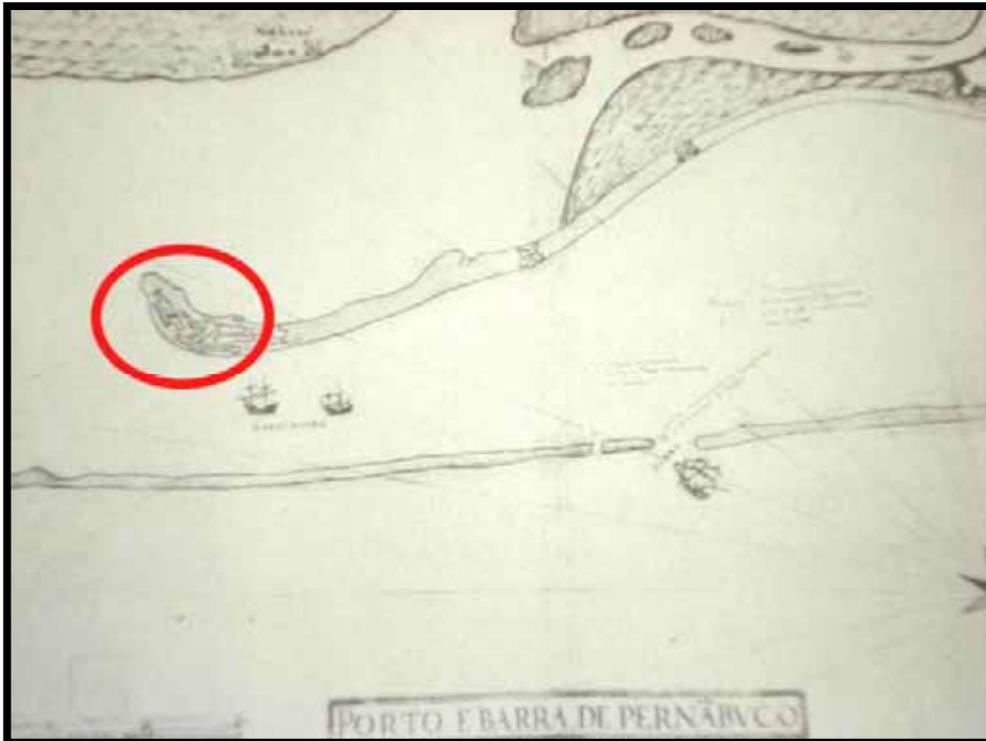
exigindo o transbordo das mercadorias para os botes, saveiros, chalupas e pequenos barcos que navegavam pelo Beberibe, entre a cidade e o porto”.

Em decorrência das atividades portuárias, houve uma tímida concentração urbana nos arredores do Porto, fazendo surgir, portanto, algumas formas espaciais, como armazéns para retenção do açúcar e casas de pessoas que trabalhavam no porto, passando a determinar a função comercial daquela localidade. Dessa forma, percebe-se a importância do porto para o Recife uma vez que a cidade foi erguida em decorrência do Porto. Sua importância, bem como os progressos da capitania, nos princípios da povoação, são destacados por Castro (1954, p.82):

Povoação criada para servir ao porto e, portanto, como uma consequência direta de sua atividade específica, com sua vida e seu futuro indissolúvelmente ligados à vida do porto. O porto prosperou. Consequência direta da prosperidade da Capitania: cortava-se nas matas muito pau-brasil e fabricava-se nas várzeas muito açúcar, e a Capitania de Duarte Coelho sobrepujou todas as demais.

Em virtude da prosperidade por que vinha passando a Capitania, com a exportação do açúcar, o Recife transformou-se em um dos principais núcleos portuários do país, logo no início da colonização de Pernambuco. Apesar disso, Ana Tereza Duarte (1979, p.20) destaca que o Recife não foi só fundado, como também se desenvolveu em função do açúcar. No entanto, o centro urbano da capitania continuava a ser Olinda. E a cidade do Recife restringia-se apenas ao bairro do Recife, lugar onde estava inserido o Porto (**Figura 02**).

Figura 02:- Recife no ano de 1631 –



Fonte: (Menezes, 1988, p.17)

Diante do exposto, apreende-se a importância da função comercial, decorrente da exportação, que norteava a cidade do Recife em princípios de sua colonização. No entanto, vale ressaltar que esta era fundamentada unicamente para atender às necessidades da metrópole, segundo aponta Izabella Leite (1999, p. 58):

As cidades brasileiras da época colonial, inclusive o Recife, nasceram da vontade da coroa portuguesa de constituir os centros de dominação, onde a missão primordial era a proteção do litoral da colônia. Criadas num contexto de economia exportadora – fundada de início sobre a extração e, em seguida, sobre a produção agrícola -, as cidades exerciam funções comerciais através da exportação de produtos locais e de importação dos produtos originais da metrópole. Como agentes oficiais da coroa, funcionavam também como lugar de prestação de serviço dos setores produtivos pela recepção de imposto, concessão de terras, legitimação das transações comerciais ou de bens em herança e ação do poder judiciário.

O crescimento da cidade do Recife, por sua vez, foi observado com a ocupação flamenga no século XVII. Desde o início, os holandeses demonstravam desprezo pelas Terras Olindenses, fixando-se em Recife. Com isto, Recife foi passando, paulatinamente, de simples entreposto comercial e adotando melhoramentos nitidamente urbanos. A partir de então, deixa-se de lado a função essencialmente agrária que assumiu a cidade na colonização portuguesa (DUARTE, 1979).

Os holandeses fizeram as primeiras melhorias no ancoradouro, além de um plano urbanístico para a cidade, incluindo a Ilha do Recife e a Ilha de Antônio Vaz. Para tanto, iniciou-se o aterramento de mangues e alagados na cidade do Recife (LUBAMBO, 1988). A partir daí, inicia-se a interiorização da ocupação do Recife, a criação de bairros como o de Santo Antônio e São José, além do bairro do Recife, os quais compunham a cidade Maurícia.

A ocupação dos bairros centrais se deu um após outro por força da dominação holandesa. Paralelamente, acontecia a ocupação de grandes porções de terras no interior da chamada zona suburbana, tendo suas origens ligadas às fundações de engenhos para o cultivo do açúcar. Posteriormente, no entanto, essas terras foram loteadas e houve o surgimento de novos bairros, porém não centrais (MENEZES, 1978).

Antes da ocupação holandesa, o bairro de Santo Antônio era ocupado por pescadores e nele existia o Convento de Santo Antônio, erguido em 1606, que deu nome ao bairro. Com a chegada de Nassau, que aí se instalou, o bairro presenciou uma intensa urbanização com o aterramento ou drenagem de mangues e a introdução de

novas formas espaciais principalmente ligadas à função residencial e, posteriormente, à função comercial (CAVALCANTI, 2002).

Após a expulsão holandesa, a capital da Capitania volta a ser Olinda e o Recife se firma cada vez mais na sua função comercial comportando uma burguesia do comércio, de origem portuguesa. Com a vinda da família real para o país, em 1808, e a conseqüente abertura dos portos ao comércio estrangeiro repercutiram nas cidades brasileiras, conforme aponta (idem, ibdem):

O período que se inicia com a abertura dos Portos Nacionais, em 1808, e estende-se até meados do Século XIX, apresenta características nitidamente diversas daquelas do período anterior. Foi uma época de redefinição da economia brasileira, e, por conseguinte, da economia urbana(...) Com a abertura dos portos permitiu-se a instalação de agentes do comércio internacional, em especial o inglês, nos principais núcleos do País. Com a possibilidade de ampliar o mercado externo, através do porto, aliada à oportunidade de lucros alternativos com o apogeu da cultura algodoeira na região, a economia urbana do Recife começou a conhecer suas primeiras transformações de peso.

Em 1639 começou a construção da Nova Maurícia, hoje chamada de bairro de São José; tal lugar foi projetado para abrigar os habitantes de menor poder aquisitivo da época. Concomitantemente, esse período é marcado pela crise da economia açucareira. Desde então, até o final do século XVIII, apenas os principais engenhos dos arredores do Recife transformaram-se em povoados, enquanto que os bairros do Recife e de Santo Antônio não ofereciam mais espaço para ocupação (LUBAMBO, 1988).

No que tange à crise açucareira, é cabível a afirmativa de que com a decadência do cultivo de açúcar, acentuada em virtude da descoberta de minas de ouro no Centro e no Oeste do país, as atenções da metrópole se voltam para essas regiões. No entanto, com o advento da Revolução Industrial na Europa, o algodão passou a ser o

insumo básico para a indústria têxtil inglesa e o espaço do Nordeste agrário não-açuçareiro começou a se reestruturar em função da exportação dessa nova cultura. Dessa forma, a cidade do Recife começa a assumir o papel de capital regional do Nordeste (DUARTE, 1979). A cidade crescia tanto que já se esboçava o que viria a constituir-se, a *posteriore*, a área central do Recife.

Foi a partir desse período que se iniciou uma maior expansão urbana da cidade do Recife (**Figura 03**). Além do núcleo central, formado pelos bairros do Recife, o bairro do porto onde se desenvolviam as atividades do comércio exportador e importador, o bairro de Santo Antônio onde era estabelecido o comércio de varejo e da administração pública e o bairro de São José, lugar que também abrigava parcelas da sociedade de baixo poder aquisitivo, a cidade apresentava diversos núcleos suburbanos. E, no início do século XIX, o bairro da Boa Vista surge como moradia das classes mais abastadas, assim como demonstra Lubambo (1988).

Figura 03: Recife no ano de 1856



Fonte: (Menezes, p. 41)

A partir de 1840, o bairro da Boa Vista passou por aterramentos e, em decorrência, novas formas foram introduzidas, demonstrando que a função residencial caracterizou-se como predominante da área desde então. No entanto, faz-se mister citar que essa ocupação se deu de forma seletiva, privilegiando uma parcela da população, no caso específico, trata-se das classes mais abastadas do ponto de vista financeiro. Concernente a esta questão, Santos (*apud* VILLAÇA, 1998, p. 141) afirma que: “(...) o funcionamento da sociedade urbana transforma seletivamente os lugares, afeiçoando-se às suas exigências funcionais. É assim que certos pontos se tornam mais acessíveis, certas artérias mais atrativas e, também, uns e outros, mais valorizados. Por isso são as atividades mais dinâmicas que se instalam nessas áreas privilegiadas”.

Essa expansão urbana, em redor da Boa Vista, far-se-á com o gradativo desaparecimento dos antigos engenhos e posterior loteamento que se processará ao longo do século XIX. Esses arrabaldes, no entanto, serão ocupados pela população de alta renda em função das amenidades do rio Capibaribe o qual desempenhava um papel de destaque socioeconômico na cidade do Recife. Suas águas possuíam propriedades para a cura de doenças, sendo utilizado como tratamento medicinal. O rio também se comportava como uma importante via de transporte, lazer e higiene. Dessa forma, associando essas características às vantagens de acessibilidade ao centro da cidade, como também ao atraente elemento do sítio natural do lugar é que a “aristocracia” recifense instala-se nessas áreas, em arrabaldes (VILLAÇA, 1998).

Sob outro aspecto, faz-se mister dizer que o traço dominante da cultura nacional, na época, foi a europeização. Destacam-se, portanto os rumos “modernizantes” vindos da França, buscando adequar o estilo de vida francês ao estilo de vida local. No que tange a este fato, o século XIX foi o grande século para a arquitetura do Recife, como aponta Menezes (1978), uma vez que, naquele período, observa-se intenso o crescimento urbano da cidade. Porém, posteriormente, presencia-se a destruição de parte desse patrimônio nos últimos anos deste século em decorrência da concretização de projetos de renovação urbana. Isto porque a cidade estava buscando atender às exigências dos tempos modernos, com a abertura de largas e novas avenidas, destruição de velhas ruas.

Outro fato de relevante significado foi a Proclamação da Independência, em 1822, introduzindo um novo arcabouço político e administrativo no país. No entanto, a

falta de integração dos grupos menos privilegiados fez eclodir movimentos reacionários, como a Confederação do Equador e a Revolução Praieira. (LUBAMBO, 1988).

Contudo, as mudanças mais expressivas que o Recife passou a sofrer datam da segunda metade do século XIX, com a expansão mundial do capitalismo a qual repercutiu em transformações das relações sociais de trabalho, da penetração do capital estrangeiro e da modificação do Estado frente às iniciativas privadas. Aliado a isso é importante citar a crise dos dois principais produtos que compunham a pauta de exportação do país: o açúcar e o algodão, produzidos sobretudo no Nordeste do país. Dessa forma, essa região entra em gradativa decadência econômica (ibidem) e Pernambuco volta a produzir açúcar para o mercado interno, não desenvolvendo nenhuma economia alternativa.

Ao final da segunda metade do século XIX e início do século XX houve o surgimento das primeiras indústrias em Pernambuco, além de promover uma diversificação do sistema produtivo, acarretando uma alta concentração populacional no Recife (**Tabela 1**). Nessa época, a cidade já apresentava um mercado de consumo considerável e a expansão urbana foi acelerada, fazendo surgir novos bairros, além daqueles que compunham o seu núcleo central (**Tabela 2**).

Tabela 1: População do Recife entre 1822 a 1913.

POPULAÇÃO DO RECIFE (1822-1913)	
ANO	POPULAÇÃO
1822	25.578
1843	66.280
1872	92.052
1890	122.026
1900	113.106
1913	218.255

Fonte: Recenseamento do Recife – 1913 *In:* LUBAMBO (1988, p. 64)

Tabela 2: Distribuição da população do Recife por freguesias

DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO DO RECIFE POR FREGUESIAS (1843 – 1913)					
FREGUESIAS	1843		1913		
	ABS	%	ABS	%	
SFP Gonçalves – Recife	9.310	14	5.146	2	
Santo Antônio	-	-	14.857	7	
São José	21.480	32	32.404	15	
Boa Vista	-	-	22.876	10	
Graças	15.865	24	11.887	5	
Afogados	-	-	15.578	7	
Várzea	10.340	16	3.887	6	
Poço da Panela	9.285	14	23.857	11	
Santo Amaro	-	-	16.967	8	
Encruzilhada	-	-	26.272	12	
Madalena	-	-	9.224	5	
Torre			14.461	7	
Peres			9.663	5	
TOTAL	66.280	100	217.076	100	

Fonte: Recenseamento Municipal – 1913 *In:* LUBAMBO (1988, p. 65)

No que concerne à ocupação dos bairros centrais da cidade, em princípio do século XX, Lubambo (1988, p. 66) afirma que:

O bairro de Santo Antônio era o centro administrativo e cultural da cidade na época, abrigava o Palácio do Governo, a Intendência Municipal, o Tesouro do Estado, o Quartel da Cavalaria, o Fórum, o Teatro Santa Izabel, a Biblioteca Estadual, o Gabinete Português de Leitura, as redações e oficinas dos principais jornais que circulavam na cidade, a Escola Modelo e a Faculdade de Direito do Recife. Também, nessa área, concentravam-se as atividades de comércio especializado e a varejo, ainda disputando espaços com o uso residencial. Contudo a maior parte das habitações localizava-se nos outros bairros. Boa Vista era o mais procurado dos bairros urbanos para a moradia das famílias de classe média, seguido do de São José. Já a essa época, verificava-se uma grande ocupação de mocambos em lugares como Santo Amaro e em muitos outros pontos e áreas alagadas. Esses eram, por assim dizer, a principal moradia das classes pobres.

Dessa forma, apreende-se que, conforme aponta a mesma autora, “ricos e pobres coexistiam, mas não há dúvida de que ocupavam e viviam mundos separados”, demonstrando-se, portanto, certo esboço de uma segregação socioespacial no cerne do espaço urbano.

O centro do Recife, por sua vez, já entre os anos de 1950 e 1960, apresentava como bairros centrais Recife, Santo Antônio, São José e Boa Vista. Estes, entretanto, concentravam, em sua área, as funções básicas e uma variedade de serviços que compreendiam o comércio varejista e atacadista, as atividades bancárias, os grandes escritórios industriais (OLIVEIRA, 2000), dentre outros. É, também, nesse período que se observa novo crescimento de bairros periféricos localizados ao sul da cidade, dentre eles obtêm relevância o bairro de Boa Viagem.

É condição *sine qua non* destacar o *glamour* que pairava no centro antigo do Recife, na década de 50 do século XX, observando com freqüência, a movimentação de intelectuais e estudantes nesse espaço. O *campus* universitário era localizado no bairro da Boa Vista. Entretanto, tal quadro começa a se modificar na década de 60 do mesmo século, quando é criado o *campus* universitário no bairro de Engenho do Meio,

permanecendo na área central apenas a Faculdade de Direito do Recife. (MARINHO, 2004) .

A boemia também é uma constante desse período, incrementada, significativamente, no período da Segunda Guerra Mundial. Isto porque a cidade recebeu naquele período um contingente significativo de militares norte-americanos que chegaram para ocupar as bases aqui instaladas pelo governo dos Estado Unidos, incentivando, portanto, a prostituição e ampliando-se as opções de diversões e lazer, com destaque para o cinema que ganhou grandes projeções com a sua inauguração, em 1952, do Cinema São Luiz (ibidem).

Em relação aos transportes, Recife apresentava um arcabouço significativo contando com um porto, um aeroporto inaugurado em 1958, situado no trecho sul da cidade e um moderno terminal rodoviário. Apesar desses meios de locomoção, Marinho (ibidem, p.14) afirma que “além da facilidade para os deslocamentos, estes equipamentos serviam como áreas de lazer para os moradores que, durante horas, entretinham-se com o movimento de ir e vir”. Esse conjunto de fatores, ao dinamizar as áreas nas quais se encontravam, fomentava a concentração de qualquer atividade dinâmica, incluindo aí a hotelaria, na área central do Recife.

A década de 1950 é marcada por um importante acontecimento na história da cidade do Recife: a criação da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste-SUDENE, em 1958, que impunha discussões acerca do tema relacionado ao desenvolvimento regional, propondo a implantação de um modelo econômico que solucionasse os problemas do país. Sua sede, portanto, foi fixada na cidade do Recife.

Na década de 1960, a cidade amplia sua área territorial de 180km² para 209km². A área central tradicional da cidade, formada pelos bairros do Recife, São José e Santo Antônio havia abandonado a função residencial sendo invadido pela função predominantemente comercial e ligado ao setor de serviços. O bairro da Boa Vista é que mantinha ainda significativa participação de moradores.

Em 1966 foi criado o Instituto Brasileiro de Turismo- EMBRATUR, principal órgão responsável pela definição e estruturação de uma política nacional voltada para o turismo. A partir de então, os estados brasileiros, sobretudo os litorâneos, começaram a organizar uma estrutura local voltada ao desenvolvimento da atividade, criando secretarias, departamentos e empresas de turismo. Nesse contexto, surge, em 1967, a EMPETUR (MARINHO, 2004).

Esse conjunto de atividades, concentradas no espaço da área central tradicional do Recife, fez com que não somente o núcleo dessa área bem como outros espaços do seu entorno conhecessem um forte dinamismo socioespacial; o que fomentava a atração de outras atividades dentre as quais aquelas ligadas à hotelaria.

A partir de meados da década de 1970, como em muitas outras áreas centrais tradicionais, essas áreas começam a perder valor, o que aconteceu, sobretudo, em função do acúmulo, em suas áreas, de desenconomias urbanas. Essas deseconomias urbanas referem-se ao processo que é percebido através de um conjunto de fatores, dentre os quais se destacam os seguintes: elevação dos preços dos solos e impostos dos imóveis das áreas, problemas de acesso voltados, especialmente, à indisponibilidade de locais para estacionamento. Além desses aspectos, faz-se mister

citar problemas concernentes à condição do meio ambiente físico da área, sendo caracterizado pela deterioração e falta de comodidades representadas, por exemplo, pela poluição em seus vários aspectos: sonora, visual e do ar. Todos esses fatores tornaram-se, assim, entraves ao desenvolvimento de atividades econômicas para área, proporcionando a fuga de investimentos e atividades da área central para áreas periféricas da cidade que se valoriza.

Em Recife, pois, na década de 1970, houve o surgimento e incremento de bairros periféricos dotados de infra-estrutura moderna que passavam a atrair interesse das populações mais abastadas. Com a desvalorização do centro, por essas populações, suas atividades sociais e os investimentos públicos e privados eram deslocados para a zona sul da cidade, especificamente, para o bairro de Boa Viagem.

2.2. O novo centro: Boa Viagem e seu dinamismo no contexto socioeconômico do Recife

A ocupação do Bairro de Boa Viagem remonta ao século XVII e está vinculada à ocupação da chamada Ilha do Nogueira, lugar em que, no período da invasão holandesa, foi construído um forte que, no século XVIII, foi destruído, fazendo com que seus moradores fossem transferidos para as terras mais ao sul do litoral (COUTINHO, 2005).

Ainda no século XVII, essa área era passagem obrigatória para quem desejava atingir os Montes dos Guararapes, existindo apenas algumas “vendas” que atendiam esses viajantes os quais se deslocavam para esse lugar, além de algumas casas de taipa, nas suas imediações. No início do século XVIII, em 1707, foi construída a Igreja

de Nossa Senhora da Boa Viagem (**Figura 04**), que deu o nome ao povoado. Tal igreja passou a exercer papel de destaque nessa área, contribuindo para o aumento no número de casas à sua volta. (COSTA, 1995).

Figura 04: Igreja de Nossa Senhora da Boa Viagem



Fonte: *In:* www.amaboaviagem.hpg.com.br/historia

No século XIX, quando se formou a burguesia do Recife, a orla marítima foi desprezada pelas elites as quais preferiam concentrarem-se nas margens do rio Capibaribe. Essas áreas, até meados da década de 60 do século XX, foram, por isso, os únicos setores que concentravam a população de alta renda. Só posteriormente é

que elas passaram também a se localizar em Boa Viagem, compondo duas áreas de concentração de alta renda (VILLAÇA, 1998).

O mesmo autor afirma que já por volta da segunda metade do século XIX, inicia-se o hábito dos banhos salgados e a área de Boa Viagem era ocupada por alguns pescadores. Entretanto, no início do século XX, apenas algumas famílias aderiam ao modismo do banho de águas salgadas (**Figura 05**).

Figura 05: Boa Viagem na década de 1930



Fonte: *In:* www.amaboaviagem.hpg.com.br/historia

No ano de 1858, a ocupação de Boa Viagem ganha novo impulso com a inauguração da Estrada de Ferro de São Francisco, ligando o Recife ao município do Cabo de Santo Agostinho. Em relação a esse acontecimento, COUTINHO (2005, p. 39) afirma que “as composições com destino à Vila do Cabo faziam parada na estação

atual situada no final da atual Rua Barão de Souza Leão. No início, era um trole e depois um bonde de burros, que fazia a ligação da praça à estação ferroviária, motivando, assim, a circulação de pessoas principalmente para o lazer, voltado para o desfrute do banho de água salgada”.

Por volta de 1906, o bairro possuía em torno de 60 casas (CAVALCANTI, *op.cit.*, p. 69), sendo construída em 1910 a primeira Estação de Tratamento de Esgotos no bairro do Cabana. No entanto, a partir da década de 1920, inicia-se o processo de expansão urbana do bairro de Boa Viagem, no governo de Sérgio Lorêto (1922-1926), quando se observam importantes obras de infra-estrutura urbana, interligando a região ao núcleo central da cidade. Esse período é marcado, portanto, por polêmicas em torno dessa questão. Afinal, a área habitada por poucas pessoas de origem pobre estava recebendo altos investimentos públicos.

Em 1924 foi construída a Avenida de Ligação, a Avenida Beira-Mar e a Ponte do Saneamento (assim chamada por estar ao lado da Estação de Tratamento de Esgotos), atualmente conhecidas respectivamente pelas avenidas Engenheiro Antônio de Góis, Boa Viagem e a antiga Ponte do Pina. Nesse período, também se inaugurou o serviço de bondes elétricos para a localidade. Estes, por sua vez, trafegavam em mão dupla na avenida Beira-Mar (**Figura 06**). A partir da implantação deste meio de transporte na área, começa-se a perceber o início da especulação imobiliária. Vale ressaltar, no entanto, que essa obra foi desenvolvida por um convênio entre o Governo do Estado e a Pernambuco *Tramways & Power Limited* (COSTA, 1995).

Figura 06: Linha de Bonde na Avenida Beira Mar



Fonte: *In:* www.amaboaviagem.hpg.com.br/historia

Na década de 1930, registra-se o crescimento no número de loteamentos na faixa de praia do bairro de Boa Viagem e início do processo de interiorização de sua ocupação, representado pelo loteamento Setúbal. É nesse período que as ações estatais passam a marcar decisivamente o processo de ocupação da zona sul da cidade. Em 1934 o Estado compra uma área no bairro do Pina para instalação da administração do Porto do Recife. Também, nesse período, dar-se-á a transferência do Aeroporto, que era situado entre o Porto e o bairro de Santo Antônio para o bairro do Ibura, próximo a Boa Viagem.

A década de 1940 caracterizar-se-á pelo crescente processo de abertura de lotes nos terrenos de Boa Viagem e, na década seguinte, a área será marcada definitivamente pelo período de mais intenso crescimento populacional modificando sua

função antes de veraneio para uma função residencial e comercial voltada para as classes mais abastadas do ponto de vista financeiro. Com isso, Boa Viagem torna-se, portanto, uma área elitizada, consolidando-se uma relativa autonomia econômica em relação ao restante da cidade.

Para um entendimento satisfatório a despeito da natureza do processo de ocupação do espaço urbano das áreas litorâneas das metrópoles brasileiras, especialmente, em se tratando do bairro de Boa Viagem, faz-se necessário observar a dissertativa de Villaça (1998, p. 107-108) quando o mesmo discorre que:

A urbanização ao longo das orlas nas metrópoles litorâneas, inclusive e especialmente a infra-estrutura de transportes, decorrem de decisões que atendem a interesses intra-urbano. Tais interesses são os das camadas de alta renda e seus agentes mobiliários(...) São os interesses intra-urbanos que trazem um sistema que trazem um sistema viário local e a urbanização. Nesses setores define-se uma área que atrai o interesse das camadas de alta renda. Estas, pelo poder político que apresentam, pressionam o Estado, que investe nesses setores. A orla oceânica atual como fator a atrair a expansão urbana antes de haver significativa melhoria do sistema de transportes regional e mesmo local. Ela faz nascer um setor em que a demanda antecede a oferta de transportes e do restante da infra-estrutura, essa demanda se manifesta inicialmente por meio do interesse no setor imobiliário enquanto agente daquelas camadas, ou seja, os empreendedores que conhecem com bastante antecedência as áreas que estão fadadas a serem ocupadas por essas camadas. Manifesta-se, também, através do interesse de poucas famílias pioneiras que ocupam a região- inclusive com casas de veraneio-; só mais tarde, e cedendo a pressões políticas das burguesias, é que o Estado introduz melhorias na infra-estrutura viária e, muito mais tarde, na de saneamento e de comunicações, ocorrendo na década de 20 em Boa Viagem.

A década de 50 do século XX também é marcada pela verticalização do bairro (**Figura 07**) com o surgimento dos primeiros edifícios, destacando-se o Acaiaca, o Califórnia, o *Holliday* e o Hotel Boa Viagem, em 1954. No ano de 1953, em virtude da impossibilidade de fluxo de veículos pela Ponte do Pinta, tendo em vista sua estreita largura, foi construída a Ponte Agamenon Magalhães (**Quadro 01**).

Figura 07: Início da verticalização de Boa Viagem na década de 1950.



Fonte: In: www.amaboaviagem.hpg.com.br/historia

Quadro 2: Histórico cronológico de implantação das principais obras públicas em Boa Viagem (1707 – 1953)

PERÍODO	PRINCIPAIS OBRAS/ACONTECIMENTOS
Séc. XVIII 1707	Crescimento do povoamento de N.S. da Boa Viagem propiciado pelo acesso dos “Caminhos do Sul”, atuais avenidas Boa Viagem e Barão de Souza Leão.
Séc. XIX- 1858	Inaugurada a Estrada de Ferro de São Francisco
Séc. XX- 1910	Inaugurada a Estação de Tratamento de Esgotos do Cabanga
1920	Implantação das avenidas da Ligação (atual Av. Eng. Antônio de Góis) e da Avenida Beira-Mar (Atual Avenida Boa Viagem) e da Ponte do Saneamento (atual Ponte do Pina).
1930	Transferência do Aeroporto para o bairro do Ibura.
1940	Abertura de novos loteamentos e ampliação do número de invasões de terrenos
1953	Inaugurada a Ponte Agamenon Magalhães

Fonte: COSTA, Kátia (1995, p. 78)

Em janeiro de 1958, houve a inauguração do Aeroporto Internacional dos Guararapes, o qual substituía, no mesmo prédio, as antigas instalações. Tal fato foi de grande importância ao tráfego aéreo em virtude da privilegiada posição geográfica que Recife dispunha, uma vez que os aviões internacionais com procedência da Europa, no momento, não tinham autonomia suficiente para fazer o percurso diretamente para o Rio de Janeiro e para São Paulo, sendo forçados a pousarem na capital pernambucana (MARINHO, 2004. p. 14).

Na década de 1960, o bairro de Boa Viagem se consagraria como o mais dinâmico da cidade, absorvendo 10% da população total do Recife, sendo classificado como uma área suburbana, a “ que mais crescia e onde mais se construía, elevando-se, a partir de 1965, o número de construções, bem como o preço dos imóveis”. (BARTHEL *apud* COSTA, 1995, p.90).

Por outro lado, a população do Recife crescia a um ritmo cada vez menor, uma vez que a população recifense registrava uma taxa média anual de incremento de 2,6 pontos, Boa Viagem, por sua vez, crescia a uma média de 6,7% (COSTA, 1995, p. 90). Isto também é confirmado por Villaça (1998, p.217) quando afirma que a partir da década de 1960, o vale do Capibaribe (setor oeste da cidade), que era a única área de grande concentração das camadas de alta renda, passa a ser “ameaçado” em virtude do setor sul que crescia significativamente.

A década de 1970 é marcada pela intensificação das atividades de comércio e serviços na área de Boa Viagem. Alguns edifícios de uso residencial passam à função comercial; as filiais de grandes lojas do centro da cidade transferem-se para o lugar. A

partir daí, parcela significativa da população residente no bairro passa a não mais se deslocar para o núcleo central em busca da satisfação de suas necessidades de mercado, uma vez que o lugar já dispõe de um arcabouço de atividades que atendem às expectativas de seus moradores. (COSTA, 1995).

Nesse contexto de expansão de atividades ligadas aos serviços, destacam-se, também, as atividades ligadas ao setor turístico. Nesse período, observa-se a viabilização de projetos urbanos ligados à atividade hoteleira e à infra-estrutura voltados ao turismo sendo registrado, no ano de 1977, o surgimento de *boutiques*, lojas de tecidos, várias agências de bancos e vários restaurantes.

A década de 1980, por sua vez, é marcada pelo “boom” das atividades do setor hoteleiro com a proliferação dos pequenos hotéis em torno da faixa de praia e o surgimento do Shopping Center Recife, considerado na época o maior da América Latina.

Na década de 1990, Boa Viagem, pela primeira vez em sua história, apresentou taxa de crescimento médio populacional inferior à do município do Recife. Tal fato, contudo, é explicado por Costa (1998, p. 97) que atesta dois fatores primordiais para esse contexto: o primeiro é representado pelo aumento no coeficiente de áreas construídas, dificultando, por sua vez, a implantação de novos empreendimentos residenciais; o segundo e mais significativo, segundo a autora, diz respeito à crescente especialização funcional do bairro, induzindo a substituição de áreas residenciais por áreas comerciais e de serviços.

A partir de então, observa-se que a Boa Viagem de outrora, cuja paisagem formada de coqueiros e habitada por pescadores, não mais existia, cedendo espaço para uma área urbanizada, elitizada, verticalizada, detentora de inúmeros investimentos públicos e privados (**Figuras 08 e 09**) que justificam sua autonomia em relação ao centro.

Figura 08: Avenida Beira Mar (atual Boa Viagem) na década de 30



Fonte: *In:* www.amaboaviagem.hpg.com.br/historia

Figura 09: Avenida Boa Viagem atualmente



Fonte: *In:* www.amaboaviagem.hpg.com.br/historia

Este último, por sua vez, apresenta-se marginalizado do ponto de vista social e carente de investimentos, observado através da deterioração de seus objetos espaciais. Esse quadro, no entanto, começou a ser modificado com a revitalização das áreas dos bairros da área cultural do Recife, entre os anos de 1993 a 1999, o que vem acarretando impactos positivos ao lugar, uma vez que o projeto buscava substituir e complementar as atividades existentes, introduzindo serviços de lazer, diversão, turismo e serviços modernos não só aos bairros componentes do centro antigo do Recife.

É nesse sentido que o espaço, como rugosidade, possui condições de reação aos impulsos de um processo que supervaloriza certas áreas em detrimento de outras. Para tanto, programas de revitalização urbana são postos em prática.

No entanto, é cabível a dissertativa de que essa situação ainda vem sendo processada de forma lenta e gradativa, e que Boa Viagem ainda é considerada a área mais promissora do ponto de vista de investimentos públicos e privados, principalmente no tocante ao turismo, e onde se apresentam, na atualidade, os objetos espaciais mais significativos voltados ao setor hoteleiro.

2.3. A organização espacial concentrada dos hotéis

De meados do século XVIII a princípios do século XIX, observa-se a inexistência de hospedagem organizada na cidade do Recife. O alojamento restringia-se a casas de parentes dos visitantes que ocupavam quartos nas residências. Os mais abastados do ponto de vista financeiro e os que detinham alguma importância social, no entanto, tinham como opção a hospedagem em conventos religiosos, prática bastante observada, como foi visto anteriormente, nos hábitos europeus.

No tocante aos conventos mencionados, é cabível a afirmativa de que os mesmos não eram dotados de conforto e, geralmente, eram muito simples, conforme aponta Paraíso (2004, p. 33) quando afirma que os mesmos possuíam “celas pequenas, paredes nuas e úmidas, ventilação inadequada, sanitário no fim de extensos corredores e, como mobiliário, um estrado de madeira, com um mero colchão de palha, e uma única cadeira junto à mesa onde eram servidas as refeições”.

Aos poucos, nas casas dos parentes dos visitantes, que acomodavam seus familiares, foram feitas adaptações para um maior conforto dos hóspedes, incluindo copos e lençóis limpos, toalhas bordadas e engomadas, bacias e jarras de porcelana, dentre outras, transformando-se, portanto, em verdadeiras estalagens, as mais antigas

da cidade. No entanto, a característica mais importante destes primeiros alojamentos era a receptividade dos proprietários da residência para com os familiares.

Com o passar do tempo, essas casas foram sendo preparadas para receber visitantes, desconhecidos, mediante o pagamento de um aluguel. Nessa mesma época, em fins do século XIX, observa-se que os arrabaldes surgidos do loteamento dos antigos engenhos de açúcar começaram a ser freqüentados pela sociedade recifense em virtude de seu clima ameno e pelas propriedades curativas e de lazer do Capibaribe. Nesses locais, eram realizados eventos em determinadas épocas do ano, com finalidades patrióticas e religiosas. Todas as propriedades do rio, como também as festas típicas começaram a demandar uma procura por hospedagem nesses arrabaldes, surgindo, por sua vez, uma concentração de estalagens, pensões, hospedarias e os primeiros hotéis nesses espaços agraciados pelo Rio Capibaribe.

Dentre os hotéis instalados ao longo do Rio e distantes da área central, destacam-se o Grande Hotel de Apipucus, o Grande Hotel de Caxangá, o Hotel Francês e o Caxangá, observando, portanto, uma concentração dos meios de hospedagem nos bairros de Várzea, Caxangá, e Apipucus, e Poço da Panela. Entretanto, é cabível afirmar que esses hotéis sofriam com os efeitos da sazonalidade uma vez que os mesmos eram apenas freqüentados em determinadas épocas do ano, para lazer e veraneio das famílias da cidade.

Concomitante ao surgimento desses hotéis, observa-se o aparecimento, na área central do Recife, de hotéis como o *La Cave d'Or*, o *Hotel d'Europe*, o Hotel de França,

o Hotel da Capunga, Novo Hotel Pernambucano que confirmavam a influência francesa na cidade nessa época.

Tais estabelecimentos, no entanto, divergiam dos demais localizados na várzea do Capibaribe no tocante ao motivo da viagem dos hóspedes, uma vez que os estabelecimentos do centro tinham o objetivo de atender aos visitantes que vinham à cidade com a motivação de negócios, confirmando, portanto, a importância comercial que a área central do Recife detinha naquela época; enquanto que aqueles tinham o objetivo de atender à demanda em busca de lazer em virtude das propriedades do rio Capibaribe.

Em fins do século XIX, é marcante a presença de pensões e hospedarias no centro do Recife; no entanto, a mais conhecida das pensões, surgida em 1899, a Pensão Derby, localizava-se no bairro do Derby, lugar que, posteriormente, iria compor a área central da cidade em virtude tanto da aproximação como também do surgimento de objetos que justificavam sua centralidade.

Logo em seguida à sua inauguração, a pensão tornou-se um hotel chamado de Grande Hotel Internacional (**Figura 10**). Na localidade também existia a Faculdade de Medicina do Recife, além do Mercado Coelho Cintra e da Livraria Silveira. Dessa forma, o Derby, passou, desde então, a ser um local de compras e divertimento freqüentado pela elite dominante. Segundo nos aponta Paraíso (2004, p. 57): “Não podemos deixar de fazer uma menção especial à Pensão do Derby, pela elegância das construções e conforto dos seus aposentos, que veio a preencher uma lacuna aqui existente neste ramo de serviços”.

Figura 10: Grande Hotel Internacional do Recife



Fonte: (PARAISO, 2004, p.64.)

No entanto, um incêndio ocorrido em 1900, levou à destruição do Mercado, conduzindo a um processo acelerado de decadência do Hotel Internacional do Recife, afetando, portanto, o setor hoteleiro da cidade que tinha o estabelecimento como o mais expressivo da localidade.

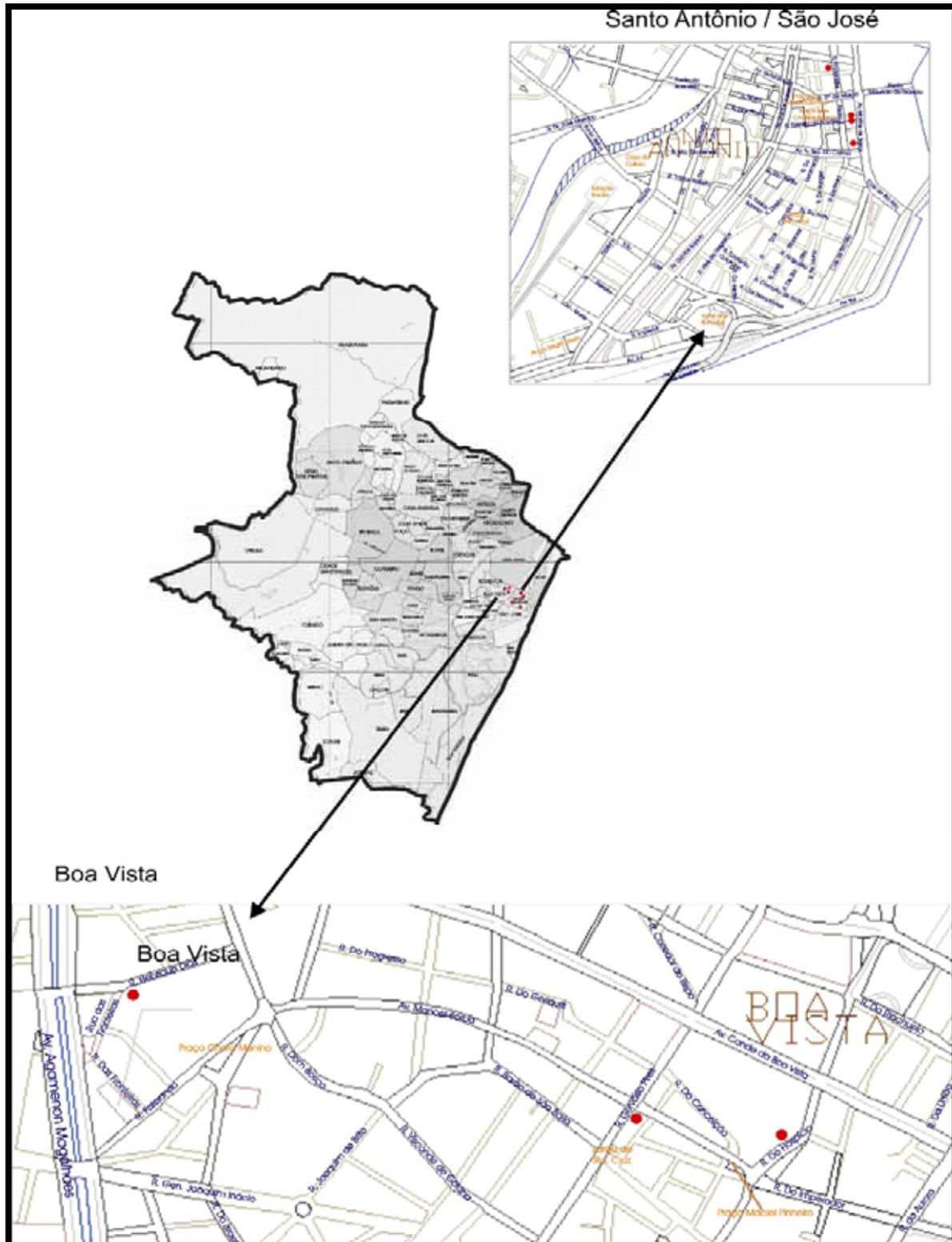
Em princípios do século XX, observa-se uma concentração de hotéis na área central do Recife, especificamente nos bairros da Boa Vista e Santo Antônio, principalmente. Assim, apresenta-se o Grande Hotel Comercial, o Hotel Universo e o Grande Hotel Central no Largo do Rosário, o Hotel Caxias, o Recife Hotel, e o Hotel Continental e Hospedaria, no bairro de Santo Antônio, o Hotel do Parque e o Hotel Palace no bairro da Boa Vista. É importante dizer que, na maioria desses hotéis, vários hóspedes tinham residência permanente nesses estabelecimentos.

Nesta época, o principal hotel da cidade estava localizado no bairro da Boa Vista, lugar de residência da classe média recifense e de efervescência cultural no cenário municipal. Era o Hotel do Parque, situado na rua do Hospício ao lado do Teatro do Parque, um dos mais movimentados. O hotel surgiu do Projeto Arquitetônico do Parque, que consistia em uma área arborizada que contaria com um hotel, inaugurado em 1912 e um teatro construído em estilo *Art Nouveau*. Neste último, foram exibidas as melhores companhias brasileiras de teatro, como também os primeiros filmes mudos na cidade.

Na década de 1930, por sua vez, apresentavam-se outros hotéis localizados na área central da cidade (**Figura 11**), especificamente nos bairros de Santo Antônio e Boa Vista. Nessa época o centro dispunha de um valor incomensurável sob os aspectos administrativo e sociocultural. Assim, essa década é marcada pela presença dos seguintes hotéis: o Hotel do Parque, o Hotel Central, o Hotel Palácio, no bairro da Boa Vista; o Recife Hotel, o Hotel Lusitano, o Hotel Brazil e o Grande Hotel do Recife, no bairro de Santo Antônio.

Em relação aos hotéis mencionados acima, faz-se mister destacar dois deles: o Hotel Central e o Grande Hotel do Recife. No que tange ao primeiro, acha-se, ainda hoje, localizado na Avenida Manoel Borba, no bairro da Boa Vista, inaugurado em 1938, e foi, durante muito tempo, o mais alto edifício do Recife, constituído de oito pavimentos e é o mais antigo hotel em funcionamento da cidade.

Figura 11: Distribuição espacial dos hotéis no Recife, na década de 1930



Autor: Annara Perboire, 2006

Na década de 1930, apesar dos meios de hospedagem existentes na cidade, Recife não possuía um estabelecimento de porte superior com categoria internacional, tal qual aqueles existentes em outras capitais do país. Dessa forma, no ano de 1938, foi inaugurado o Grande Hotel do Recife, situado na Avenida Martins de Barros, no bairro de Santo Antônio. Este hotel, por sua vez, seria considerado o mais luxuoso hotel do Norte e do Nordeste, segundo é registrado no jornal a Folha da Manhã em 26 de junho de 1938 (*In: Folheto, 1988*): “Trabalha a Paraíba, no seu ritmo de progresso; desenvolve-se Alagoas; avança o Rio Grande do Norte mas, no fim, o Recife recebe, nos seus hotéis, nas suas praias, no seu centro comercial, todos esses movimentos(...)”.

Em princípio de sua construção, eram colocadas algumas questões acerca das possíveis dificuldades que o Governo enfrentaria no tocante a sua administração; uma vez que a cidade não dispunha de pessoas habilitadas para tal função. Concernente ao mercado, também havia dúvidas, se Recife possuía capacidade para receber um hotel daquele porte. Todos esses questionamentos, no entanto, fizeram embargar a obra em 1935.

A localização do hotel era privilegiada uma vez que, de sua fachada, era possível avistar o Rio Capibaribe (**Figura 12**), os casarões antigos do bairro do Recife e o Aeroporto que, nessa época, localizava-se no bairro do Recife, ou seja, o estabelecimento era favorecido também pela função comercial que a cidade dispunha.

Figura 12: Vista Diurna do Grande Hotel do Recife



Fonte: (PARAISO,2004, p.265)

O hotel, contudo, foi arrendado pelo Governo do Estado a um empresário carioca Alberto Bianchini, que atuava no ramo de jogos em diversos estados, cedendo às exigências do edital de arrendamento que estabelecia que o concessionário do Hotel deveria ser alguém que dispusesse de capital e *know-how* na área hoteleira. Desta forma, o contrato continha a quantia de 800 contos de réis por ano que o empresário deveria dar ao Governo. Em virtude dos seus negócios serem espalhados no país, isto impedia o empresário de fixar-se na cidade, o mesmo uniu-se a dois sócios pernambucanos: Antônio Lumack do Monte e José Acácio de Lucena Melo.

Destarte, foram trazidas do sul do país muitas pessoas ligadas ao setor hoteleiro para trabalhar no hotel, julgando-se não possuir pessoas qualificadas para tais funções. O hotel, dessa forma, era representado pelo mais expressivo índice de progresso da cidade. Os grandes hotéis eram as sínteses das grandes cidades. Eles resumem sua vida mundana, seu desenvolvimento social (*In: Folheto, 1988*). Assim, o Grande Hotel do Recife representava todo o progresso e modernidade ao qual a cidade se inseria. Figuras ilustres do cenário nacional e internacional se hospedaram no estabelecimento, dentre elas, Getúlio Vargas, Evita Perón, Orson Wells, Charles de Gaulle, o Imperador da Etiópia, Heile Salassu. Em 1955, o empresário carioca vendeu suas ações ao seu sócio Antônio Lumack do Monte e seu novo Grupo Monte Hotéis.

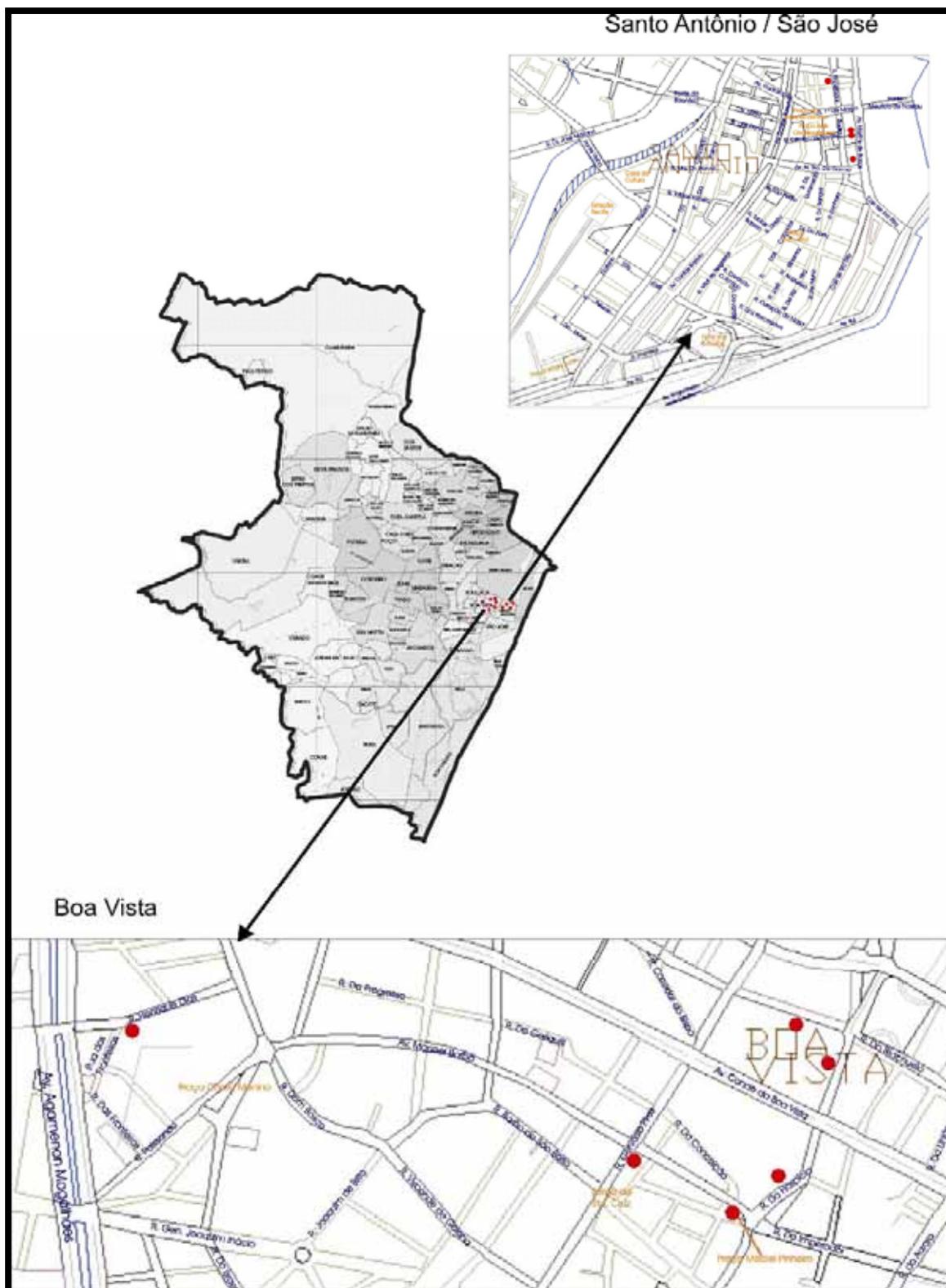
A década de 1940 apresenta-se ainda com uma concentração de hotéis na área central do Recife (**Figura 13**), devido à sua seletividade espacial no que tange à função comercial predominante na cidade. Assim, o Recife possuía o Grande Hotel do Recife, o Recife Hotel, Hotel Luzitano e o Hotel Brazil, no bairro de Santo Antônio e o Hotel Central, o Hotel do Parque, o Hotel Palácio, o Hotel Park 13 de Maio, o Lido Hotel e o Hotel América no bairro da Boa Vista. Observa-se, portanto que esse último bairro passa a incorporar mais objetos ligados à função hoteleira, o que se deve à ascensão do bairro como reduto de intelectuais, freqüentado por estudantes vindos dos mais variados pontos do país. Nos fins da década de 1940, o Recife era considerado um centro cultural que se igualava às cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Dentre os mais significativos estabelecimentos firmados no cenário recifense, nessa época, destacam-se o Lido Hotel, inaugurado em 1943, na rua Riachuelo e o Hotel América,

situado na Praça Maciel Pinheiro, ambos ainda em funcionamento no bairro da Boa Vista.

Desse modo, enquanto os hotéis da Caxangá, do Poço da Panela e de Casa Forte iam perdendo sua importância, sendo marginalizados e abandonados, os hotéis da área central do Recife adquiriam cada vez mais magnitude, sendo observado pelo número dos que passam a se concentrar em seu entorno.

A década de 1950 é pontuada por importantes acontecimentos que irão marcar profundamente a atividade hoteleira na cidade do Recife. A primeira delas diz respeito à demolição dos hotéis localizados no Largo do Rosário, na atual Praça do Diário, dentre os quais se apresentavam o Hotel Luzitano e o Hotel Brazil. Observa-se, ainda, o surgimento de hotéis localizados na área central da cidade, dentre os quais se destacam o Hotel Rex, inaugurado no ano de 1953 e o Hotel São Domingos, no ano de 1959, ambos no bairro da Boa Vista, como também, o Hotel Nassau, inaugurado em 1956, no bairro de Santo Antônio.

Figura 13: Distribuição Espacial dos hotéis do Recife na Década de 1940



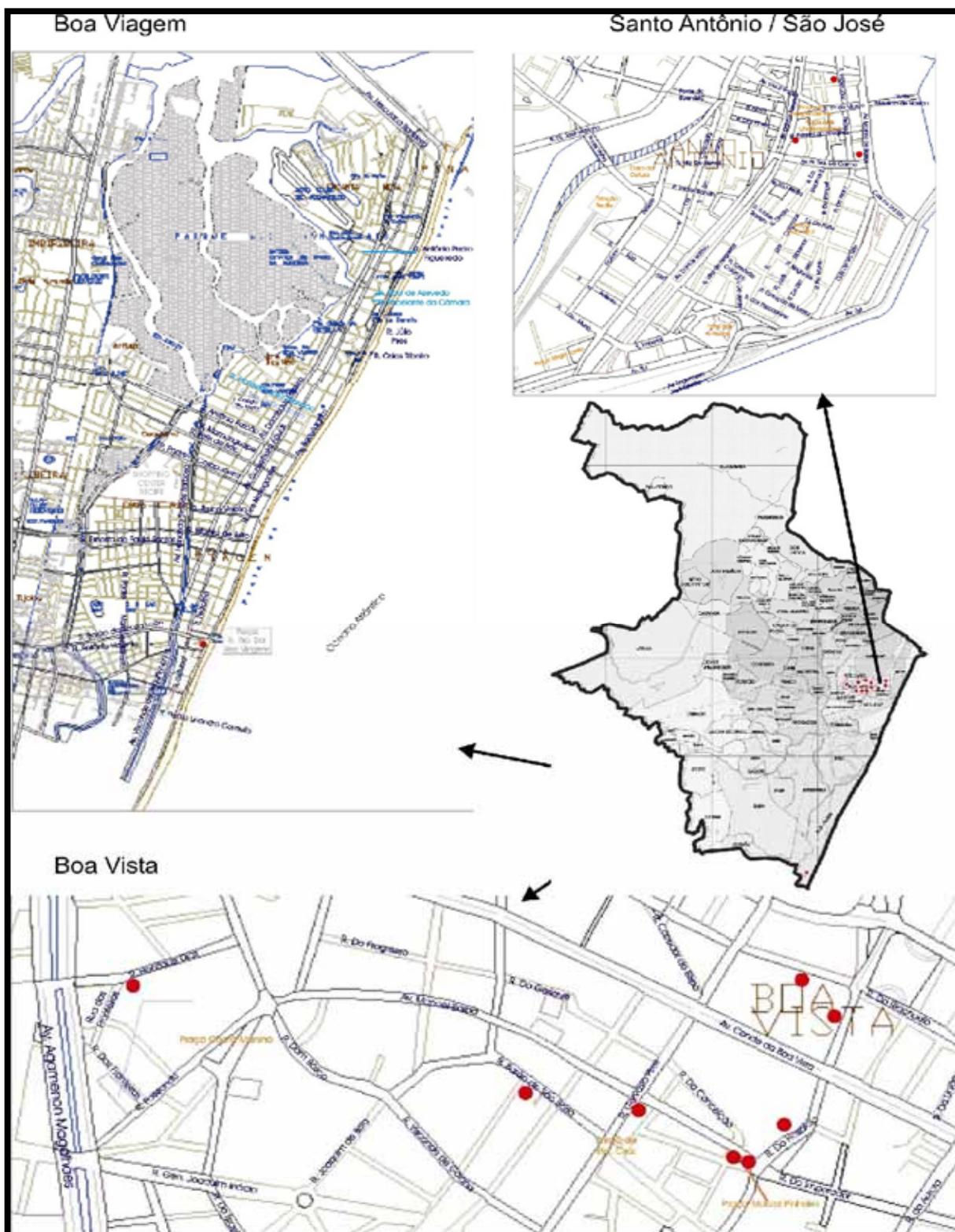
Autor: Annara Perboire, 2006

No entanto, o acontecimento mais significativo e decisivo desse ramo, foi a inauguração de um hotel longe da área central do Recife, no bairro periférico da Boa Viagem (**Figura 14**). E isto, como já foi dito, aliado ao processo de deseconomia urbana iniciada, posteriormente, na área central da cidade.

Através de uma antecipação espacial, foi inaugurado no ano de 1954 o Hotel Boa Viagem. Este se configurava no único estabelecimento localizado fora da área central, marcando, também, a verticalização do bairro em questão. O estabelecimento, por sua vez, era considerado o lugar da moda e em seus salões e restaurante circulavam figuras da alta sociedade (MARINHO, 2004 p.13).

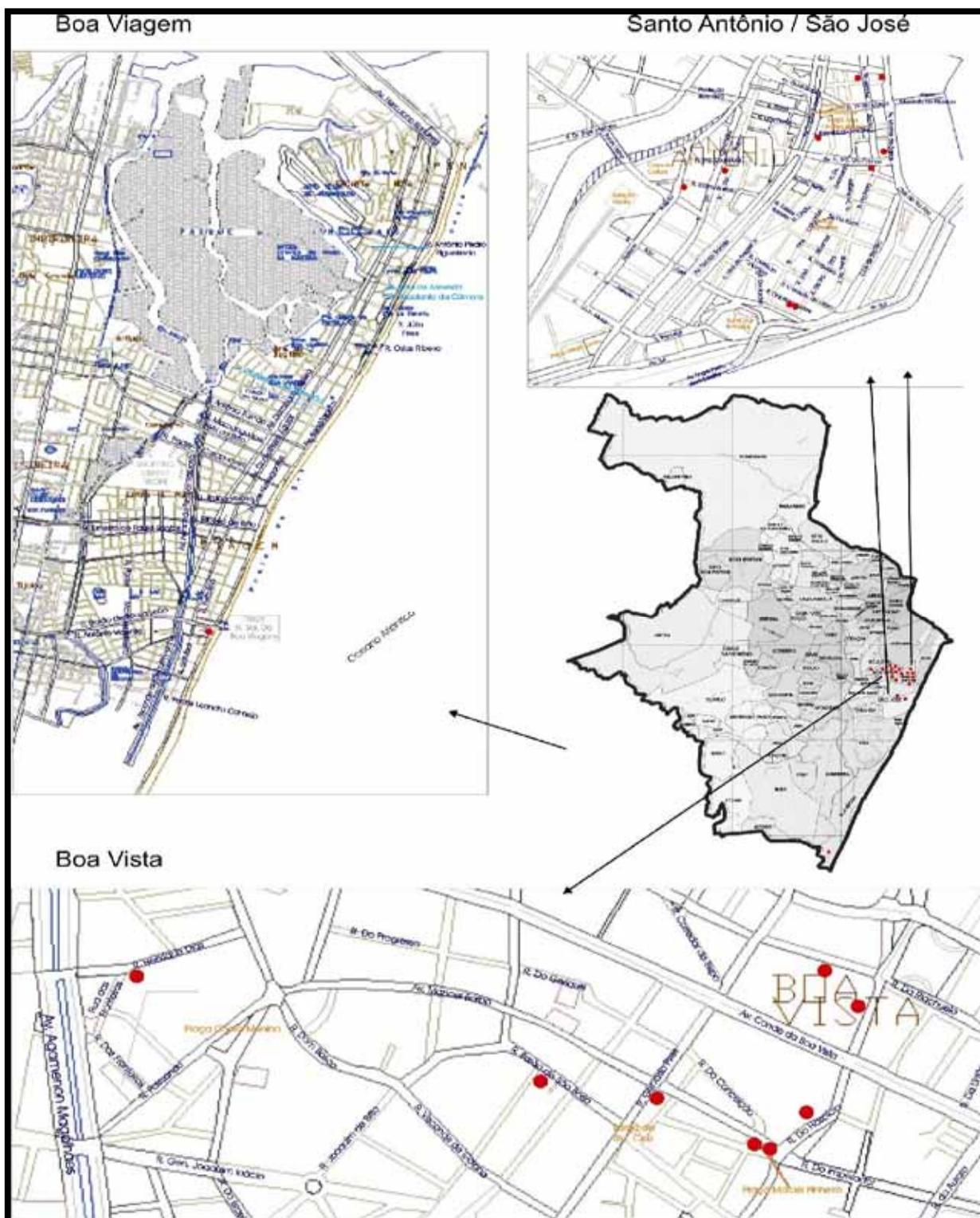
Na década seguinte, por sua vez, não se apresentam inserções de objetos espaciais na área periférica da cidade, apesar do bairro Boa Viagem, nesse período, consagrar-se como a área mais promissora da cidade. Criam-se, no entanto, novos hotéis na área central da cidade. No bairro de São José, em 1960, é inaugurada a Hospedaria Caruaru e, no bairro de Santo Antônio, são criados mais três hotéis, o Guararapes, localizado na Rua da Palma, o 4 de Outubro na Floriano Peixoto e o Hotel Praia, na Rua da Praia (**Figura 15**).

Figura 14: Distribuição espacial dos hotéis do Recife na década de 1950



Autor: Annara Perboire, 2006.

Figura 15: Distribuição espacial dos hotéis do Recife na década de 1960.



Autor: Annara Perboire, 2006.

A década de 1970, por sua vez, começa a consagrar o bairro de Boa Viagem como destino preferido dos investimentos do setor privado concernente à atividade turística, conseqüentemente, à atividade hoteleira. No início da década é observado o surgimento de seis novos hotéis no centro da cidade, correspondendo a 35% dos hotéis criados nesse período e fixados na área central, são eles: o Hotel Brasília, na rua da Concórdia, a Hospedaria Esmeralda, na rua de Santa Rita, ambos no bairro de São José; o Monte Sinai, na Avenida Conde da Boa Vista, o 13 de Maio e o Suíça Hotel, na rua do Hospício, localizados no bairro da Boa Vista; e apenas um hotel, o 7 de Setembro, localizado na Matias de Albuquerque no bairro de Santo Antônio

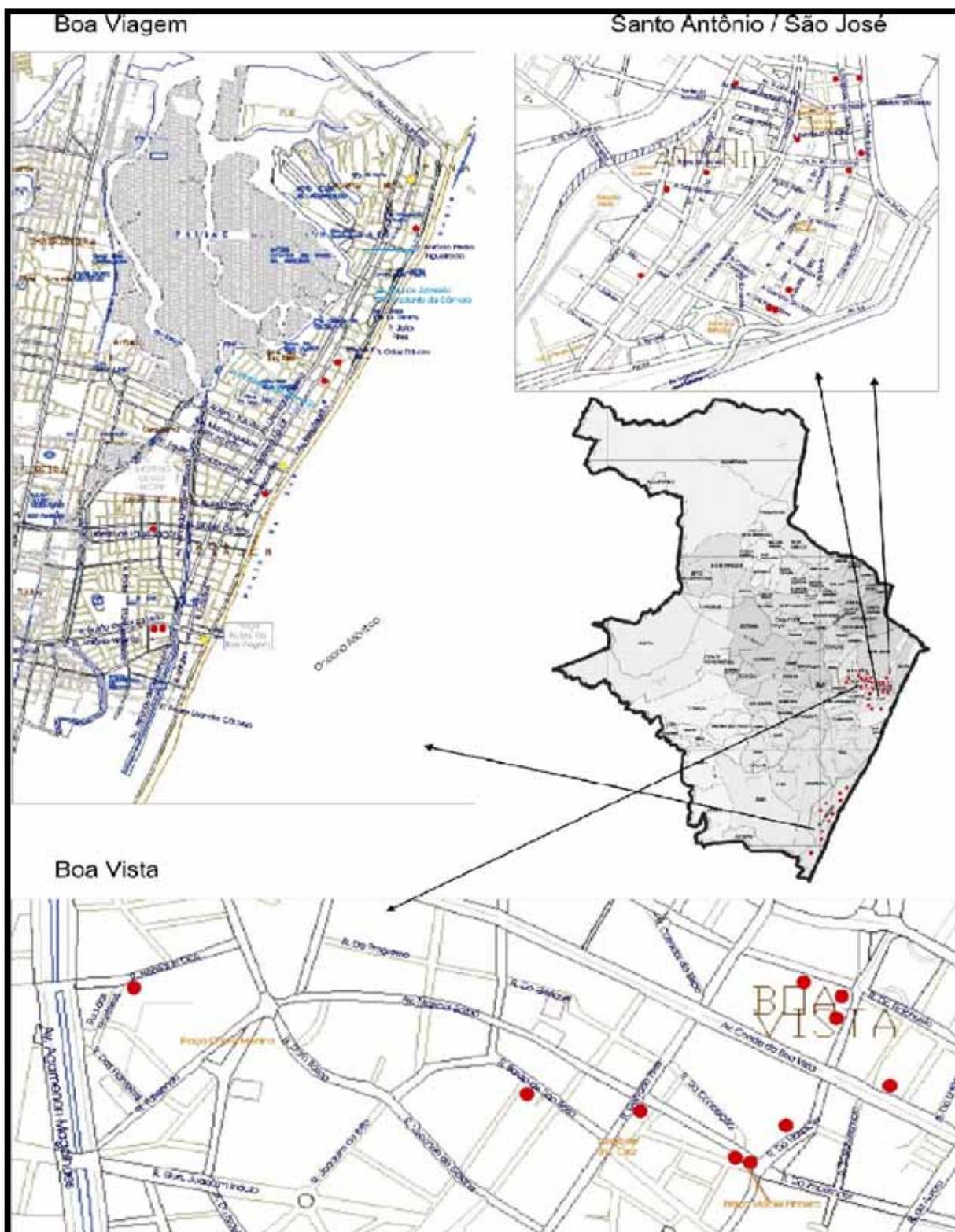
Observa-se, por sua vez, um hotel fixado no bairro de Casa Forte, o Hotel Pousada Casa Forte, situado na Avenida 17 de Agosto. No entanto, é de fato nesse período que se observa o início do surgimento de hotéis na zona sul da cidade, no bairro de Boa Viagem. Do total de hotéis instalados até 1975 na cidade, constata-se que pouco mais de 58% se fixaram no bairro de Boas Viagem, dessa forma, apresentam-se: o Hotel Cote D'Azur Ltda, o Hotel 200 Milhas, ambos na Avenida Boa Viagem, o Casa Grande e Senzala, na Conselheiro Aguiar, o Hotel Galícia, na Visconde de Jequitinhonha, o Hotel Miramar e o Hotel Sea View, ambos na Rua dos Navegantes, o Hotel Voyage e o Mar Hotel, na Avenida Barão de Souza Leão e o Hotel da Praia, localizado na Rua Padre Carapuço. Todos esses, por sua vez, estavam localizados nas ruas próximas à praia (**Figura 16**).

No que tange ao Hotel Miramar, faz-se necessário dizer que o mesmo foi inaugurado no ano de 1972 pelo Grupo Monte Hotéis, grupo que possuía o Grande Hotel do Recife o Hotel Guararapes. O Hotel Miramar foi considerado o primeiro 5

estrelas do Recife, segundo a antiga classificação da EMBRATUR. No entanto, no tocante ao Grande Hotel, localizado na área central e importante expoente no cenário recifense desde a década de 1930, foi classificado como 4 estrelas, em 1979, demonstrando, portanto, indícios de uma futura marginalização, afinal o mesmo foi o cenário representativo de figuras ilustres da sociedade e de sofisticação.

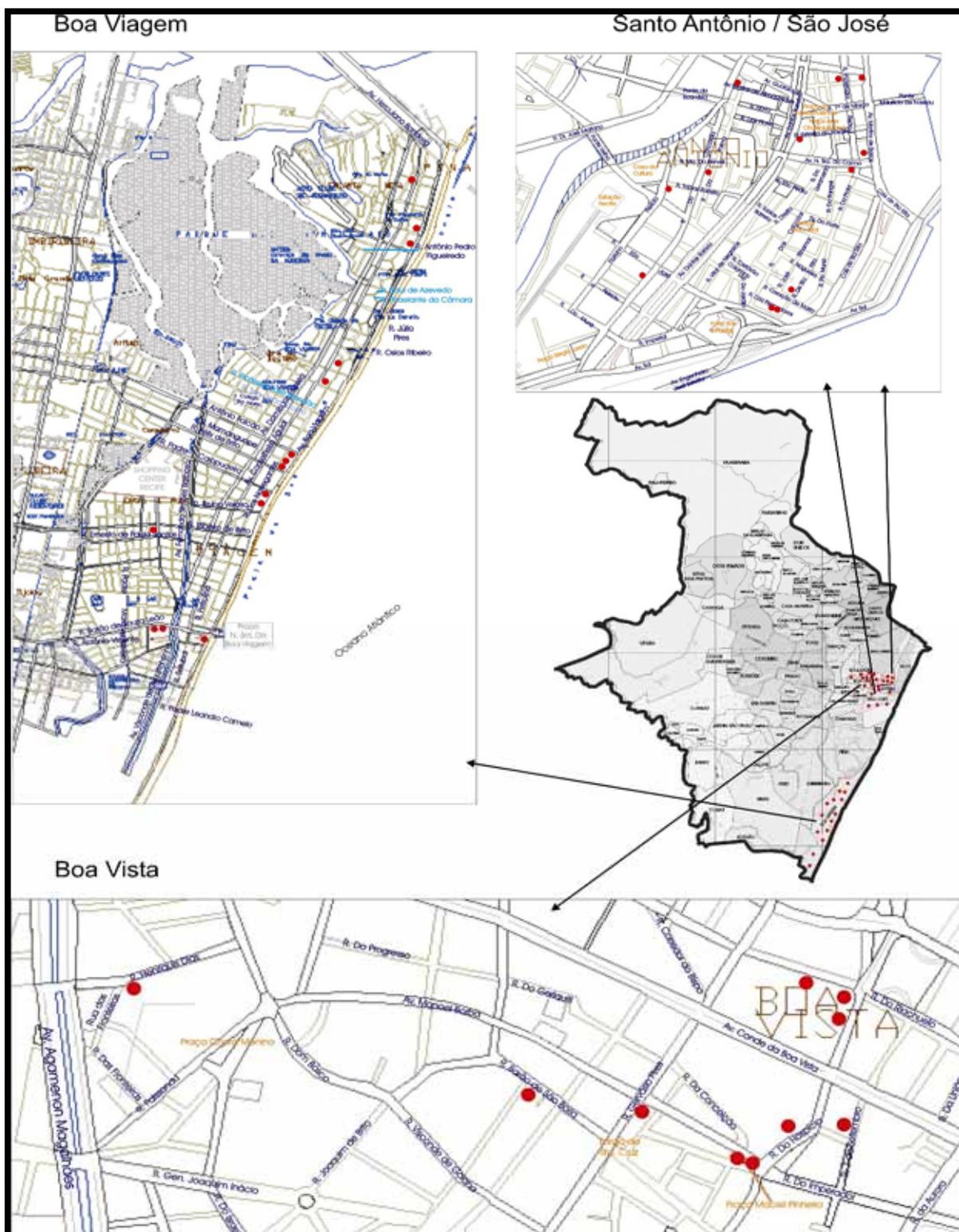
O fim da década de 1970 é marcado por importantes acontecimentos, o primeiro e mais importante deles diz respeito à consagração do bairro de Boa Viagem no cenário hoteleiro municipal com a entrada, em 1979, das cadeias hoteleiras nacionais, representadas pela inauguração do Internacional Othon Palace Hotel, localizado na Avenida Boa Viagem. Também na mesma avenida surge o Hotel Jangadeiro e o Vila Rica Hotel, ambos classificados como 4 estrelas, além do Hotel do Sol, classificado como 3 estrelas. Enquanto isso, a área central é contemplada com apenas um hotel, o Centenário, localizado no bairro da Boa Vista (**Figura 17**).

Figura 16: Distribuição espacial dos hotéis do Recife no início da década de 1970.



Autor: Annara Perboire, 2006.

Figura 17: Distribuição espacial dos hotéis do Recife no final da década de 1970



Autor: Annara Perboire, 2006.

Diante do exposto, fica evidente que, a partir da década de 1970, Boa Viagem se firma como detentora dos investimentos no setor turístico e hoteleiro e os objetos espaciais passam a se concentrar naquele lugar, não abandonando de todo a área central. Esta última passa a ser abandonada pelos investimentos, observando-se, a partir de então, uma depreciação dos objetos hoteleiros lá localizados.

Observa-se, portanto, ainda que, nos dias atuais, a distribuição espacial dos hotéis em Recife, não se ache mais concentrada em apenas uma área - na área central tradicional da cidade -, ela se acha concentrada visivelmente em duas áreas da cidade: na área central e na área de Boa Viagem.

O que diferencia essas duas áreas é um conjunto de fatores dentre os quais salienta-se, sobretudo, o tipo de freqüentadores, o tipo de serviços prestados e o tipo da construção dos hotéis. Fatores que se acham fortemente atrelados às transformações socioespaciais do contexto urbano é, por conseguinte, do contexto hoteleiro associado ao anterior.

CAPÍTULO 3: TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS NO ATUAL CONTEXTO URBANO E HOTELEIRO DA CIDADE DO RECIFE

O presente capítulo pretende demonstrar, de modo mais profundo, o papel do processo de abandono da área central do Recife nas decisões sobre a fixação de objetos espaciais da hotelaria, a partir de princípios da década de 1980. Dessa forma, busca-se apresentar as razões por que a área de Boa Viagem aparece como marcante no contexto hoteleiro do Recife, inserindo uma nova espacialidade dos hotéis à cidade, conduzida por aspectos significativos da modernidade.

Fez-se necessário, para tanto, apresentar as diferenças relativas às duas áreas no que tange aos aspectos socioespaciais que influenciaram na (re)configuração da hotelaria do Recife. Também se fez necessário o debate acerca da questão da retomada de investimentos econômicos na área central, suscitando a consciência da necessidade de (re)valorização desta área no espaço urbano, a qual poderá, em longo prazo, fomentar a implantação de novos e modernos equipamentos de hospedagem na área central.

Inicialmente, complementou-se o traçado evolutivo dos hotéis, da década de 80 do século XX até 2006, os quais priorizaram, significativamente, o bairro de Boa Viagem. Dessa forma, utilizou-se a Carta de Nucleação Centro da FIDEM para identificação das ruas onde foram construídos os hotéis, necessitando, também, do auxílio da Lista Telefônica *on line* para a precisão na localização dos objetos espaciais em análise, identificados através da reconstituição obtida através do Inventário da

Oferta Turística de Pernambuco em diferentes versões relativas aos anos de publicação.

Para demonstrar essa (re)configuração espacial da hotelaria do Recife, ligada às transformações socioespaciais urbanas, fez-se necessária a aplicação de questionários, utilizando-se de uma amostragem aleatória com turistas e hóspedes dos hotéis, localizados tanto na área central tradicional do Recife como em Boa Viagem.

Na referida área central, foram aplicados questionários em 2 hotéis e, em Boa Viagem, apenas em 1 hotel. Diante da dificuldade encontrada ao longo da pesquisa *in loco*, foram distribuídos questionários nos Postos de Informações Turísticas localizados no CECON, Aeroporto, Casa da Cultura e TIP. A escolha desses lugares se deu porque são pontos estratégicos: recebem turistas que se hospedam na cidade do Recife. Também foi utilizada a pesquisa de Demanda Turística da EMPETUR, juntamente com a CTI/NE onde foram colhidas algumas questões e acrescentada a questão relativa ao porquê o turista optou em se hospedar na localidade mencionada.

Além dessas questões coletadas referentes aos hóspedes, foi necessária a abordagem direta a hoteleiros e empresários do ramo instalados na cidade, e deles foram colhidas informações através de uma entrevista estruturada. Também foi entrevistado o presidente da Associação da Indústria Hoteleira/ PE- ABIH-PE, utilizando-se um roteiro de entrevista semi-estruturado .

3.1. A dinâmica socioespacial da hotelaria no Recife: área central preterida e Boa Viagem priorizada

A partir da década 1980, observa-se nitidamente o forte investimento na área de Boa Viagem para construção e implantação de hotéis. Isto, por sua vez, é observado pela disponibilidade, ainda naquele período, de recursos e financiamentos do FUNGETUR e da SUDENE, os quais, juntos, financiavam empreendimentos, obras e serviços de finalidade turística, conforme apontou José Otávio Meira Lins, presidente da ABIH/PE.

O bairro de Boa Viagem, dessa forma, foi amplamente beneficiado por um fator primordial, isto é, a sua maior amenidade: a praia. Este, aliado ao processo de valorização espacial da área, foi, sem dúvida, um dos maiores atrativos para a implantação de hotéis naquela localidade, conforme aponta o presidente da ABIH; o que se vincula à perspectiva da EMBRATUR de, naquela época, concentrar os investimentos em áreas do turismo de sol e mar na região Nordeste.

Vale reiterar que as amenidades marítimas são decisivas na localização de objetos espaciais ligados ao turismo de sol e mar, cuja dependência em relação a este espaço é bastante estreita. A partir de então, aquele lugar passou a se transformar, através da inserção de novos objetos espaciais de hospedagem, na área mais importante da hotelaria recifense. Dessa forma, Boa Viagem começou de fato a transformar o cenário hoteleiro e vigente da hotelaria da cidade, atraindo cada vez mais investimentos ao seu espaço geográfico.

Isto é observado quando analisado o número de hotéis naquele bairro o qual foi acrescido em torno de 14 para 38 hotéis, no início da década de 1980, enquanto que a área central continuava com um total de 22, distribuídos pelos bairros de São José, Santo Antônio e Boa Vista, os mais procurados pelos visitantes na área central tradicional da cidade.

Destarte, é cabível afirmar que, na década de 1980, foi inserida grande quantidade de hotéis de pequeno e médio porte no bairro de Boa Viagem, através de investimentos concedidos pelo FUNGETUR e SUDENE.

Observa-se, portanto, uma nítida concentração dos hotéis em Boa Viagem, mais precisamente, nas proximidades da orla marítima (**Figura 18**) propiciada pela intervenção do Estado. Neste sentido, vale lembrar que no Brasil ainda se vivia a situação do fordismo (periférico)

No final da década de 1980 (**Figura 19**), por sua vez, a hotelaria de Boa Viagem ainda se acha em franca ascensão: 24 novos hotéis surgem em Boa Viagem, enquanto, na área central, um hotel é fechado, o Hotel Avenida, e apenas 2 são inaugurados: o Hotel Veneza e o Hotel Brasiliense, ambos localizados, respectivamente, no bairro de São José e Boa Vista. Em Boa Viagem, ainda se presencia a concentração desses estabelecimentos na proximidade da praia, mais precisamente entre as Avenidas Boa Viagem, à beira-mar, e a Domingos Ferreira, confirmando a perspectiva do turismo de sol e mar.

No entanto, observa-se que os três hotéis que fecharam em Boa Viagem encontravam-se localizados na Avenida Boa Viagem, o que aconteceu devido a uma

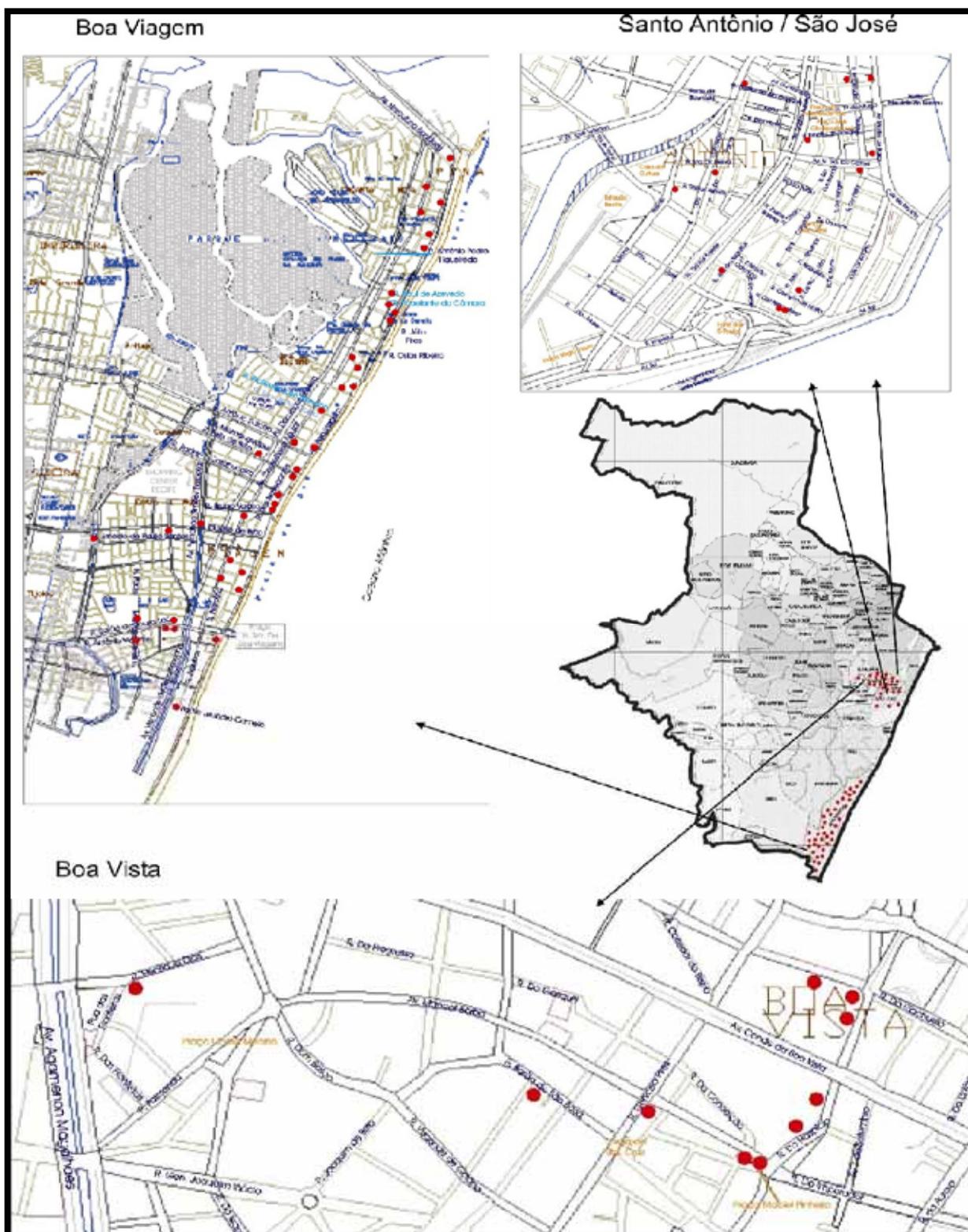
possível saturação que o bairro começava a apresentar. Afinal, apenas naquela avenida havia um total de 14 hotéis.

Um aspecto importante verificado nesse período, mencionado pela arquiteta Virgínia Marques, da EMPETUR, foi que os pequenos hotéis começaram a competir fervorosamente com os grandes. Estes últimos, por sua vez, baixaram suas tarifas, igualando-as às tarifas dos pequenos hotéis. Com isso, esses pequenos hotéis foram amplamente prejudicados uma vez que sua ocupação passara a ser inferior à dos grandes hotéis, pois os hóspedes preferiam hospedar-se nos hotéis de grande porte em razão do acesso a serviços de qualidade a preços similares aos dos pequenos.

Em princípios da década de 1990, observam-se importantes acontecimentos que marcaram definitivamente a hotelaria na cidade do Recife. O primeiro acontecimento, refere-se ao apogeu, quanto ao número, de hotéis localizados no bairro de Boa Viagem, totalizando 67 estabelecimentos, enquanto, na área central tradicional da cidade, por sua vez, houve um aumento no número de hotéis perfazendo um total de 24.

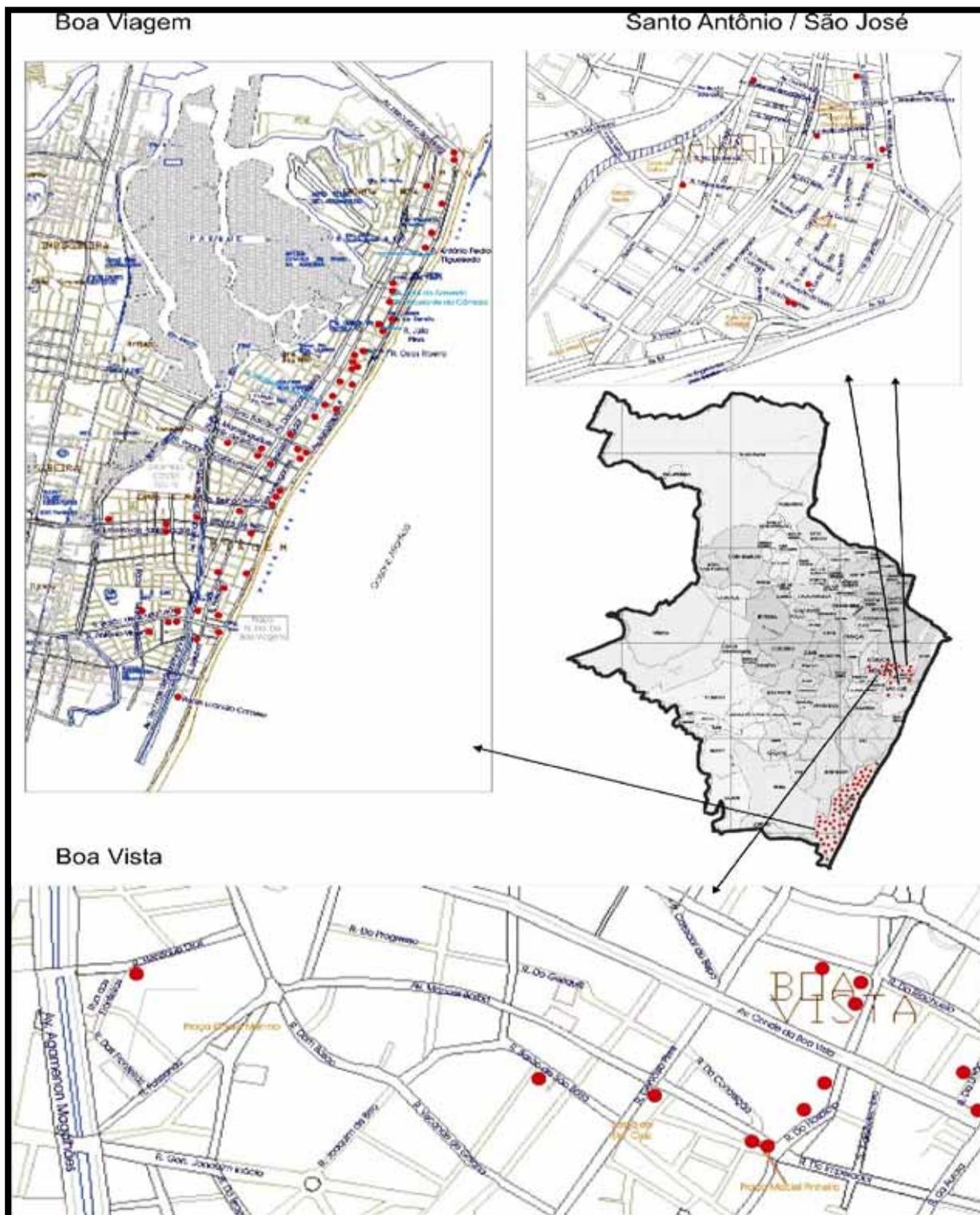
Esse período, portanto, deve ser concebido como o período em que, apesar do aumento da quantidade de hotéis na área central, ocorre a consolidação da supremacia da hotelaria em Boa Viagem, e isto não somente quanto ao número de hotéis fixados na área como também à qualidade dos serviços prestados naqueles estabelecimentos; uma vez que se deve levar em consideração não só a quantidade, mas, ao mesmo tempo, a qualidade dos objetos espaciais.

Figura 18: Distribuição espacial dos hotéis do Recife no início da década de 1980



Autor: Annara Perboire, 2006

Figura 19: Distribuição espacial dos hotéis do Recife no final da década de 1980



Autor: Annara Perboire, 2006

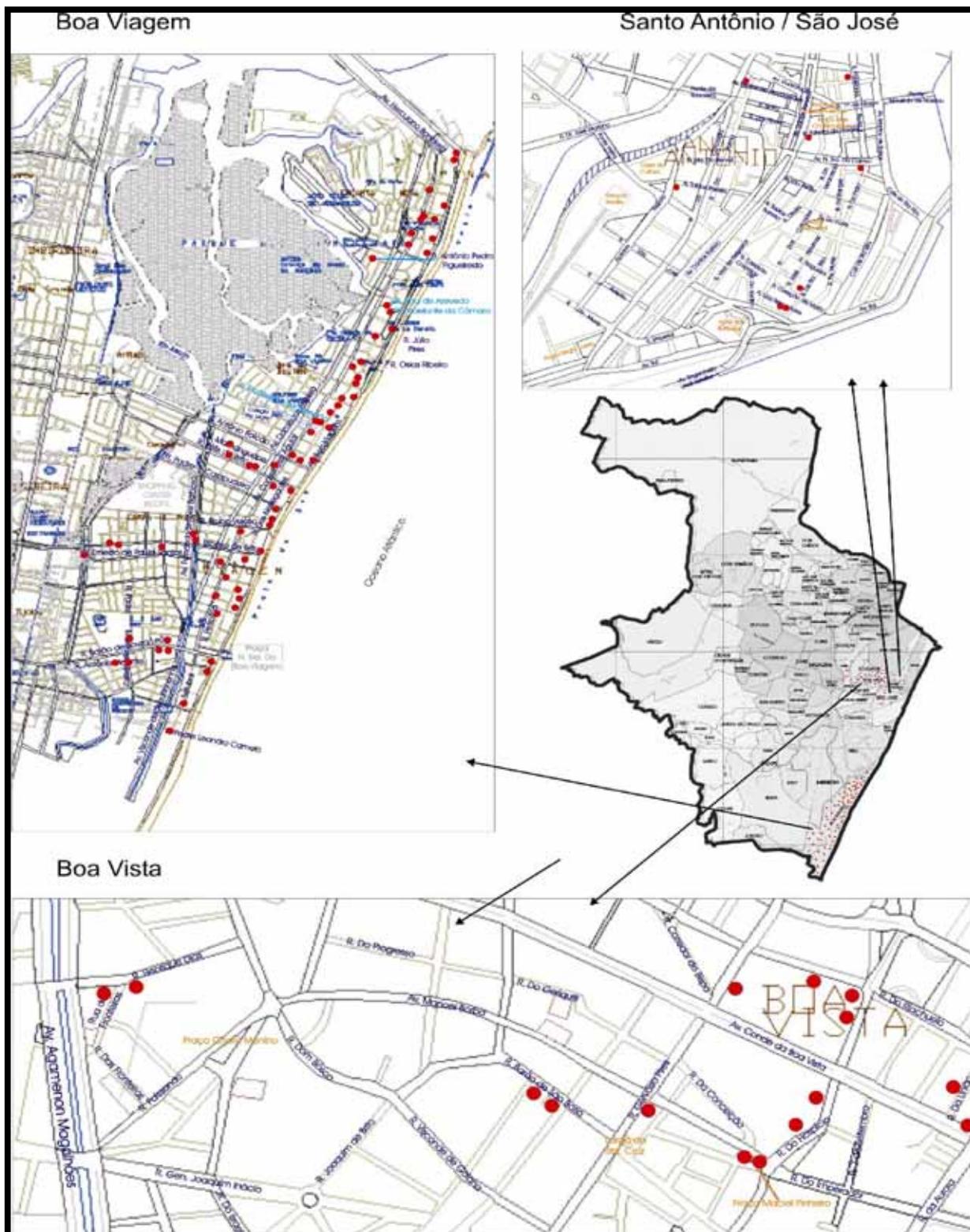
No bairro de Santo Antônio, o Grande Hotel do Recife, um dos mais importantes e expressivos até meados da década de 1970, conforme visto no capítulo anterior, foi fechado em 1992. Esse estabelecimento apresentava, na época, sinais de sucateamento da sua estrutura, por isso, o então proprietário preferiu investir fortemente, no bairro de Boa Viagem, em seu Hotel Miramar, o qual passou, desde então, a se chamar Monte Hotel.

No bairro do Derby, local próximo à área central, há hotéis que ali se localizaram para atender à demanda de pessoas que para lá começavam a se dirigir em função de negócios realizados nas empresas que se instalaram nas redondezas, quais sejam: Hotel das Fronteiras e Hotel Henrique Dias e, no bairro da Boa Vista, Hotel Barão de São Borja e Hotel Mediterrâneo.

Observa-se, assim, que a hotelaria do Recife encontra-se ainda concentrada em dois lugares: no bairro de Boa Viagem e na área central tradicional da cidade (**Figura 20**). Fora estas duas áreas de concentração, apresenta-se o Hotel Pousada Casa Forte, localizado no bairro de Casa Forte e o Hotel Pousada Rosa e Silva, localizado no bairro dos Aflitos.

No fim da década de 1990 o número de hotéis, no bairro de Boa Viagem, começou a declinar, de 67, no início da década, para 47 hotéis. A área central também presenciou uma diminuição na quantidade de hotéis ali fixados, uma vez que 3 estabelecimentos do gênero foram fechados no bairro da Boa Vista, 3 no bairro de Santo Antônio e 2 no bairro de São José.

Figura 20: Distribuição espacial dos hotéis do Recife no início da década de 1990



Autor: Annara Perboire, 2006

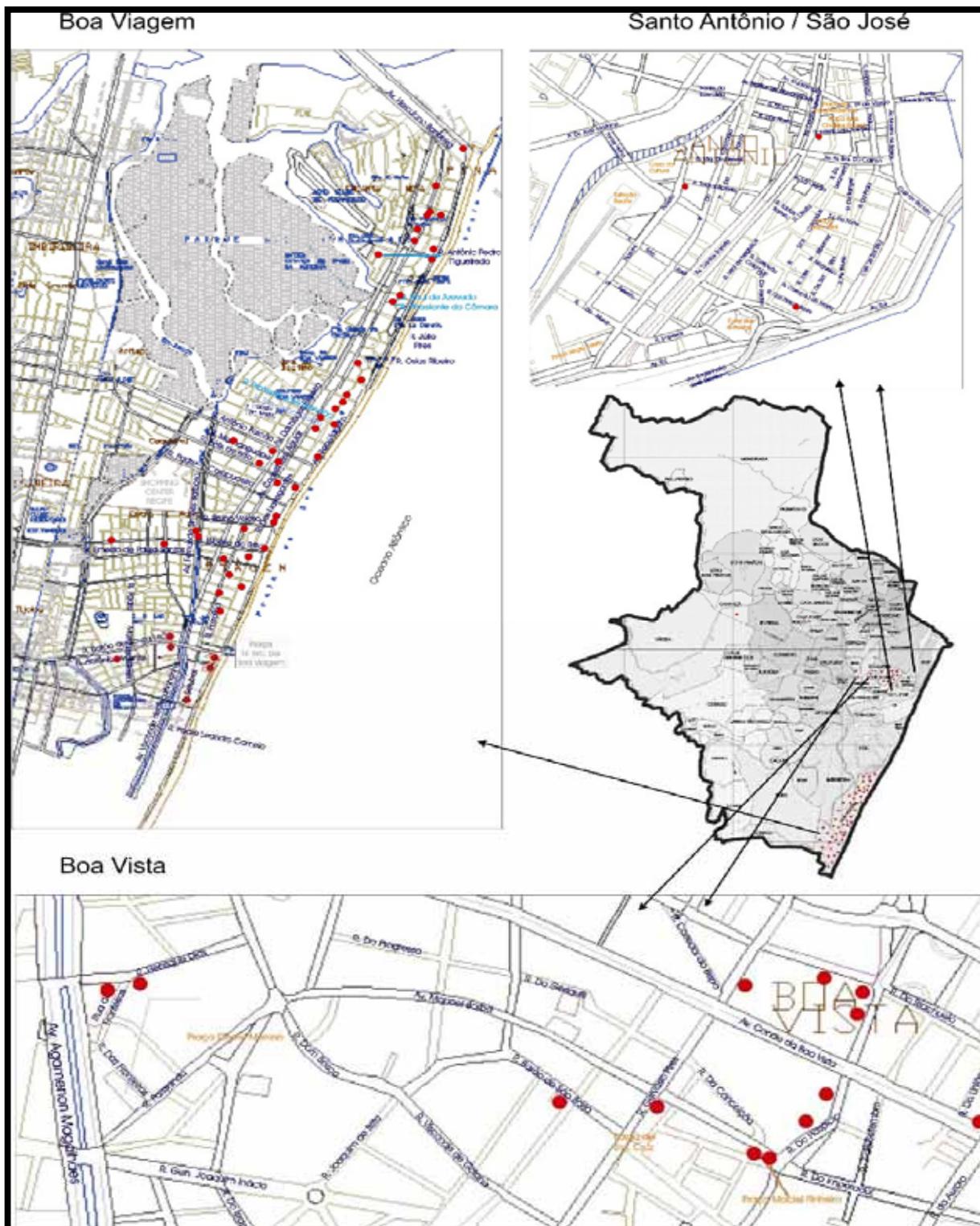
Essa diminuição pode ser entendida como o possível processo de saturação pelo qual o bairro de Boa Viagem começaria a enfrentar, uma vez que a área possuía grande número de hotéis e os investimentos na abertura de novos objetos espaciais começavam a se dirigir para o bairro de Piedade, no município de Jaboatão dos Guararapes, praia que representa a continuidade da Praia de Boa Viagem, já que os terrenos eram amplos e mais baratos.

Do total de hotéis pré-existentes, na cidade do Recife, foram fechados 32 e abertos 3: no bairro de Boa Viagem, inaugurou-se o Belo Mar Residence, o Marante Plaza Hotel e o Holliday Inn, hotel de rede internacional e, no bairro da Boa Vista, o Hotel Brasil. Também foi aberto um hotel longe dos lugares de concentração, no bairro da Caxangá, o Hotel Imperador (**Figura 21**).

Nesse mesmo período, o Recife Hotel encerrou seu funcionamento. Este hotel, no entanto, era um dos mais antigos em funcionamento na cidade, tendo sido inaugurado na década de 1930. No ano de 2002, seu prédio foi adquirido para expansão do Gabinete Português de Leitura.

Em Boa Viagem, no fim da década de 1990, o antigo Internacional Othon Palace foi adquirido pela construtora Lucsim, transformando-o em Internacional Palace Lucsim e o Park Othon Hotel foi transformado em Park Hotel pertencente ao mesmo proprietário do Vila Rica Hotel.

Figura 21: Distribuição espacial dos hotéis do Recife no final da década de 1990



Autor: Annara Perboire, 2006

No princípio do século XXI, observam-se a inauguração e também o fechamento do Confort Hotel, um hotel de grande porte, da construtora Moura Dubeux, localizado no bairro da Ilha do Leite, nas imediações do chamado Pólo Médico Hospitalar do Recife. O mesmo permaneceu operante por 3 anos, quando a construtora decidiu encerrar suas atividades e abrir um outro hotel no bairro de Boa Viagem, o Beach Class Suítes. No entanto, segundo o funcionário Hélio José de Barros Dias, Gerente de Manutenção, a principal razão do fechamento desse estabelecimento reside no fato dos seus sócios, proprietários de alguns apartamentos, terem preferido investir no bairro de Boa Viagem a continuar na área.

O Recife Praia Othon Hotel encerrou suas atividades, mas seu espaço físico abrigou um outro hotel, o Recife Praia Hotel, do mesmo proprietário do Recife Park e do Vila Rica Hotel.

Esse período também é marcado pelo fechamento de grandes e importantes hotéis no panorama hoteleiro da cidade. Dentre eles, na área central, além do Confort, o Hotel 4 de Outubro, um expressivo hotel, inaugurado na década de 1960. Em Boa Viagem, pode-se citar o Hotel Boa Viagem, o primeiro hotel no bairro de Boa Viagem, datado da década de 1950, o Hotel Savaroni, o Hotel do Sol, um hotel de cadeia nacional, o Hotel da Praia, o Hotel do Mar, dentre outros.

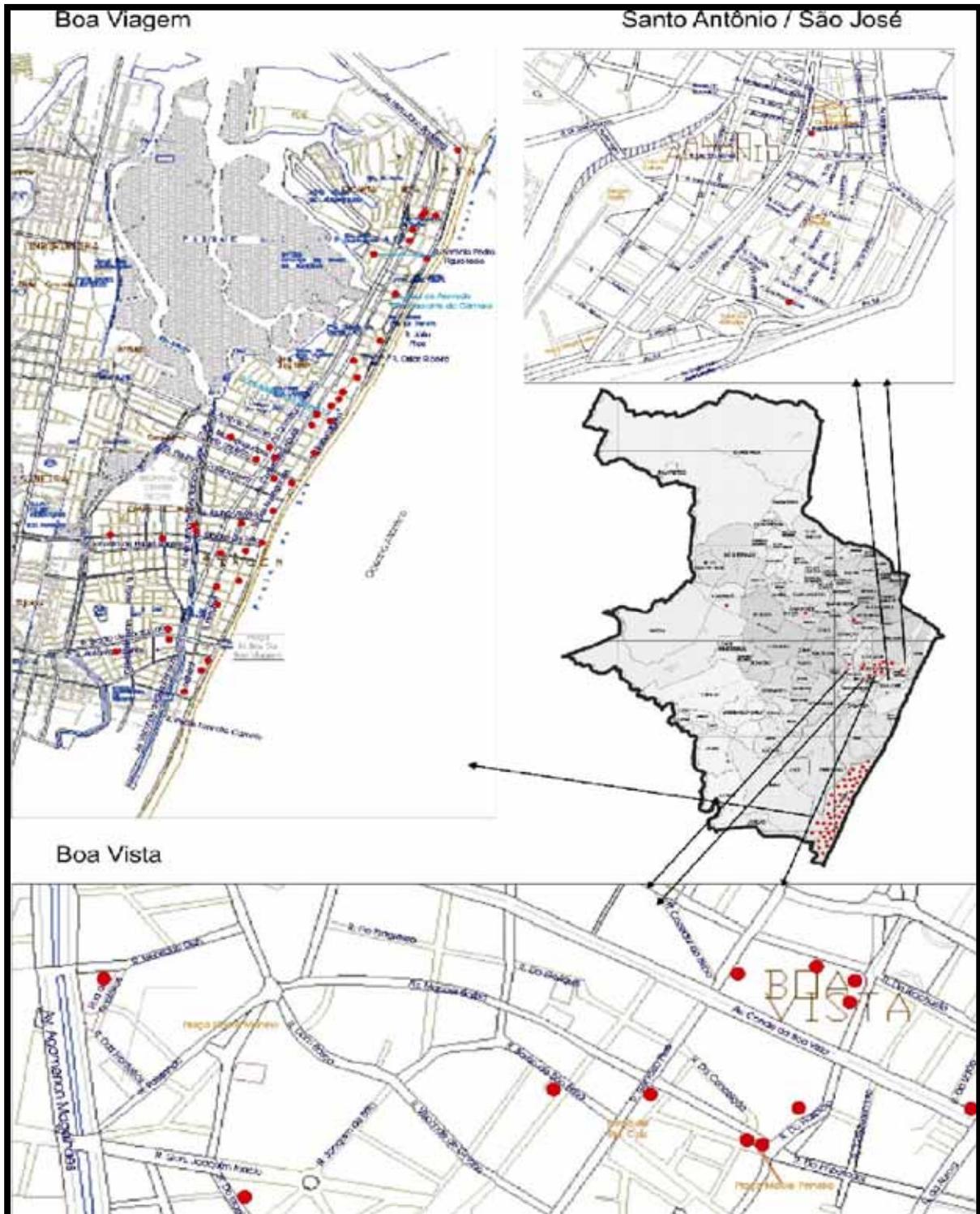
No ano de 2006, no mês de novembro, a hotelaria continua concentrada nos bairros de Boa Viagem e na área central (**Figura 22**), com exceção dos três hotéis já citados, o Hotel Pousada Casa Forte, no bairro de Casa Forte, o Hotel Pousada Rosa e Silva, localizado no bairro dos Aflitos e o Hotel Imperador, no bairro da Caxangá. Na

Ilha do Leite, é inaugurado o Parthenon Metrópolis, da Rede Accor, um significativo hotel, localizado na área central da cidade, o único de grande porte inaugurado na área central do Recife nos últimos tempos, talvez em função do processo de revalorização da área.

Os últimos acontecimentos acima colocados, referentes à dinâmica da hotelaria em Recife, revelam que a área de Boa Viagem, possivelmente já esteja apresentando aspectos de saturação quanto à fixação de hotéis, embora não tão intenso quanto o que foi apresentado pelo processo de deseconomias urbanas na área central da cidade, o que é inerente à própria lógica de organização espacial, caso não sejam tomadas medidas controladoras do processo.

Observa-se, portanto, que a hotelaria no Recife está marcada, atualmente, por um declínio no quantitativo de estabelecimentos (**Gráfico 01**). O motivo deste declínio, citado por Otávio Meira Lins, presidente da ABIH, reside no tarifário cobrado pelos hotéis da cidade, na medida em que as tarifas dos hotéis da cidade estão muito abaixo daquelas do restante das capitais do Nordeste e até mesmo do país, inviabilizando a vinda de grandes redes hoteleiras internacionais à cidade, bem como de empresários nacionais, pois suas margens de lucro ficarão, desse modo, bastante reduzidas, além da falta de incentivo por parte das entidades públicas, às iniciativas privadas no tocante à realização de empreendimentos e obras turísticas.

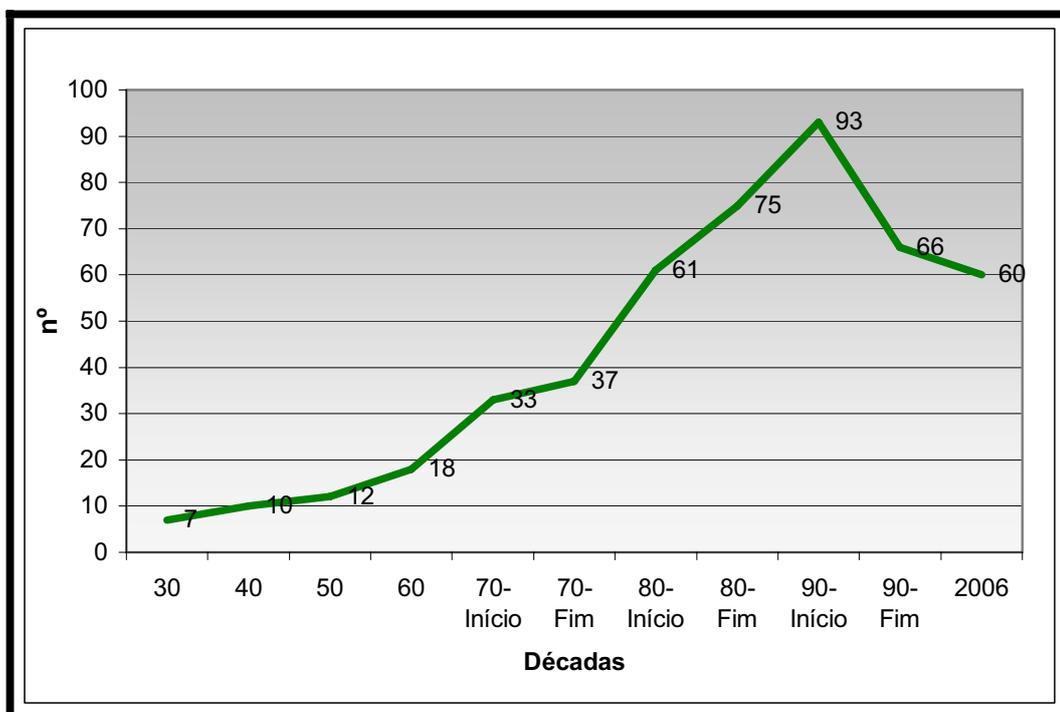
Figura 22: Distribuição espacial dos hotéis do Recife no ano de 2006



Autor: Annara Perboire, 2006

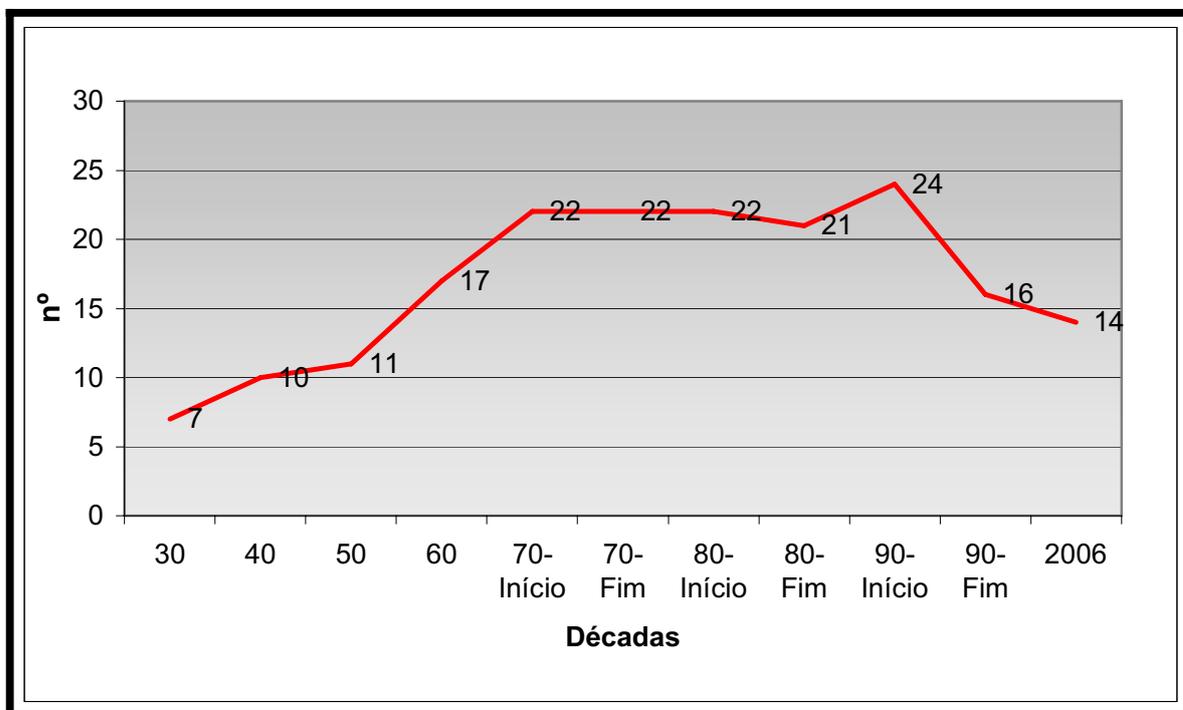
Também foi citado o aspecto relativo ao investimento massificado no turismo de sol e praia, o qual recebe abrangência na propaganda externa do turismo em Recife. Tal iniciativa, no entanto, foi amplamente criticada pelo presidente da ABIH/PE, quando afirma que as praias do Recife se assemelham às de outras capitais nordestinas e que o diferencial do local está no turismo cultural e no turismo de negócios e não no turismo de sol e mar como querem insistir.

Gráfico 01: Evolução da Hotelaria no Recife



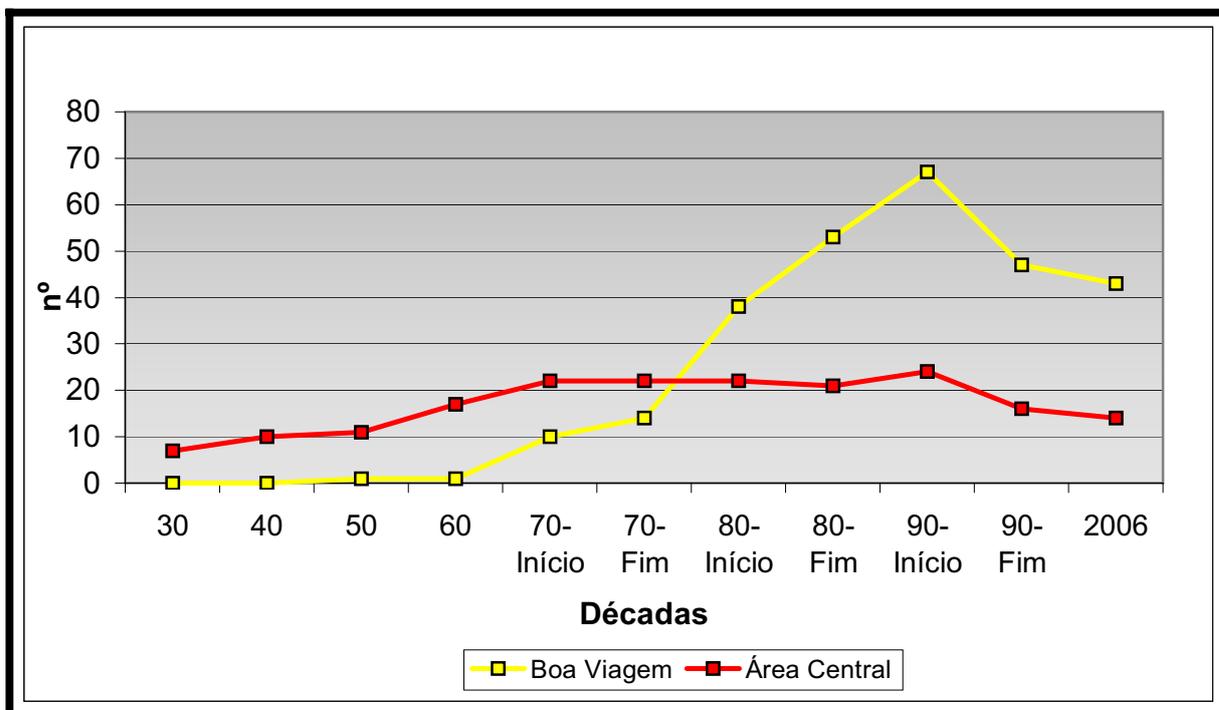
Fonte: Pesquisa de campo elaborada pela autora da dissertação.

Diante do exposto, é possível inferir que as duas áreas de concentração de hotéis do Recife apresentam diferenças também no que tange à sua evolução, uma vez que a área central tradicional da cidade possui uma quantidade estável de hotéis e que, com o passar dos anos, aumenta em números (**Gráfico 02**).

Gráfico 02: Evolução da Hotelaria na área Central

Fonte: Pesquisa de campo elaborada pela autora da dissertação.

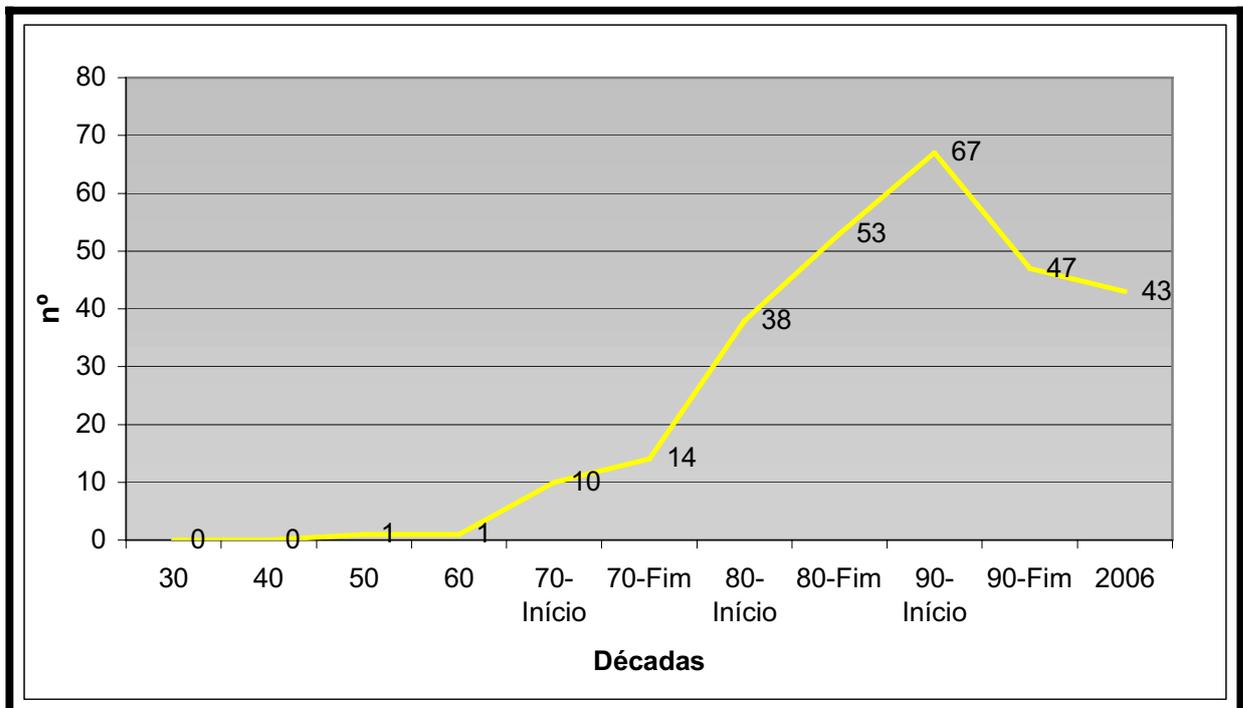
No entanto, quando comparada ao bairro de Boa Viagem (**Gráfico 03**), esta estabilidade é bem mais acentuada na área central, o que se deve, ao mesmo tempo, ao maior dinamismo socioeconômico de Boa Viagem frente ao da área central do Recife e ao tímido processo de revalorização do espaço desta área.

Gráfico 03: Comparação Evolutiva da Hotelaria da área Central e de Boa Viagem

Fonte: Pesquisa de campo elaborada pela autora da dissertação.

Concernente à hotelaria de Boa Viagem, observa-se que a mesma teve um aumento significativo a partir da década de 1980, obtendo seu ápice em princípios da década de 1990, quando, a partir de então, inicia-se um franco declínio (**Gráfico 04**), ressaltado anteriormente.

No entanto, sugere-se que tal declínio seja analisado posteriormente, necessitando, para tanto, de um acompanhamento contínuo de sua evolução histórico-geográfica, embora seus motivos já tenham sido explicitados, anteriormente, pelo presidente da ABIH/PE.

Gráfico 04: Evolução da Hotelaria de Boa Viagem

Fonte: Pesquisa de campo elaborada pela autora da dissertação

Percebe-se, portanto, que as peculiaridades quanto à dinâmica socioespacial do Recife também se refletem na questão hoteleira, uma vez que a concentração dos hotéis, a princípio, estava na área central. No entanto, o bairro de Boa Viagem, quando surge como subcentro comercial importante na cidade, detentor de inúmeras e variadas funções econômicas, antes existentes, predominantemente, na área central, passa a concentrar os objetos espaciais ligados aos equipamentos hoteleiros. Isso associado, também, ao processo de valorização da função turística naquela área.

Faz-se mister apresentar, de modo mais profundo, os motivos por que o bairro de Boa Viagem foi priorizado pelos investimentos do setor hoteleiro, enquanto que a área central tradicional da cidade foi preterida, aprofundando, dessa forma, a

diferenciação no que tange não só à concentração e ao número de objetos, mas também concernente à sua estrutura física e à sua clientela.

3.2. Os fatores de localização da hotelaria no Recife impondo a fragmentação e a marginalização aos lugares

Com a concentração de hotéis, especialmente, em Boa Viagem, criaram-se novas formas de se produzir o espaço. É importante, no entanto, citar que a concentração de hotéis na área central ainda existe, embora achando-se inferior tanto em relação ao número total de estabelecimentos, quanto em relação ao seu funcionamento como sistemas de objetos influenciados, por sua vez, por sistemas de ações.

O bairro de Boa Viagem apresenta-se como *lócus* da expansão do capital hoteleiro a partir do momento em que incorpora novos e modernos objetos ligados à função econômica, representativos da modernidade. Por sua vez, a área central, cada vez mais distancia-se desses preceitos à medida que suas formas e estruturas permanecem inalteradas, não se vendo aí a introdução dos novos paradigmas propostos pelo capitalismo atual, inovações técnicas e a instantaneidade de ações e decisões próprias do período destacado técnico-científico-informacional.

Nesse sentido, os hotéis da área central ainda operam em forma de uma estrutura familiar: as funções dos seus empregados não estão bem distribuídas, caracterizando certa multifuncionalidade, o que também é uma característica da hotelaria atual. No entanto, em alguns estabelecimentos hoteleiros da área central, essa particularidade esbarra na deficiência quanto à prestação dos serviços, pois os

funcionários executam diversas funções ao mesmo tempo, atrapalhando o andamento das atividades diárias do estabelecimento. Na maioria dos hotéis, o próprio proprietário trabalha na recepção, precisando ausentar-se, em alguns momentos, carregando malas e preparando as refeições.

Nos hotéis de Boa Viagem, no entanto, observa-se que essa multifuncionalidade dos empregados também se acha presente, visto que ela faz parte do período de transição do fordismo à economia flexível, não chegando, porém, a interferir na totalidade da qualidade do serviço prestado ao hóspede. Essa multifuncionalidade foi explicada pelo presidente da ABIH/PE como necessária e presente em todos os estabelecimentos modernos e atuais, uma vez que corrobora para a excelência na prestação dos serviços como também para o conhecimento holístico do funcionário a respeito do ambiente de trabalho. Está claro, portanto, que a natureza real desta multifuncionalidade, permanecendo coberta pela visão empresarial, reside notadamente na exploração do trabalhador, tal como aborda Harvey (1996).

Nesse sentido, segundo um trabalho realizado por um grupo de estudos do curso de turismo da Universidade Católica de Pernambuco- UNICAP (2000), constatou-se que, nos hotéis da Região Metropolitana do Recife (RMR), exige-se dos funcionários muito trabalho e os mesmos, em geral, percorrem vários departamentos do hotel executando diferentes funções, acarretando um trabalho muitas vezes sem rotina. No entanto, observa-se que, principalmente no que tange aos pequenos e médios hotéis, as perspectivas de crescimento profissional são pífias e o nível salarial encontra-se bem abaixo das expectativas dos funcionários.

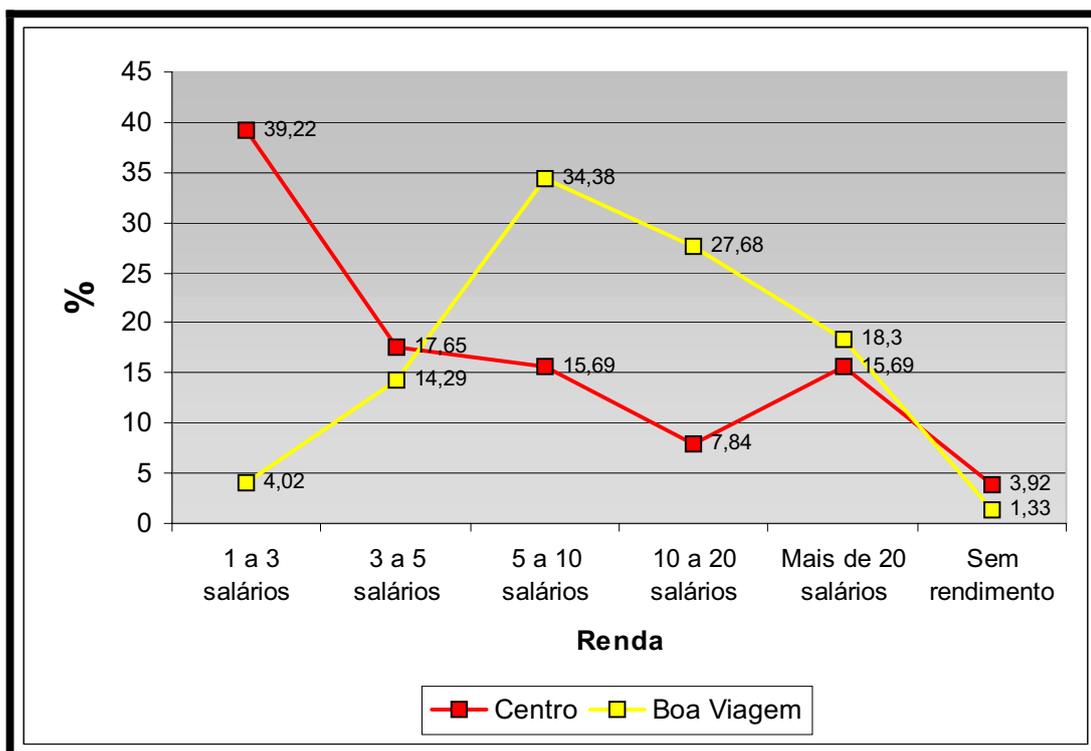
No que tange ainda aos funcionários dos hotéis, faz-se mister apresentar também diferenças no que tange à sua qualificação. Nos hotéis da área central, não há investimento em treinamento para os seus funcionários em razão do alto custo para tal empreitada. Os hotéis de Boa Viagem, por conseguinte, afirmam constantemente conceder aos seus funcionários treinamento concernente à qualidade no atendimento e prestação dos serviços; também se exige um certo nível de experiência ou cursos específicos para o exercício de funções dentro do hotel para admissão de um funcionário, fato não observado nos hotéis da área central.

Observam-se, também, diferenças no que tange ao nível financeiro dos proprietários dos hotéis. Nos hotéis da área central, constatou-se que os seus proprietários possuem condição financeira inferior aos proprietários dos hotéis situados no bairro de Boa Viagem. Segundo o senhor João Falcão, proprietário do Hotel das Fronteiras, este decidiu investir no ramo hoteleiro, adaptando uma casa a um estabelecimento de hospedagem. Em Boa Viagem, no entanto, alguns hotéis, principalmente os inaugurados por volta da década de 1970, foram construídos em terrenos dos seus próprios proprietários. Tal fato foi citado pelos proprietários do Hotel Aconchego, Hotel Jangadeiro, Marolinda Residence e Marolinda Inn, fato apurado através de uma entrevista semi-estruturada junto aos mesmos.

O fator financeiro dos proprietários influencia diretamente no nível dos serviços ofertados pelo hotel, o qual depende dos investimentos feitos pelo hotel na sua estrutura física, nos equipamentos e no corpo funcional. Esses investimentos atrairão hóspedes mais exigentes. Dessa forma, observa-se que o nível de renda dos que se

hospedam em Boa Viagem é superior aos que se hospedam nos hotéis da área central (Gráfico 05).

Gráfico 05: Faixa de renda dos brasileiros hospedados em hotéis do Recife



Fonte: Pesquisa de campo elaborada pela autora da dissertação

Observa-se que, na faixa de 1 a 3 salários mínimos, o percentual de turistas hospedados na área central é bem superior a dos hospedados em Boa Viagem. Na área central o percentual de turistas vai declinando quando se eleva a faixa salarial; enquanto que, em Boa Viagem, o percentual de turistas com faixa de renda inferior é bem pequeno e vai aumentando com as faixas obtendo maior percentual de 5 a 10 salários.

Esse aspecto também é encontrado quando se analisa o nível de renda dos hóspedes estrangeiros nas duas localidades estudadas. A renda média mensal do turista hospedado na área central é de R\$ 1.050,00, enquanto a dos turistas hospedados nos hotéis localizados no bairro de Boa Viagem é de R\$ 8.379,74, uma diferença, portanto, significativa. Isto coloca os hotéis, situados em Boa Viagem, mais próximos de uma clientela de maior poder aquisitivo, favorecendo um retorno mais rápido dos investimentos realizados pelos proprietários daqueles estabelecimentos.

Em relação aos investimentos da iniciativa pública no setor de hospedagem, segundo os hoteleiros, tanto os de Boa Viagem como os da área central, eles não vêm sendo realizados. Para aqueles empresários, há ausência de quaisquer tipos de incentivo para implantação ou manutenção dos seus estabelecimentos. Mas, indagamos se numa realidade de escassos recursos para investimentos nos setores sociais, o Estado deverá ocupar-se da implantação de equipamentos hoteleiros. Todavia, o Estado não deve negligenciar aspectos atinentes às condições gerais do espaço à realização da dinâmica urbana como um todo, tais como aspectos de infraestrutura, segurança, etc.

Na área central tradicional da cidade, criticou-se a questão da falta de segurança. Os hoteleiros citaram a ausência de policiamento ostensivo. Dois deles, ou seja, os proprietários do Lido Hotel e do Hotel Mediterrâneo instalaram em suas portas grades que impossibilitam a entrada de pessoas sem identificação, o que de um lado pode inibir ações dos malfeitores, por outro, pode amedrontar os hóspedes.

A insegurança foi, portanto, um dos fatores mencionados pelos referidos proprietários de hotéis da referida área central como influenciador na decadência da área central para finalidade turística. Esse aspecto também foi citado por Verônica Vieira de Souza, Chefe dos Postos de Informações Turísticas da EMPETUR, como primordial para que os recepcionistas desses postos não indiquem aos turistas a área central para hospedagem, o que agrava a fragmentação espacial da hotelaria em detrimento dos hotéis da área central.

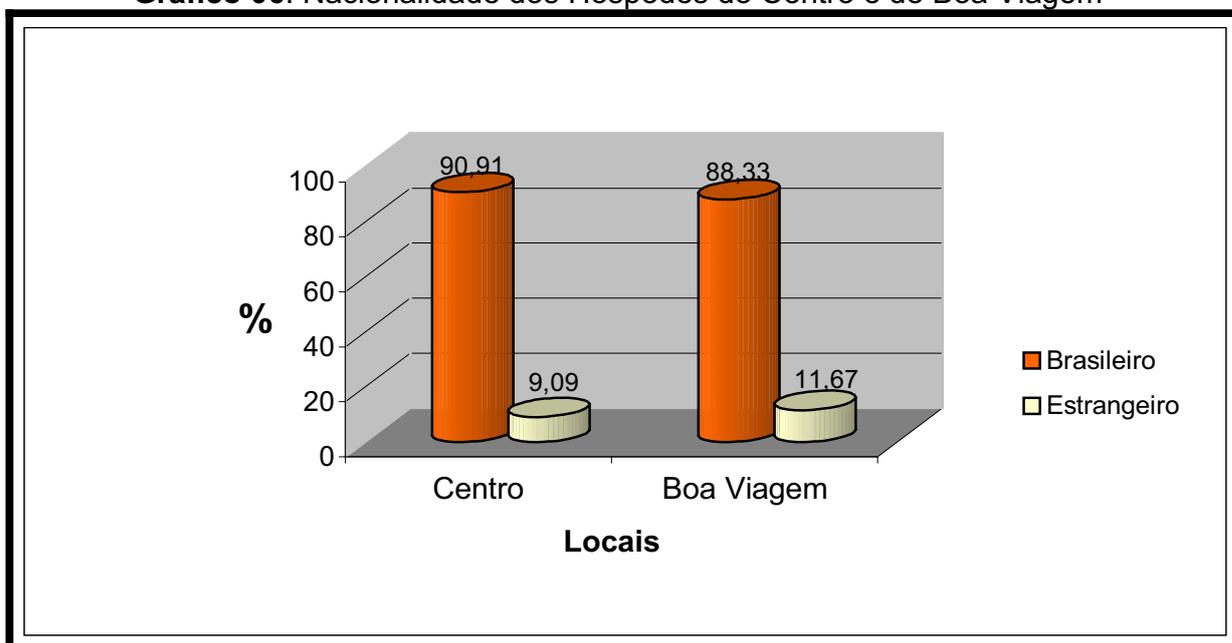
Os Postos de Informações Turísticas possuem postos no CECON, no Aeroporto, no TIP e na Casa da Cultura do Recife. Os recepcionistas são preparados e treinados para fornecerem informações relativas ao turismo, tais como: serviços, infra-estrutura e equipamentos turísticos das cidades de todo o estado de Pernambuco. De posse da listagem de hotéis, os recepcionistas são autorizados a indicarem hotéis aos turistas. No entanto, por determinação da EMPETUR, o recepcionista deverá indicar em média 5 hotéis ao turista para que o mesmo, a partir de seus interesses, opte pelo que vai se hospedar.

Destarte, é cabível afirmar que, pelo conhecimento empírico dos recepcionistas, estes não indicam hotéis na área central, apenas o fazem se o turista já estiver predeterminado a se hospedar na localidade. Com efeito, segundo a chefe do setor, o lugar é detentor de inúmeros prédios comerciais e no turno da noite as suas ruas ficam desertas. Outros fatores indicativos da exclusão da localidade para indicação nos postos de informações, é o estado de conservação dos hotéis, em função da precariedade de seus serviços, e o desvio das suas atividades, alugando seus quartos por hora, para casais.

A partir da informação extraída junto aos entrevistados, é pertinente a análise acerca da alteração no tipo de serviço prestado, pois a hospedagem em hotéis inclui um pernoite e não a permanência por hora no equipamento. Faz-se necessário, portanto, analisar o papel de fiscalização do Estado nos equipamentos turísticos.

A EMPETUR é o órgão delegado pelo Ministério do Turismo para registro e classificação dos equipamentos turísticos no estado de Pernambuco. No entanto, o funcionário Joilson Reis de Souza, do setor de Registro e Classificação da EMPETUR, afirmou que o órgão é impossibilitado de atuar junto aos hotéis, uma vez que não possui poder policial de punição. Dessa forma, os hotéis que possuem algum tipo de infração não são punidos ou sensibilizados para melhoria de seus serviços ou estrutura. Questiona-se, assim, a atuação do estado perante a qualidade dos equipamentos ofertados aos turistas, uma vez que se poderia incentivar o melhoramento dos hotéis na área central ou os da cidade os quais não estão adequados ao recebimento de turistas.

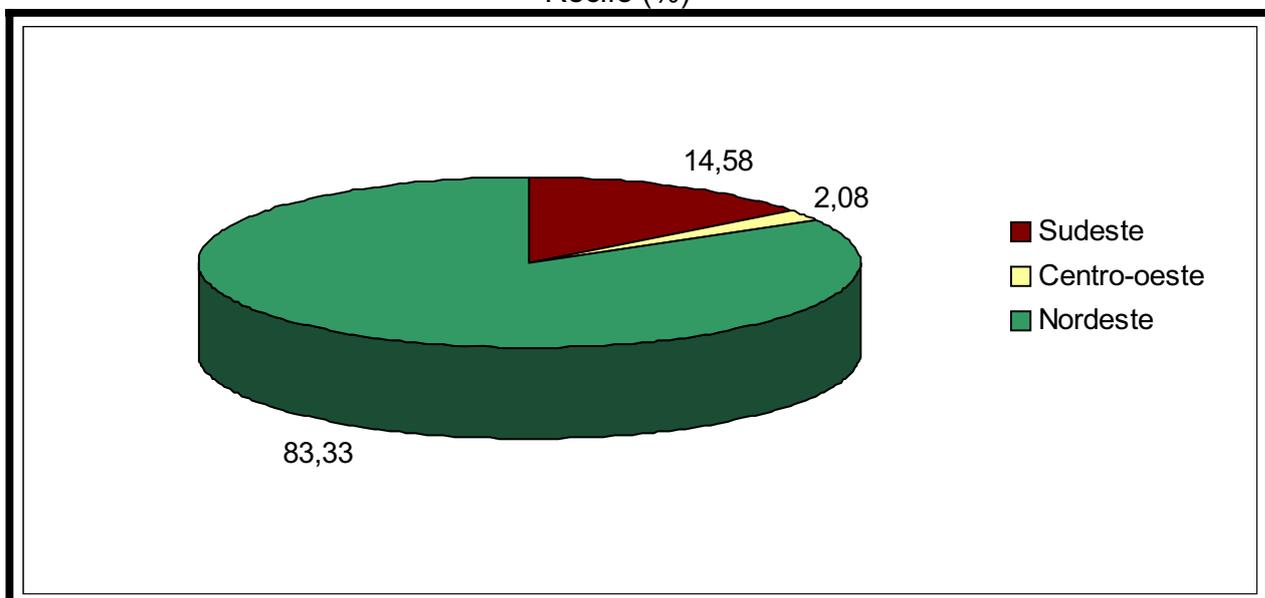
No que tange à nacionalidade dos turistas hospedados em hotéis tanto em Boa Viagem como na área central, faz-se mister citar a predominância dos brasileiros em ambas as áreas, já que o percentual de turistas brasileiros fica em torno de 90% em ambas. No entanto, no bairro de Boa Viagem, esse percentual difere em torno de 2% em relação à área central. Dessa forma, esta última tem um percentual de 90,91% de brasileiros e 9,09% de estrangeiros; Boa Viagem, por sua vez, apresenta um percentual de 88,33% de brasileiros enquanto que 11,67% referem-se a turistas oriundos de outros países (**Gráfico 06**).

Gráfico 06: Nacionalidade dos Hóspedes do Centro e de Boa Viagem

Fonte: Pesquisa de campo elaborada pela autora da dissertação

A primeira peculiaridade no que tange à residência permanente dos hóspedes é relativa aos turistas brasileiros, uma vez que o bairro de Boa Viagem e a área central possuem grandes diferenças quanto ao percentual de hóspedes oriundos das regiões do país. Na área central, o percentual de hóspedes nordestinos é muito alto, perpassando os 80%; em segundo lugar, encontram-se os turistas provenientes da região Sudeste, basicamente dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, totalizando um percentual de 14,58%. Relativa à região Centro-oeste, representada pelo Distrito Federal, tem-se um percentual de 2,08% (**Gráfico 07**).

Gráfico 07: Residência Permanente dos brasileiros hospedados na área central do Recife (%)



Fonte: Pesquisa de campo elaborada pela autora da dissertação

É importante citar que dos hóspedes oriundos da região Nordeste que se hospedam na área central, a maior parte deles é proveniente do estado de Pernambuco; bem abaixo se encontram aqueles oriundos dos estados de Alagoas e da Bahia, correspondendo no total a 35,42%, 10,42% e 10,42%, respectivamente (**Tabela 03**). Tal fato, no entanto, pode ser relacionado ao nível de renda da população das regiões brasileiras, uma vez que a região Nordeste é uma das mais pobres do país e seus habitantes não possuem poder aquisitivo elevado, impossibilitando-os de realizarem longas viagens, bem como de se hospedarem em hotéis com preços mais elevados.

Tabela 03: Residência Permanente dos Brasileiros hospedados na área central do Recife

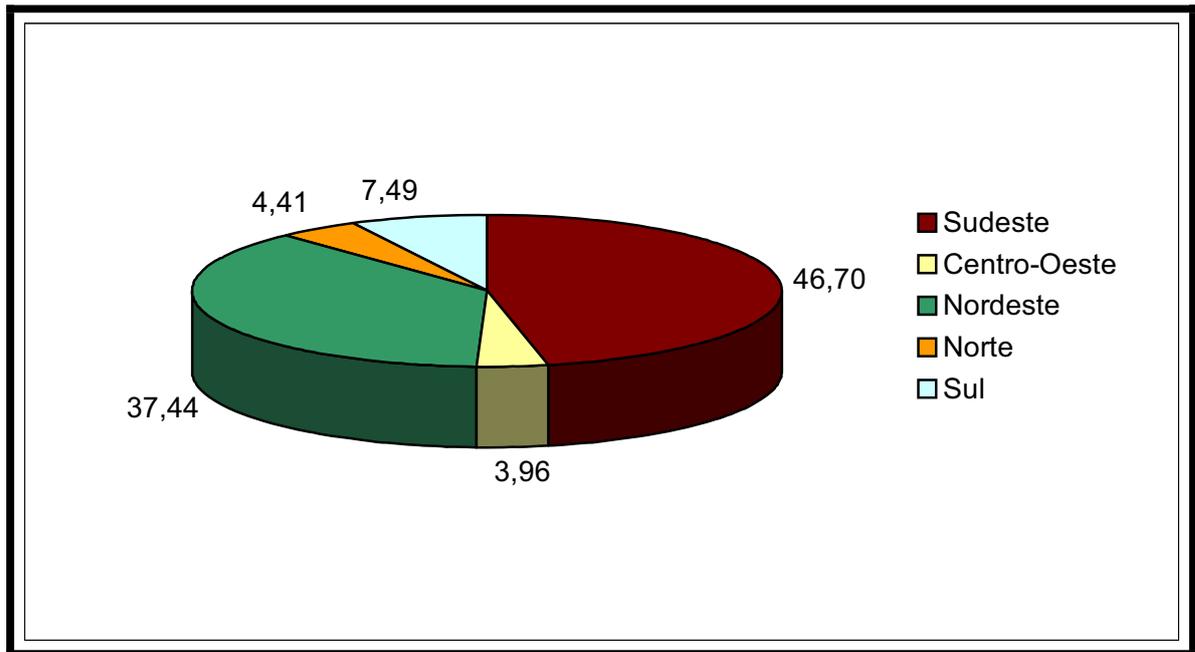
RP Nacional	Frequência	Percentual
Alagoas	5	10,42
Maranhão	1	2,08
Paraíba	2	4,17
Pernambuco	17	35,42
Piauí	1	2,08
Rio de Janeiro	2	4,17
Rio Grande do Norte	3	6,25
São Paulo	5	10,42
Sergipe	3	6,25
Bahia	5	10,42
Ceará	3	6,25
Distrito Federal	1	2,08
Não respondeu	2	
Total Válido	48	100,00
Total	50	

Fonte: Pesquisa de campo elaborada pela autora da dissertação

No tocante ao bairro de Boa Viagem, observa-se que é marcante, ali, a presença de hóspedes da região Sudeste, com 46,70%; em segundo lugar, a região Nordeste com 37,44%; em terceiro lugar, apresenta-se a região Sul, com um total de 7,49%; as

regiões Norte e Centro-oeste, por sua vez, aparecem com um percentual baixo, em relação às demais regiões, de 4,41% e 3,92%, respectivamente (**Gráfico 08**).

Gráfico 08: Residência Permanente dos brasileiros hospedados em Boa Viagem (%)



Fonte: Pesquisa de campo elaborada pela autora da dissertação

O bairro de Boa Viagem apresenta um alto percentual de hóspedes oriundos do estado de São Paulo; do total geral, 32,16% são oriundos desse estado; Rio de Janeiro, por sua vez, apresenta-se em segundo lugar com um total de 10,13%. É importante dizer que, diferentemente da área central, no bairro de Boa Viagem, encontram-se hóspedes da região Norte, representados pelos estados do Pará com 1,76%, Amazonas 1,76% e Amapá 0,88% (**Tabela 04**), mas com fracos percentuais.

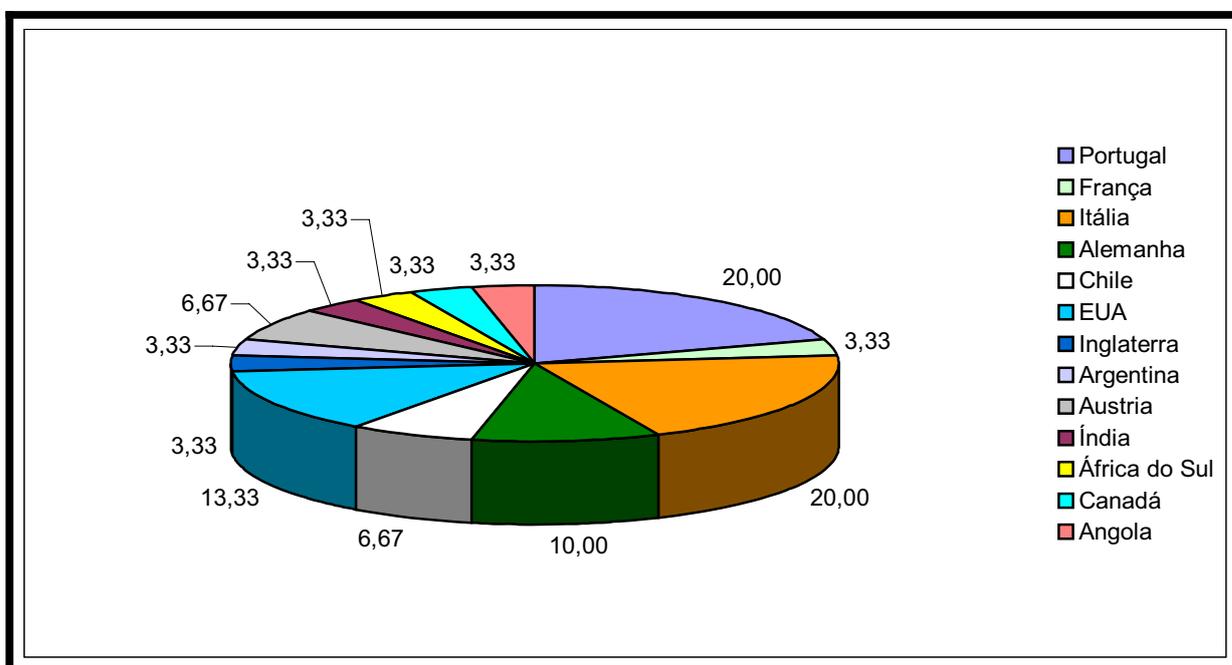
Tabela 04: Residência Permanente dos Brasileiros hospedados em Boa Viagem

RP Nacional	Freqüência	Percentual
Alagoas	7	3,08
Maranhão	3	1,32
Mato Grosso do Sul	2	0,88
Minas Gerais	9	3,96
Pará	4	1,76
Paraíba	8	3,52
Parana	4	1,76
Pernambuco	3	1,32
Piauí	1	0,44
Rio de Janeiro	23	10,13
Amazonas	4	1,76
Rio Grande do Norte	9	3,96
Rio Grande do Sul	9	3,96
Santa Catarina	4	1,76
São Paulo	73	32,16
Sergipe	6	2,64
Amapá	2	0,88
Bahia	31	13,66
Ceará	17	7,49
Distrito Federal	4	1,76
Espirito Santo	1	0,44
Goias	3	1,32
Não respondeu	30	
Total válido	227	100
Total	257	

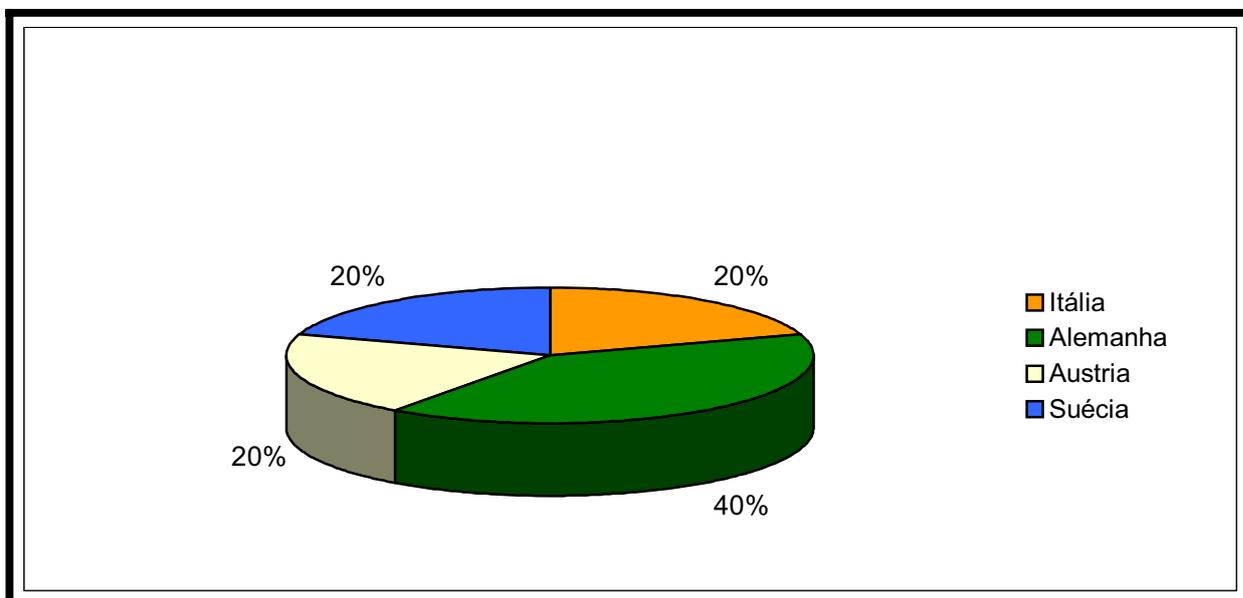
Fonte: Pesquisa de campo elaborada pela autora da dissertação

No que tange à residência permanente dos hóspedes estrangeiros, observa-se que, em Boa Viagem, além da sua presença, há uma maior variedade deles, abarcando os cinco continentes: europeu, americano (norte-americano e sul-americano), africano e asiático (**Gráfico 09**), ao passo que, na área central, os hóspedes estrangeiros que ali se encontram são oriundos fundamentalmente do continente europeu (**Gráfico 10**).

Gráfico 09: Residência permanente dos estrangeiros hospedados em Boa Viagem (%)



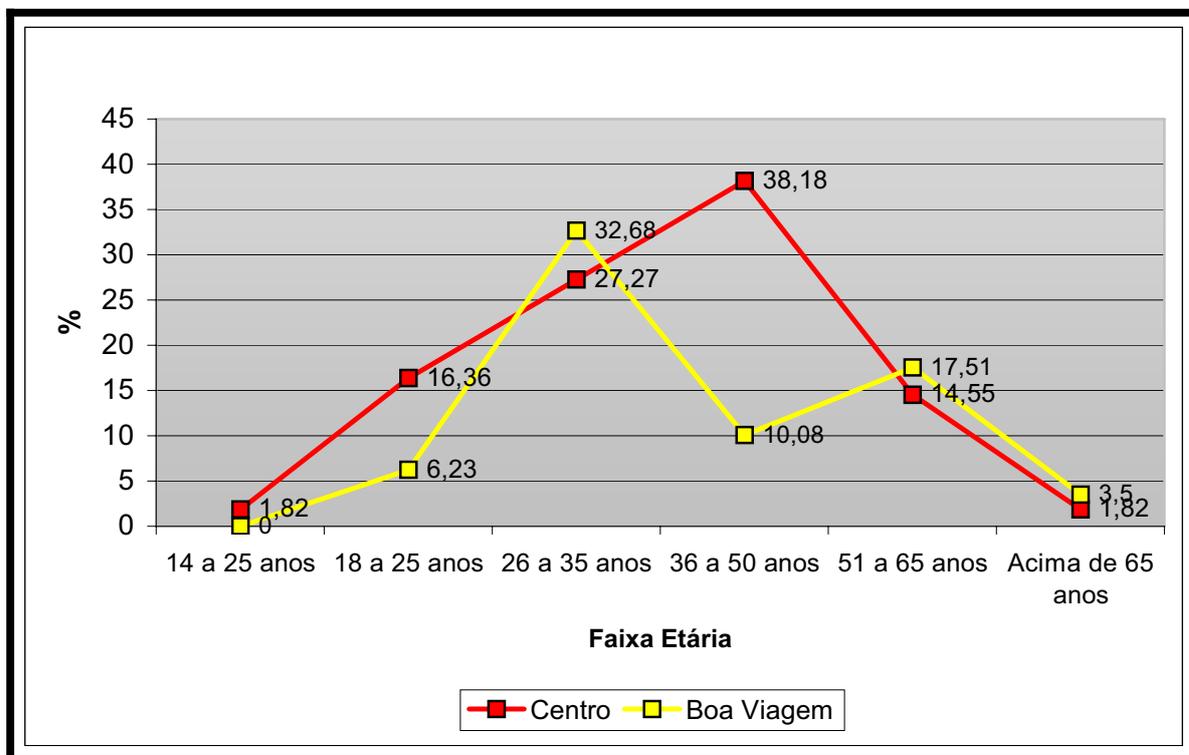
Fonte: Pesquisa de campo elaborada pela autora da dissertação

Gráfico 10: Residência permanente dos estrangeiros hospedados na área central (%)

Fonte: Pesquisa de campo elaborada pela autora da dissertação

Esse maior e mais diversificado número de hóspedes estrangeiros no bairro de Boa Viagem, em relação à área central, indica que a área de Boa Viagem possui hotéis mais preparados, em relação aos serviços oferecidos, para receber essa demanda. E isso, além das indicações que lhes são feitas pelos recepcionistas dos postos de informações turísticas, como visto anteriormente.

Em relação à faixa etária dos hospedados no Recife, observa-se que, no bairro de Boa Viagem, o percentual de jovens é superior ao de pessoas com mais idade. Este fato é comprovado quando se observa que, em Boa Viagem, os turistas na faixa etária de 26 a 35 anos possuem o maior percentual (32,68%), enquanto que, na área central, o maior percentual encontra-se na faixa etária de 36 a 50 anos é de 38,18%. Em Boa Viagem a curva sobe bruscamente, atingindo o ápice e, posteriormente, decai. A área central apresenta uma curva crescente que, apenas após seu ápice, decai (**Gráfico 11**).

Gráfico 11: Faixa etária dos hospedados na área central e em Boa Viagem

Fonte: Pesquisa de campo elaborada pela autora da dissertação

O alto percentual de jovens em Boa Viagem está relacionado às opções de lazer, passeio e entretenimento ofertadas no bairro, atraindo, por sua vez, uma demanda turística de pessoas com faixa etária inferior. Na área central, por sua vez, a faixa etária de 36 a 50 anos é relevante, diferentemente de Boa Viagem, onde a faixa de maior incidência é de 26 a 35 anos. A grande incidência de pessoas na faixa de 36 a 50 anos, na área central, é relativa às pessoas que possuem trabalho fixo e já estabilizadas e comerciantes que visitam a localidade com a finalidade de compras no centro comercial do Recife para revenda nos seus lugares de origem. O centro comercial do Recife, no entanto, atrai pessoas de vários lugares, principalmente, pessoas do interior do estado de Pernambuco, corroborando para a afirmativa de que o maior percentual de

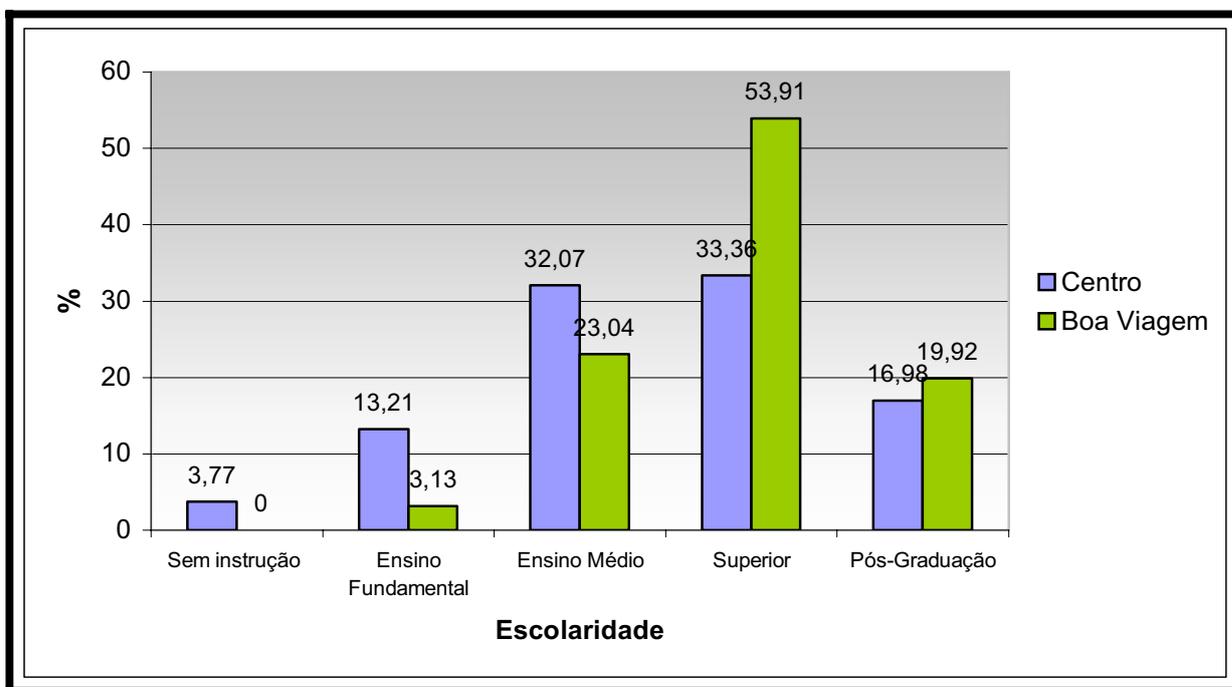
hospedados em hotéis da área central são os nordestinos, em especial os pernambucanos.

Um outro ponto detectado na pesquisa de campo foi aquele que diz respeito ao nível de escolaridade dos turistas. O número daqueles que se hospedam em Boa Viagem é superior ao dos que se hospedam na área central (**Gráfico 12**). Observa-se que o centro ainda detém hóspedes sem instrução formal, ao passo que, em Boa Viagem, esse tipo de hóspede não ocorre. Hóspedes com ensino fundamental, de 1^a a 4^a séries, são observados com maior percentual na área central com 13,21%; enquanto que em Boa Viagem esse percentual cai para 3,13%. No que tange ao ensino médio, de 5^a a 8^a séries, observa-se que o percentual dos que se hospedam na área central ainda é superior ao de Boa Viagem. No entanto, essa diferença já é menor entre as duas localidades, uma vez que no centro o percentual é de 32,07% e 23,04% em Boa Viagem. Quando se analisa a situação dos hóspedes com nível superior, a diferença é invertida em favor de Boa Viagem. Este bairro apresenta um percentual de 53,91% relativo ao nível de escolaridade, enquanto que o centro apresenta 33,36%. Os hóspedes com pós-graduação são observados nas duas áreas de concentração hoteleira; no entanto, o percentual em Boa Viagem é superior ao do centro, porém esta diferença recai e fica de apenas pouco menos de 3%.

O significado dessa constatação de que, em Boa Viagem, os hóspedes, em geral, possuem um nível de escolaridade superior aos hóspedes da área central, é que quanto maior o nível de instrução dos hóspedes mais exigentes os mesmos se tornam, o que corrobora para a melhoria na qualidade dos serviços prestados.

Dessa forma, observa-se, portanto, que Boa Viagem possui serviços mais apropriados e adequados à demanda de hóspedes mais exigentes, ficando, por sua vez, o centro abaixo da expectativa dos hóspedes. Com certeza, esse diferencial impacta na qualidade dos serviços prestados em Boa Viagem em detrimento da situação dos hotéis da área central no seu conjunto mais instruídos.

Gráfico 12: Nível de escolaridade dos turistas hospedados na área central e em Boa Viagem (%)



Fonte: Pesquisa de campo elaborada pela autora da dissertação

Concernente aos fatores que influenciaram o turista na escolha da localidade para hospedagem, foram citados aspectos como: a praia, o conhecimento prévio a respeito da localidade, uma vez que já havia visitado a cidade; a mídia tanto impressa como eletrônica corroboraram para decisão final, bem como indicações, quer seja por

parentes, amigos, agência de viagens Também foi citado o preço dos serviços, as perspectivas de negócios, a infra-estrutura do local e o aeroporto.

No bairro de Boa Viagem, a praia foi citada pelos hóspedes, como motivação maior para a escolha na localização da hospedagem na cidade do Recife como visto anteriormente. Tal fato corrobora para a premissa de que as amenidades são importantes para o estabelecimento de atividades humanas, principalmente concernentes à função turística, uma vez que o turismo utiliza os espaços como matéria-prima, criando, portanto, novas formas que transformam a função da lugar. No entanto, para o estabelecimento de um sistema de objetos, a iniciativa parte dos empresários do setor que optam em investir em um determinado lugar em detrimento de outro. Dessa forma, a praia também foi citada pelos empresários como motivo maior à escolha da localização para investimentos, agregando-se aos incentivos concedidos pelo FUNGETUR e o reforço primordial que a EMBRATUR, a partir da década de 1970, concedia ao turismo de sol e praia.

Outros fatores importantes foram o conhecimento do lugar e a indicação. No caso específico de Boa Viagem, a “indicação” apresenta o percentual mais elevado, 40,98%, enquanto que a opção “já conhecia o local” apresentou um percentual de 7,65%. A indicação, citada pelos hóspedes, partiu de amigos, parentes, taxistas, agências de viagens; percebe-se, portanto que ambos os percentuais, quando analisados juntos, detêm um percentual total de 48,63%. A partir desse alto percentual, infere-se que, quando se tem um prévio contato ou conhecimento empírico do lugar, a indicação é feita para a hospedagem em Boa Viagem.

Esse fato é comprovado em conversa com Verônica Vieira de Souza, chefe dos postos de informações da EMPETUR, quando a mesma afirma que os recepcionistas evitam indicar hotéis na área central, como dito anteriormente, por motivo de falta de segurança da área, estado de conservação e serviços dos estabelecimentos de hospedagem os quais, em sua maioria, são insatisfatórios ou bastante antiquados. É por isso que a indicação só é feita para a área central quando o turista já está predisposto a se instalar no local, conforme dito anteriormente. Mesmo quando o turista vem à cidade para participar de eventos no CECON, indica-se a permanência em Boa Viagem, não obstante essa instituição se situar em Olinda, município distante 7km do centro do Recife, constituinte da Região Metropolitana do Recife. Conclui-se, portanto, que, quando se tem um conhecimento prévio, seja por vivência própria ou por terceiros, opta-se em se hospedar no bairro de Boa viagem.

As informações das mídias impressas e eletrônicas também foram citadas como fatores influenciadores na escolha da localidade para hospedagem. Observa-se, porém, que, na área central, esse aspecto não foi citado pelos pesquisados. Boa Viagem, no entanto, é representado através de um percentual de 4,92%. Os meios citados para este caso foram: propagandas em guias de viagens, internet e revista. Esse fator demonstra a valorização e a propagação de Boa Viagem como detentora de amenidades e lugar com presente função turística e hospitaleira, apesar de já existir certa saturação da atividade naquele lugar.

O preço das diárias também foi citado pelos pesquisados como sendo o fator decisório na escolha da localização da hospedagem no Recife. Apesar dos hotéis de Boa Viagem possuírem maiores tarifas, no entanto, mesmo nessa localidade foi

computado um percentual de 9,84%. A razão dessa menção advém da proliferação dos meios de hospedagem no bairro de Boa Viagem, na década de 1980, quando os hotéis de grande porte baixaram suas tarifas as quais se equipararam às dos hotéis de pequeno e médio porte.

Na área central, o preço também foi citado pelos pesquisados, no entanto, diferentemente dos hospedados em Boa Viagem, o preço foi mencionado, em outro aspecto, uma vez que a hotelaria do centro da cidade, por ser mais simples e de menor porte, possui uma tarifa inferior quando comparada as dos equipamentos hoteleiros do bairro de Boa Viagem. Desta forma, observa-se que, apesar de Boa Viagem ter sido citado, a área central se sobressaiu em percentual quando se estabeleceram comparações entre as duas áreas em questão, pois o percentual no centro atingiu 18,42%, enquanto que em Boa Viagem foi de 9,84%.

Na pesquisa de campo, também foi mencionada a opção de negócio como decisiva para a opção na localização de hospedagem em Recife. Com isso, confirma-se a presença marcante da função de negócios em toda a cidade, pois a motivação negócios para a viagem foi citada pelos hóspedes tanto em Boa Viagem como na área central. A motivação de viagem a negócio também foi citada pelos hoteleiros como a principal no tocante aos hóspedes tanto da área central como na do bairro de Boa Viagem.

Segundo dados da EMPETUR, os negócios são a principal motivação dos hóspedes que visitam a cidade. Quando somados com os valores relativos a eventos e

convenções, obtêm um percentual de 48,92%, ficando o turismo com um percentual bem abaixo deste, ou seja, de 39,73% e outros motivos com 11,35% (**Anexo 03**).

A forte característica baseado no chamado turismo de negócios pode ser medida quando aplicada a Função Turística de Defert, "T(f)", que analisa a intensidade do turismo daquela área. Quando se aplica a fórmula para o bairro de Boa Viagem, considerando 9.887 o número de leitos da localidade e 100.388 o número total de habitantes, obtêm-se um índice de 9,85, indicando que a área é detentora de pouca atividade turística "submersa em outras funções urbanas".

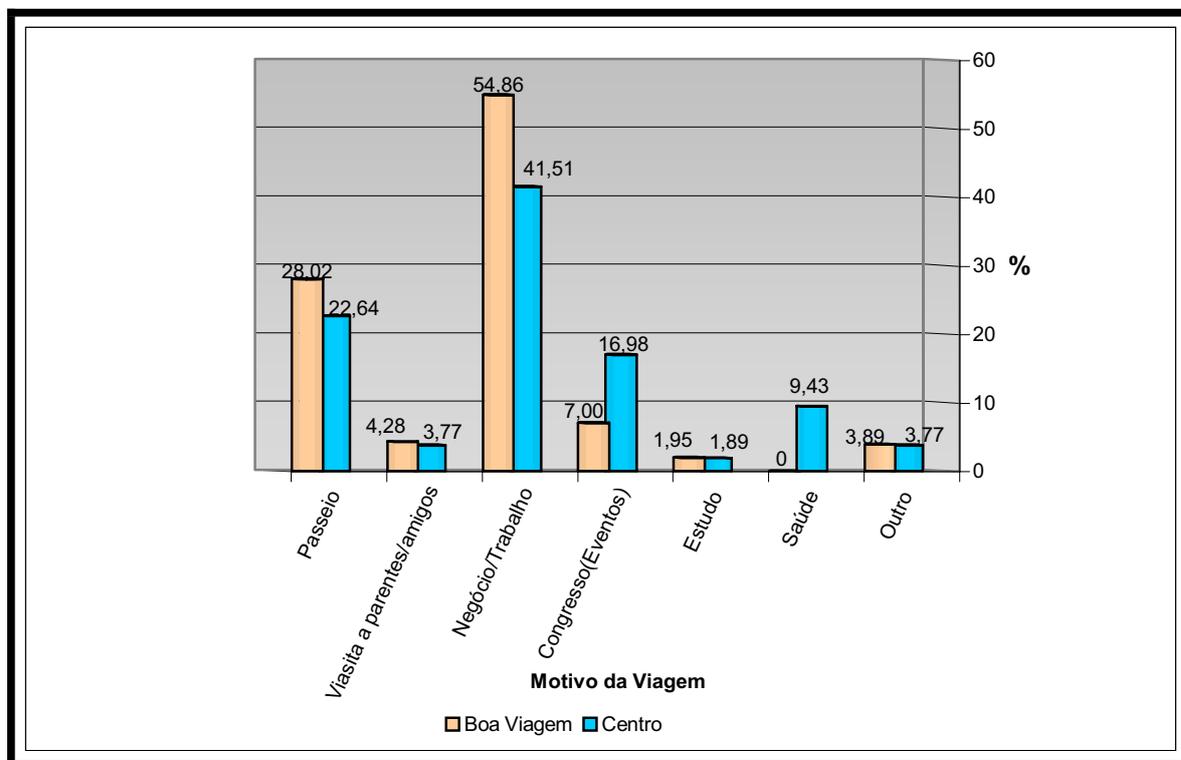
Quando, por outro lado, a função de Defert é aplicada na área central utilizando os bairros da Boa Vista, Santo Antônio, São José, Derby e Ilha do Leite, o índice é de 5,50, analisado a partir de 1.450 leitos disponíveis na área e população total de residentes de 26.359 habitantes. Esse índice inferior ao do bairro de Boa Viagem também se enquadra na classificação de que na área possui pouca atividade turística.

Quando comparadas as duas áreas, observa-se que, através dos valores obtidos, aplicando-se o índice de Defert, Boa Viagem apresenta um valor superior ao da área central, as funções mais significativas do bairro são a residencial e a de serviços e negócios, enquanto que na área central a função mais significativa é a de negócios. Dessa forma, é possível inferir que a cidade de Recife, como um todo, possui em sua estrutura a função de negócios sendo demonstrado através dos resultados obtidos com aplicação do Índice de Defert, como também por esta função ser decisória para a localização da hospedagem, pelos turistas, na cidade, uma vez que se obtêm um percentual de 6,01% em Boa Viagem e 2,63% no centro.

Isto também é observado quando se apresentam as distinções concernentes à motivação de viagem em ambas as localidades. Boa Viagem, por sua vez, apesar de seu caráter turístico e proximidade da praia, apresenta um percentual superior de hóspedes que vêm a negócios aos que vêm a área central. Além disto, os negócios se configuraram como a principal motivação dos hóspedes de Boa Viagem. Isto corrobora, portanto, para a premissa de que Boa Viagem é um subcentro que se acha bastante próximo à área central, uma vez que apenas 6Km as separam. Dessa forma, Boa Viagem apresenta um percentual de 54,86%, enquanto que a área central apresenta 41,51% de hóspedes com a motivação principal da viagem de negócios.

A área central obteve percentual superior ao de Boa Viagem quanto à motivação saúde, com um percentual de 9,43%. Isto é explicado pela proximidade da área central com o Pólo Médico do Recife, o qual se encontra nos bairros de Ilha do Leite, Paissandu e Boa Vista. Boa Viagem, no entanto, sequer foi citada como atraente, no que tange à hospedagem, para esse público específico.

Concernente à motivação passeio, Boa Viagem atingiu um percentual superior, ou seja, de 28,02%, enquanto que a área central apresentou um percentual de 22,64% (**Gráfico 13**). Anteriormente, já foram citados os fatores que explicam bem essa situação.

Gráfico 13: Motivação de viagem dos hóspedes de Boa Viagem e da área central

Fonte: Pesquisa de campo elaborada pela autora da dissertação

A infra-estrutura também foi citada pelos hóspedes do centro e de Boa Viagem como principal fator de decisão na localização da hospedagem na cidade. Esse aspecto, no entanto, merece destaque em virtude do alto valor obtido na área central, bem como pelo fato deste ter sido o resultado mais discrepante no tocante à crescente diferença nos valores obtidos, uma vez que a área central obteve um percentual de 57,89%, contra 19,67% para Boa Viagem.

Quando se agruparam os aspectos relacionados à infra-estrutura, foram citadas pelos hóspedes questões como: acessibilidade, proximidade com o local de trabalho,

hospitais, realização de cursos, transportes em geral, meios de hospedagem e limpeza da área.

Dessa forma, a área central obteve um percentual maior em função da proximidade a locais de cursos e tratamento de saúde, uma vez que a área é detentora de inúmeros estabelecimentos de ensino e hospitais, pela proximidade ao Pólo Médico. Esses dois pontos corroboram com o que foi dito pelos proprietários dos hotéis localizados na área central, ou seja, que as maiores motivações dos turistas que freqüentam seus estabelecimentos são: negócios, saúde e estudo.

Um outro aspecto citado pelos hóspedes foi a facilidade em relação aos meios de transportes para a locomoção na cidade, uma vez que a área central possui uma forte articulação com as demais áreas da cidade, interligando-as. Citou-se, também, a proximidade em relação aos pontos de comércio.

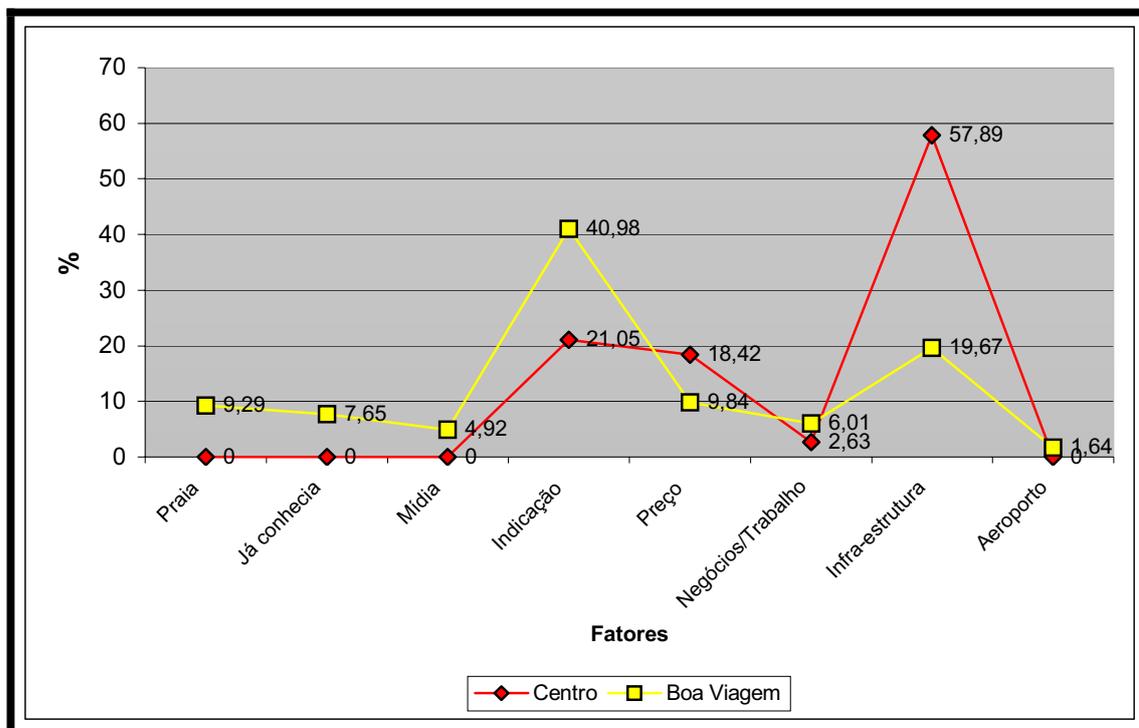
No bairro de Boa Viagem, por sua vez, os aspectos relativos à infra-estrutura disseram respeito à questão de limpeza da área, considerando, portanto, esta área mais limpa em relação à área central. Também foi citado o estado de conservação e a qualidade dos serviços oferecidos pelos meios de hospedagem como decisivos para a preferência da hospedagem em Boa Viagem. Foi citado, também, pelos hóspedes o fácil acesso ao bairro de Boa Viagem e a proximidade em relação à área central da cidade.

O aeroporto foi citado como fator decisório na hora da escolha pela área da cidade para hospedagem por parte dos turistas. Este aspecto, no entanto, só foi detectado no bairro de Boa Viagem, em virtude da proximidade com o aeroporto.

Optou-se em enquadrar, separadamente, a questão relativa ao aeroporto, desvinculando-o do aspecto ligado à infra-estrutura para reafirmar a existência de uma concentração de hotéis nas proximidades de aeroportos, importante meio de deslocamento no contexto do turismo de massa e, segundo o presidente da ABIH-PE, o principal meio de transporte utilizado pelos hóspedes de hotéis. Dessa forma, o bairro de Boa Viagem apresentou um percentual de 1,64%, enquanto que na área central esse aspecto não foi mencionado pelos hóspedes.

Observa-se, portanto, que os fatores citados como decisórios na hora da escolha pela localidade para hospedagem no Recife foram: a praia, o conhecimento prévio do lugar, a mídia, indicações de parente, amigos, agências de viagens, o preço dos serviços, os negócios e trabalho, a infra-estrutura e o aeroporto. No entanto, é cabível afirmar que esses aspectos são distintos quando comparados à situação da área central da cidade (**Gráfico 14**), apresentando percentuais distintos, corroborando para o entendimento acerca da organização espacial da hotelaria na cidade.

Gráfico 14: Fatores que influenciaram na decisão da localização da hospedagem no bairro de boa Viagem e na área central.



Fonte: Pesquisa de campo elaborada pela autora da dissertação

Diante do exposto, com base nos fatores acima analisados, identificam-se duas áreas distintas na cidade no que tange à organização espacial da hotelaria. Uma área detentora de inúmeros atributos atrativos para o estabelecimento de hotéis, ofertando, dessa forma, uma variedade de objetos e serviços dos mais variados motivos, coexistindo com velhos e novos objetos e serviços, ditando uma hegemonia ao Bairro de Boa Viagem no que tange à hotelaria, inclusive com o apoio do Estado.

Por outro lado, há uma outra área, a área central que, por sua vez, aparece marginalizada atraindo um público diferenciado. Esta área necessita de ações que

(re)constituam sua estrutura anterior, a fim de (re) valorizar a área outrora detentora de funções atrativas para a implantação de hotéis.

Somente com ações articuladas pelo setor público, é que se conseguirá reverter o quadro de marginalização da segunda área em relação à anterior; promovendo-se uma integração entre ambas, no âmbito de um planejamento urbano que pense e atue na cidade como um complexo.

3.3. Da marginalização aos primeiros indícios de (re)valorização da área central do Recife: uma nova possibilidade de retorno de investimentos no setor hoteleiro

A partir da década de 1980, muitas atividades de peso abandonaram os núcleos urbanos, em função do fenômeno conhecido por “deseconomias urbanas”. Este, por sua vez, acarretou o “esvaziamento” da área central, uma vez que nessas áreas começaram a ser observados problemas urbanos, como acúmulo de lixo, falta de estacionamento, entre outros, tudo em função do aumento desordenado da ocupação por que essas áreas passavam, acarretando, por sua vez, além da modificação do uso do solo, o valor relativo da área.

Dessa forma, repulsam-se as principais atividades que outrora se concentravam na área central, dentre elas as atividades ligadas ao setor turístico, em especial a hotelaria. Esse aspecto é reforçado quando se observa que, nas áreas centrais, o crescimento urbano ficou em torno de apenas 1,4%, enquanto que, nas áreas periféricas, esse mesmo crescimento ficou em torno de 3,1%. (CONSELHO FEDERAL DE ENGENHARIA, ARQUITETURA E AGRONOMIA., 2007).

A revitalização urbana, contudo, tem sido uma das linhas de ação que possui como objetivo, além da recuperação econômica do patrimônio cultural, o (re)povoamento dos centros urbanos, cujo esvaziamento foi provocado pelas deseconomias urbanas, gerando a degradação e o esquecimento daquelas áreas. Esse (re)povoamento estabelece a reabilitação de edifícios para sediar atividades econômicas.

Recife lançou o projeto de Revitalização do Bairro de Recife, em 1986, cujo objetivo era substituir e complementar as atividades existentes, inserindo serviços modernos de lazer e entretenimento, a fim de transformar o bairro novamente em um importante centro econômico regional

A revitalização da área central do Recife começou com a instalação, em 1986, do Escritório Técnico do Bairro de Recife. No entanto, foi em 1993 que se deu a implantação do Pólo Bom Jesus com a restauração dos prédios para o estabelecimento de atividades de lazer e diversão (**Figura 23**). No ano de 2001, iniciou-se o projeto do Porto Digital, unindo empresas de tecnologia de informática avançada (Ibidem).

Figura 23: Rua do Bom Jesus- Bairro do Recife.



Fonte: *In:* www.frigoletto.com.br/.../Recife0110/Image86.jpg

Atualmente, a prefeitura do Recife vem criando ações de reabilitação no Bairro do Recife e no seu entorno, sendo considerado, portanto, o centro expandido. Esse programa, no entanto, inclui ações já executadas ou em andamento como o Programa Monumenta que busca revitalizar ruas, monumentos e imóveis privados; Projeto Arqueologia Urbana, implantando um Museu a Céu Aberto, demonstrando os achados arqueológicos; Núcleo de Triagem de Resíduos Sólidos, que visa à implantação de um núcleo para catadores de lixo; Recuperação dos Eixos Comerciais, que através do Projeto Reviver Recife, em parceria com a Câmara de Dirigentes Lojistas de Pernambuco- CDL, recuperou tradicionais corredores de comércio varejista do centro do Recife; Programa Morar no Centro, incentivando a moradia por meio do Programa de Arrendamento Residencial- PAR, da Caixa Econômica Federal (SECRETARIA DE

PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO, OBRAS E DESENVOLVIMENTO URBANO E AMBIENTAL, 2007)

Outros lugares da área central da cidade também passaram por obras visando à sua revitalização a exemplo do Pátio de São Pedro, em São José; um setor da Rua da Aurora e da Rua da Imperatriz, no Bairro da Boa Vista; as ruas Nova e Duque de Caxias, no Bairro de Santo Antônio.

Porém, o resultado dessas ações foi pífio à medida como aconteceu de modo muito pontual e limitado, sem promover a articulação entre a existência corpórea e a existência relacional do processo de produção do espaço da cidade. Isto configurando, na visão de Harvey, um urbanismo de fragmentos e não uma experiência de planejamento urbano, o que é próprio do capitalismo contemporâneo. Fato que, ao invés de mudar a realidade urbana, acaba agravando mais ainda os seus problemas, posto que se trata de ações sem sustentabilidade as quais acabarão por manter a condição marginal de setores urbanos.

Observa-se, portanto, que há, atualmente, indícios de uma recuperação de setores da área central do Recife, ainda que observado através de ações pontuais que buscam a (re)valorização do lugar. Com isso, espera-se a concretização de instrumentos econômicos a fim de consolidar o desenvolvimento da área. Dentre tais atividades, destacam-se aquelas atinentes ao lazer e ao turismo e, por extensão, à hotelaria. Porém, talvez em função da insustentabilidade observada nas ações que se dão na cidade, a fixação dessas atividades ainda ocorre de modo muito tímido na área central.

Em 2002, no entanto, instalou-se uma pousada na área central da cidade, especificamente, no bairro da Boa Vista. Esta não se enquadra no objeto de estudo dessa dissertação, pois a pesquisa se refere unicamente a hotéis, sendo descartadas portanto, as pousadas. Contudo, pelos serviços ofertados por este objeto espacial, bem como pelo preço médio das diárias, o qual é elevado, constata-se que o meio de hospedagem visa atender a um público mais abastado do ponto de vista financeiro.

Também pode ser citado o hotel da Rede Accor, pertencente à cadeia internacional de hotéis, o qual está localizado no bairro da Ilha do Leite, nas proximidades do Pólo Médico. Dessa forma, observa-se que existem indícios de que a área possa vir a reforçar seu papel na hotelaria da cidade com a introdução de novos e modernos equipamentos hoteleiros, corroborando para a transformação na dinâmica socioespacial do espaço urbano.

A partir do exposto, apreende-se que o processo de configuração espacial da hotelaria em Recife apresenta-se concentrado em duas áreas distintas: o Bairro de Boa Viagem e a área central tradicional da cidade. No entanto, as duas áreas apresentam fortes distinções entre elas. Boa Viagem é representativo da moderna estrutura hoteleira vigente, enquanto que a área central apresenta-se como área preterida pelos setores empresariais modernos da hotelaria. No entanto, a área central começa a demonstrar indícios de uma (re)configuração. Esse processo, por sua vez, representa a dinâmica das atividades próprias do espaço urbano de uma cidade desigual.

No entanto, é importante dizer que, para que a área central retome sua antiga expressividade, principalmente no tocante às atividades ligadas à hotelaria, faz-se

necessário que o centro seja de fato (re)configurado e (re)vitalizado como um todo, não apenas parcelas específicas da área central, sob a forma do urbanismo de fragmentos. Busca-se, dessa forma, uma articulação entre os vários setores envolvidos e que esta articulação promova ações sustentáveis.

CONCLUSÃO

A ocupação dos bairros centrais da cidade do Recife se deu um após outro por força da dominação holandesa. Essa ocupação, no entanto, apresentou-se de forma seletiva, privilegiando certos espaços em detrimento de outros, ao longo da formação histórico-geográfica do lugar. Foi, então, a partir desse período que se começou a formar a área central tradicional da cidade.

Por volta do século XX, a área central tradicional do Recife concentrava funções comerciais, residenciais e também aquelas ligadas ao lazer e ao turismo. Nesse período qualquer atividade importante, inclusive aquela ligada à hospedagem, fixava-se nessa área, sobretudo em função da importância econômica do lugar.

Na década de 1950, observa-se o *glamour* e a boemia que continha o centro tradicional da cidade, local detentor de “modernos” objetos espaciais que justificavam a supremacia dessa área frente às demais áreas da cidade.

No entanto, a partir de uma antecipação espacial, quando havia sido inaugurado em Boa Viagem o Hotel Boa Viagem, em função da valorização dos banhos de mar, observa-se que a elite dominante da época começa a deslocar suas necessidades de consumo da área central da cidade para a periferia, (re)configurando a estrutura do espaço urbano. Destarte, os valores da cidade começam a se inverter e a se transformar, apresentado, portanto, variações que determinam a dinâmica socioespacial da cidade.

Os aspectos que corroboraram para as deseconomias urbanas na área central da cidade são representados por vários fatores: insegurança no local, uma vez que a área possui uma grande quantidade de estabelecimentos comerciais e, à noite, as suas ruas ficam esquisitas; falta de incentivo por parte da iniciativa pública em dotar a área de um sistema de objetos que atraiam demanda e investimento para a área; precariedade na qualidade dos serviços ofertados, o que contribuiu para o processo de marginalização da área central do Recife.

Dois acontecimentos também corroboram para a inversão de valor na configuração intra-urbana da cidade do Recife: a criação da SUDENE e a criação da EMBRATUR. Estas instituições do estado Brasileiro, por sua vez, enaltecem o bairro de Boa Viagem à medida que influenciam a fixação de novos e “modernos” objetos no bairro, principalmente no que tange ao turismo. Dessa forma, apreende-se que forças verticais orientam e conduzem novos valores impostos a muitas áreas da cidade, sobretudo àquelas de maior dinamismo espacial.

Assim, Boa Viagem surge como bairro detentor de novas e modernas formas privilegiando, por sua vez, seu espaço, enquanto que a área central do Recife permanecia com suas formas antigas, sem a incorporação de novas formas, acarretando, portanto, um processo de fragmentação socioespacial na estrutura interna da cidade, com a marginalização do centro. Isto é observado na década de 1960 quando Boa Viagem se consagra como o bairro mais dinâmico da cidade.

Nesta década, Recife apresentava como bairros centrais, Santo Antônio, São José e Boa Vista onde se concentravam as funções básicas e uma variedade de

serviços que compreendiam o comércio varejista e atacadista, as atividades bancárias, os grandes escritórios industriais, etc. No entanto, é também nesse período que o bairro de Boa Viagem apresenta consolidada sua função comercial, acarretando uma diminuição no deslocamento de seus habitantes para a área central tradicional da cidade.

Essas transformações, inerentes ao espaço urbano, corroboram uma dinâmica no tocante à atividade turística. O turismo, por sua vez, influenciado pela dinâmica urbana, também possui sua própria dinâmica que influi na (re)configuração socioespacial do espaço urbano à medida que fixa objetos que irão caracterizar a função daquela área.

Concernente à hotelaria, faz-se mister dizer que, a princípio, quando a área central do Recife era privilegiada do ponto de vista de investimentos em atividades de diversão, entretenimento, além das acima citadas, os hotéis se localizavam na sua área. Com a fixação no bairro de Boa Viagem, do Hotel Boa Viagem, algo novo começava a ocorrer no setor hoteleiro da cidade, o que, por sua vez, foi sentido a partir da década de 1970, quando outros hotéis passam a se concentrar ali.

Boa Viagem passa, então, a atrair investimentos em novos hotéis dentre outros serviços ligados aos turismo. As primeiras cadeias de hotéis, fundamentadas na filosofia moderna do capitalismo global, instalam-se na área periférica do núcleo urbano e os investimentos e incentivos para a construção de hotéis são concentrados naquele bairro, ao passo que a área central continua possuindo hotéis mas sem o dinamismo de tempos de outrora. Só que, num contexto de marginalização espacial, quer por sua

estrutura arcaica, ou depreciada, quer pela própria desvalorização da área central do Recife, em função das deseconomias urbanas, a área continuaria relevante para o setor.

Na década de 1980, continua-se a fazer investimento para instalação de hotéis na área periférica da cidade do Recife, especificamente no bairro de Boa Viagem. Financiamentos concedidos pelo FUNGETUR e pela SUDENE corroboram para a afirmação de que Boa Viagem torna-se a área mais expressiva e privilegiada do ponto de vista turístico. A EMBRATUR, numa perspectiva de turismo de sol e praia para a região Nordeste, passa a reforçar essas ações. A existência da praia, a maior amenidade do Bairro, por sua vez, foi decisiva para a concentração dos hotéis nas proximidades da orla marítima.

A partir daí, portanto, observa-se que Recife dispunha de duas áreas de concentração de hotéis. No entanto, a área central aparece como marginalizada espacialmente e Boa Viagem ocupa um lugar de destaque. Enquanto que a segunda área incorpora novos e modernos objetos representativos da modernidade, a área central é posta de lado, com suas estruturas inalteradas e suas formas deterioradas.

Atualmente, Recife apresenta uma configuração hoteleira ainda marcada pela concentração de hotéis em Boa Viagem e na área central. Estas áreas apresentam distinções não apenas espaciais, como também sociais, demonstrando, portanto, relevantes diferenças socioespaciais.

Concernente aos hotéis de Boa Viagem, observa-se que estes apresentam os melhores e mais modernos objetos, uma multifuncionalidade dos funcionários os quais

atendem aos ditames globais organizacionais sendo mais preparados e qualificados pois possuem acesso a treinamento. Os turistas que se hospedam em Boa Viagem possuem um nível de renda mais elevado e os proprietários dos equipamentos hoteleiros são, em geral, mais abastados do ponto de vista financeiro, fatores que, normalmente, influenciam na qualidade dos serviços prestados. Os hotéis em Boa Viagem atraem pessoas mais jovens e existe uma grande incidência de turistas oriundos da região Sudeste do país.

Esses elementos são importantes porque, através de sua análise, é possível estabelecer as diferenças no tocante à qualidade dos serviços prestados numa área e noutra, o que por sua vez, influencia na modernização dos equipamentos de uma área em detrimento de outra. Destarte, Boa Viagem surge como área privilegiada, enquanto que a área central aparece como preterida não só pelos turistas, mas também pelos investimentos no setor hoteleiro.

No que tange aos hotéis da área central, observa-se que esses objetos encontram-se obsoletos, com estruturas familiares de organização, não assimilando, portanto, os preceitos da modernidade. As funções desempenhadas pelos funcionários não estão bem distribuídas, possuindo uma multifuncionalidade. No entanto, esta multifuncionalidade apesar de estar presente nos dias de hoje em todo parte, compromete a eficiência na prestação do serviço e os funcionários não são qualificados e não recebem nenhum tipo de treinamento, prejudicando, portanto, a qualidade do serviço prestado. O nível de renda dos hóspedes, em geral, é mais baixo e os proprietários dos objetos hoteleiros sofrem também com problemas financeiros. Os hóspedes dessa área, em geral, são pessoas mais velhas, na faixa entre 36 a 50 anos

de idade, e há grande incidência de turistas advindos do Nordeste, com supremacia do estado Pernambuco.

Diante do exposto, apreende-se a diferença entre ambas as áreas no tocante à hotelaria da cidade demonstrando, portanto, que esses objetos espaciais sofrem modificações ao longo do tempo, influenciadas por um sistema de ações. Isto é observado quando se analisa a perda de valor da área central e o surgimento da valorização de Boa Viagem, percebida ao longo dos anos, que, por sua vez, também influenciam na (re)configuração dos objetos espaciais contidos na atividade turística.

Dessa forma, observa-se que as ações que corroboraram para a transformação na configuração hoteleira da cidade do Recife, a qual removeu os objetos e ações vinculados à atividade turística do centro para Boa Viagem, esta última surgindo como preferencial nos investimentos hoteleiros, foram: a praia, a proximidade ao aeroporto, os investimentos propostos à hotelaria na década de 1980, a estruturação física do bairro. Isso tudo aliado ao surgimento da localidade como um importante subcentro comercial e de prestação de serviços no espaço intra-urbano da cidade.

Isto também é observado quando se demonstra que a principal motivação de viagem dos hóspedes a Boa Viagem é a realização de negócios, ficando, estes, acima até mesmo do percentual de hóspedes cujo motivo de viagem foi a realização de negócios na área central.

Juntamente com o que foi exposto acima, observa-se que a própria população residente, bem como os próprios turistas, quando têm um prévio conhecimento acerca da localidade, optam ou indicam as hospedagens do bairro de Boa Viagem. Isto é

explicado pelo fato da área ser detentora de uma ampla variedade de hotéis, os quais, por sua vez, são mais modernos e com melhor infra-estrutura turística. A área central, por sua vez, além de possuir um número reduzido de hotéis, encontra-se, em sua grande maioria, com objetos espaciais obsoletos, além de muitos distorcerem suas atividades, alugando os seus quartos por hora. No entanto, é cabível o questionamento acerca do porquê dos hotéis da área central estarem desvirtuando suas atividades e o que seria preciso para a área central retornar como local propício para investimentos no setor hoteleiro. Também se questiona até que ponto a melhoria na qualidade dos serviços prestados influenciariam na retomada de investimentos no setor hoteleiro na área central.

Contudo, faz-se mister afirmar que os sistemas de objetos estão dispostos no espaço atendendo a uma lógica global hegemônica que dita a tendência e a organização espacial das atividades. Fica evidente que Boa Viagem, atualmente, ocupa uma posição hegemônica no que tange a especificidades da atividade turística, atraindo os objetos representativos dessa supremacia.

Apesar do que foi exposto anteriormente, observa-se que, atualmente, há indícios de que a área central iniciou um processo de (re)valorização, o que poderá vir a contribuir para (re)organizar a hotelaria do Recife, modificando o padrão espacial relativo à atividade turística. Esta tendência principiou no fim da década de 1980 e, através de ações tocadas pela iniciativa pública, observa-se uma tentativa de resgate da importância da área central.

Dentre essas ações, observa-se a revitalização do Bairro de Recife. No entanto, é pertinente o questionamento acerca da natureza desse processo de revitalização da área central do Recife, uma vez que é questionado se esse processo conduz a uma “gentrificação”, processo de enobrecimento de determinadas áreas, ou a uma revitalização de fato. Esse questionamento é levantado quando se analisa, entre outros fatos, a construção, no bairro de São José, das duas torres gêmeas, prédios de 41 andares de habitação para pessoas mais abastadas do ponto de vista financeiro.

No que tange à hotelaria, faz-se mister citar que esses sistemas de ações estão reacendendo a importância do centro como lugar para investimentos no setor. Prova disto é um hotel de cadeia nacional fincado no bairro da Ilha do Leite e uma pousada no bairro do Derby, que apesar da área não fazer parte do objeto de estudo deste trabalho, apresenta serviços, porte e tarifas comparadas a bons hotéis.

Percebe-se, destarte, que a dinâmica socioespacial das atividades ligadas ao turismo apresenta um sistema de objetos e ações ora concentrados em uma determinada área ora em outra. Essas mudanças geográficas, contudo, estão relacionadas às transformações que estão ocorrendo na totalidade, principalmente, no que tange à valorização do lugar. O turismo nas grandes cidades, contudo, utiliza os espaços valorizados, estabelecendo novas espacialidades que irão cada vez mais caracterizar a área como detentora de atributos que justifiquem sua valorização intrínseca ao espaço urbano.

Concernente à organização espacial da hotelaria do Recife, é possível inferir que o processo de revitalização da área central poderá vir a (re)distribuir os hotéis ao longo

da área central. Mas isso só será percebido quando a área se reestruturar efetivamente, conseguindo-se afastar os problemas urbanos oriundos das deseconomias urbanas fazendo que a área passe a ofertar atributos que justifiquem a transferência e a localização dos hotéis nesta área. Para tanto, o papel do Estado como articulador dos vários interesses existentes, será fundamental.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Nelson; BRITO, Paulo Lucio de; JORGE, Wilson Edson (org.). **Hotel: planejamento e projeto**. 6 ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1999.

ANDRADE, José Vicente de. **Turismo: fundamentos e dimensões**. 8 ed. São Paulo: Editora Ática, 2002.

A revitalização do bairro do Recife. Disponível em: <http://www.urbanconservation.org/experiências/recife/exprecife.htm>. Acessado em: 14 de setembro de 2006.

Arruando por Boa Viagem: bairro de Boa Viagem faz parte da história do Recife. Disponível em: <http://www.amaboaviagem.hpg.com.br/historia>. Acessado em: 13 de setembro de 2006.

BARBOSA, Maria de Lourdes de Azevedo. Administração de sistemas hoteleiros. Apostila do MBA – Executivo em Administração Hoteleira, SENAC/UFPE p. 1-41, [S.D.].

BARROS, Nilson Crocia de. **Manual de geografia do turismo: meio ambiente, cultura e paisagens**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2000.

BLEY, Lineu; ZEGLIN, Solange do Rocio R. Espaço urbano: a função hoteleira em Curitiba- PR. Revista Científica da FAMEC. Disponível em: www.revistacientifica.famec.com.br/include/getdoc.php?id=47&article=11&mode=phd > 04 de agosto de 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo:EDUSP, 1994.

Carta de Nucleação- Centro. Recife: CONDEPE/FIDEM, 2006, 1 CD ROOM.

CASTILHO, Cláudio Jorge de Moura. **As atividades dos serviços, sua história e o seu papel na organização do espaço urbano**: uma nova perspectiva para a análise geográfica? *In*: Revista de Geografia, 1998.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Turismo e ordenação no espaço urbano. *In*: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org.). Turismo urbano. Recife: Contexto, 2001.

CASTRO, Josué de. **Cidade do Recife**: ensaio de uma geografia urbana. Rio de Janeiro: Casa do estudante do brasil, 1954.

Catálogo Telefônico Recife, Olinda e área metropolitana 1978/1979. Recife: GTB/TELPE/TELEBRÁS, 1978.

Catálogo Telefônico de Recife, Olinda e Área Metropolitana 1980/1981. Recife: TELPE, 1980.

Catálogo Telefônico da Região Metropolitana do Recife. Recife: TELPE/TELEBRÁS, 1983.

CAVALCANTI, Carlos Bezerra. **O Recife e suas ruas**: “se essas ruas fossem minhas...”. Recife: Edições Edificantes, 2002.

CLARK, David. **Introdução à geografia urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMERCIO. **Breve história do turismo e da hotelaria**. Rio de Janeiro: Confederação Nacional do Comercio, 2005.

CONSELHO FEDERAL DE ENGENHARIA, ARQUITETURA E AGRONOMIA. Ordem e progresso para as cidades. Disponível em: www.confea.org.br/revista/materias/edicao_11/materia_09/materia.asp. Acessado em: 22 de janeiro de 2007.

CORREA, Roberto Lobato. **Espaço Urbano**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2003A.

_____. Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da geografia. *In*: CASTRO, Iná Elias de *et all* (org.). Geografia: conceitos e temas. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003B.

CORIOLANO, Luzia Neide M.T. **Do local ao global: o turismo litorâneo cearense**. São Paulo: Papirus, 1998.

COSTA, Kátia Cristina Ribeiro da. Shopping center Recife: conflitos e valorização do espaço. Dissertação. Recife (Mestrado em Geografia)- Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, 1995.

COUTINHO, Luciana Rachel. Do poder às margens e das margens ao poder: um olhar geográfico sobre os territórios de prostituição feminina na Av. Conselheiro Aguiar, Boa Viagem- Recife/PE. Dissertação. Recife (Mestrado em Geografia)- Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, 2005.

DUARTE, Ana Tereza Sotero. As relações espaço-temporais no processo de estruturação da paisagem urbana recifense. Estudo de caso: o bairro de Boa Viagem. Dissertação. Recife (Mestrado em Desenvolvimento Urbano)- Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, 1979.

FERRI, Cássia; RUSHMANN, Doris Van de Meene (org). **Termos gerais em hotelaria.** Turismo:visão e ação. Ano 2, nº4, p.35-51, 2000.

GONÇALVES, Luiz de. **Gestão ambiental em meios de hospedagem.** São Paulo: Aleph, 2004.

Grande Hotel: 50 anos. Folhetos, 1988.

Guia do Recife: Nomenclatura dos bairros, avenidas, praças, ruas e subúrbios do Recife. Recife: Empresa Gráfica Boa Vista Ltda, 1961.

Guias Telefônicos do Brasil Ltda 1971/1972. Recife: GTB, 1971.

Guias dos Telefones de Pernambuco 1972/1973. Recife: Companhia Telefônica de Pernambuco, 1972.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna:** uma pesquisa sobre a origem da herança cultural. São Paulo: Loyola, 1996.

Hotéis dão lugar a residências. Disponível em:
<http://turismo2008.blogspot.com/2005/02/ltima-reportagem-do-jc-sobre-turismo.html>.

Acessado em: 08 de Novembro de 2006.

Inventário do Potencial Turístico. Recife: EMPETUR/SEBRAE, 1998, 1 CD ROM.

Inventário do Potencial Turístico. Recife: EMPETUR/SEBRAE, 2006, 1 CD ROM.

Inventário do Potencial Turístico. Recife: EMPETUR/SEBRAE, 1992.

LEITE, Izabella. O ambiente cultural do Recife modernista. Dissertação. Recife (Mestrado em Desenvolvimento Urbano)- Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, 1999.

Lista Telefônica da Região Metropolitana do Recife- 1989. Recife: TELPE/LISTEL, 1989.

Lista Telefônica da Região Metropolitana- 1991. Recife: TELPE/LISTEL, 1991.

Lista Telefônica da Região Metropolitana e Arquipélago de Fernando de Noronha. Recife: TELPE/LISTEL, 1998.

LUBAMBO, Catia Wanderley. O bairro do Recife no início do século: uma experiência de modernização urbana. Dissertação. Recife (Mestrado em Desenvolvimento Urbano)- Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pernambuco, 1988.

MARINHO, Alba Lúcia. Recife nos anos 50 do século XX: um olhar sobre a cidade e seus espaços de fruição. Monografia. Recife (Especialização em História). Departamento de História, Universidade Federal de Pernambuco, 2004.

MENEZES, José Luiz da Mota (org.). **Atlas Histórico Cartográfico do Recife**. Recife: FUNDAJ/Massangana, 1988.,

MENEZES, José Luiz da Mota. **Um tempo do Recife**. In: PEREIRA, Nilo (et all) Recife: Arquivo Público Estadual, 1978.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Liminar obriga Moura Dubeux a prestar caução para continuar obras em área de patrimônio histórico. Disponível em: www.prpe.mpf.gov.br/internet/content/view/full/4341. Acessado em: 22 de janeiro de 2007.

MORAES, Dênis de. **O concreto e o virtual**: mídia, cultura e tecnologia. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade**. Rio de Janeiro, IUPERJ, 2004.

OLIVEIRA, Marcos Vinícius Barros de. Avenida Barreto de Menezes: Fragmentação Espacial e Funcional num corredor de circulação e de atividades comerciais. Dissertação. Recife (Mestrado em Geografia)- Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

OURIQUES, Helton Ricardo. **A produção do turismo**: fetichismo e dependência. São Paulo: Alínea, 2005.

PAGE, Stephen J. **Transporte e turismo**. Tradução: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Bookmam, 2001.

PAOLILLO, André Milton; REJOWSKI, Mirian. **Transportes**. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2002.

PARAÍSO, Rostand. Charme e magia dos **Antigos hotéis e pensões recifenses**. 2 ed. Recife: Bagaço, 2004.

PEARCE, Douglas G. **Geografia do turismo**: fluxos e regiões no mercado de viagens. Tradução: Paulo Krieger. São Paulo: Aleph, 2003.

PIRES, Mário Jorge. **Raízes do turismo no Brasil**: hóspedes, hospedeiros e viajantes no século XIX. São Paulo: Manole, 2001.

Prós e contras da revitalização de centros urbanos. Disponível em: www.comciencia.br/reportagens/cidades/cid02.htm. Acessado em: 22 de janeiro de 2007.

Recife (Centro-histórico / Recife antigo). Disponível em: www.friigoletto.com.br/.../Recife0110/Image86.jpg. Acessado em: 22 de janeiro de 2007.

ROSSI, Ângela Maria Gabriella. **Habitação e a cidade sustentável**. Disponível em: www.rpm.com.br/sbpc58ra/cursos/sbpccontrole/relatorios/relatorio_textos.asp. Acessado em: 22 de janeiro de 2007.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **A natureza do espaço**: técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 6ed. Rio de Janeiro:Record, 2000.

SECRETARIA DE PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO, OBRAS E DESENVOLVIMENTO URBANO E AMBIENTAL. Reabilitação do Centro Expandido. Disponível em: www.recife.pe.gov.br/pr/secplanejamento/reabilitacao.php. Acessado em: 22 de janeiro de 2007.

SELVA, Vanice Santiago Fragoso. Espaço-tempo: elementos da materialidade social. Recife: 2004.

SLATER, Don. **Cultura do consumo e modernidade**. Tradução: Dinah de Abreu Azevedo São Paulo: Nobel, 2002.

TORRES, Rebecca. Cancun's tourism development from a fordist spectrum of analysis. In: Sage publications, Londres, 2002.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo**. São Paulo: Papirus, 1998.

HAZIN, Ana Lúcia; OLIVEIRA, Gleide de Fátima Galiza de; MEDEIROS, Rejane. **Turismo e mão de obra**: entre o real e o ideal. Recife: UNICAP/FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO, 2000.

VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

APÊNDICE 01- LISTAGEM DOS HOTÉIS DO RECIFE- DÉCADA DE 1930 AO ANO DE 2006

Década de 1930

Grande Hotel do Recife

Av. Martins de Barros, 593- Santo Antônio

Hotel Central

Av. Manoel Borba, 209- Boa Vista

Hotel do Parque

R. do Hospício, 51- Boa Vista

Hotel Palácio

R. Henrique Dias, 181- Boa Vista

Recife Hotel

R. do Imperador Dom Pedro II, 310- Santo Antônio

Hotel Luzitano

R. Largo do Rosário, 16- Santo Antônio

Hotel Brazil

R. Largo do Rosário, 17- Santo Antônio

Década de 1940

Grande Hotel do Recife

Av. Martins de Barros, 593- Santo Antônio

Hotel Central

Av. Manoel Borba, 209- Boa Vista

Hotel do Parque

R. do Hospício, 51- Boa Vista

Hotel Palácio

R. Henrique Dias, 181- Boa Vista

Recife Hotel

R. do Imperador Dom Pedro II, 310- Santo Antônio

Hotel Luzitano

R. Largo do Rosário, 16- Santo Antônio

Hotel Brazil

R. Largo do Rosário, 17- Santo Antônio

Hotel Park 13 de Maio

R. do Hospício, 671- Boa Vista

Lido Hotel

R. do Riachuelo, 547- Boa Vista

Hotel América

Praça Maciel Pinheiro, 48- Boa Vista

Década de 1950

Grande Hotel do Recife

Av. Martins de Barros, 593- Santo Antônio

Hotel Central

Av. Manoel Borba, 209- Boa Vista

Hotel do Parque

R. do Hospício, 51- Boa Vista

Hotel Palácio

R. Henrique Dias, 181- Boa Vista

Recife Hotel

R. do Imperador Dom Pedro II, 310- Santo Antônio

Hotel Park 13 de Maio

R. do Hospício, 671- Boa Vista

Lido Hotel

R. do Riachuelo, 547- Boa Vista

Hotel América

Praça Maciel Pinheiro, 48- Boa Vista

Hotel Nassau

R. Largo do Rosário, 253- Santo Antônio

Hotel São Domingos

Praça Maciel Pinheiro, 66- Boa Vista

Hotel Rex

R. Barão de São Borja, 163- Boa Vista

Hotel Boa Viagem

Av. Boa Viagem, 5000- Boa Viagem

Década de 1960

Grande Hotel do Recife

Av. Martins de Barros, 593- Santo Antônio

Hotel Central

Av. Manoel Borba, 209- Boa Vista

Hotel do Parque

R. do Hospício, 51- Boa Vista

Hotel Palácio

R. Henrique Dias, 181- Boa Vista

Recife Hotel

R. do Imperador Dom Pedro II, 310- Santo Antônio

Hotel Park 13 de Maio

R. do Hospício, 671- Boa Vista

Lido Hotel

R. do Riachuelo, 547- Boa Vista

Hotel América

Praça Maciel Pinheiro, 48- Boa Vista

Hotel Nassau

R. Largo do Rosário, 253- Santo Antônio

Hotel São Domingos

Praça Maciel Pinheiro, 66- Boa Vista

Hotel Rex

R. Barão de São Borja, 163- Boa Vista

Hotel Boa Viagem

Av. Boa Viagem, 5000- Boa Viagem

Hotel Guararapes

R. da Palma- Santo Antônio

Hotel 4 de Outubro

R. Floriano Peixoto, 141- Santo Antônio

Hospedaria Caruaru

R. dos Pescadores, 13- São José

Hotel Praia

R. da Praia, 11- Santo Antônio

Hotel Avenida

Av. Martins de Barros, 292- Santo Antônio

Hotel Senhor do Bonfim

R. dos Pescadores, 08-16- São José

Início da década de 1970

Grande Hotel do Recife

Av. Martins de Barros, 593- Santo Antônio

Hotel Central

Av. Manoel Borba, 209- Boa Vista

Hotel do Parque

R. do Hospício, 51- Boa Vista

Hotel Palácio

R. Henrique Dias, 181- Boa Vista

Recife Hotel

R. do Imperador Dom Pedro II, 310- Santo Antônio

Hotel Park 13 de Maio

R. do Hospício, 671- Boa Vista

Lido Hotel

R. do Riachuelo, 547- Boa Vista

Hotel América

Praça Maciel Pinheiro, 48- Boa Vista

Hotel Nassau

R. Largo do Rosário, 253- Santo Antônio

Hotel São Domingos

Praça Maciel Pinheiro, 66- Boa Vista

Hotel Rex

R. Barão de São Borja, 163- Boa Vista

Hotel Boa Viagem

Av. Boa Viagem, 5000- Boa Viagem

Hotel Guararapes

R. da Palma- Santo Antônio

Hotel 4 de Outubro

R. Floriano Peixoto, 141- Santo Antônio

Hospedaria Caruaru

R. dos Pescadores, 13- São José

Hotel Praia

R. da Praia, 11- Santo Antônio

Hotel Avenida

Av. Martins de Barros, 292- Santo Antônio

Hotel Senhor do Bonfim

R. dos Pescadores, 08-16- São José

Hotel Brasília

R. da Concórdia, 706- São José

Hotel 7 de Setembro

Av. Matias de Albuquerque, 318- Santo Antônio

Hospedaria Esmeralda

R. de Santa Rita, 228- São José

Hotel Cote D'Azur Ltda

Av. Boa Viagem, 3402- Boa Viagem

Hotel Casa Grande e Senzala

Av. Conselheiro Aguiar, 500- Boa Viagem

Hotel Galícia

R. Visconde de Jequitinhonha, 301- Boa Viagem

Hotel 200 Milhas

Av. Boa Viagem, 864- Boa Viagem

Hotel Monte Sinai

Av. Conde da Boa Vista, 514- Boa Vista

Hotel Miramar

R. dos Navegantes, 363- Boa Viagem

Hotel Pousada Casa Forte

Av. 17 de Agosto, 735- Casa Forte

Hotel Sea View

R. dos Navegantes, 101- Boa Viagem

Hotel Voyage

R. Barão de Souza Leão, 439- Boa Viagem

Mar Hotel

R. Barão de Souza Leão, 451- Boa Viagem

Hotel Suíça

R. do Hospício, 697- Boa Vista

Turismo Praia Hotel

R. Padre Carapuceiro, 54- Boa Viagem

Fim da década de 1970

Grande Hotel do Recife

Av. Martins de Barros, 593- Santo Antônio

Hotel Central

Av. Manoel Borba, 209- Boa Vista

Hotel do Parque

R. do Hospício, 51- Boa Vista

Hotel Palácio

R. Henrique Dias, 181- Boa Vista

Recife Hotel

R. do Imperador Dom Pedro II, 310- Santo Antônio

Hotel Park 13 de Maio

R. do Hospício, 671- Boa Vista

Lido Hotel

R. do Riachuelo, 547- Boa Vista

Hotel América

Praça Maciel Pinheiro, 48- Boa Vista

Hotel Nassau

R. Largo do Rosário, 253- Santo Antônio

Hotel São Domingos

Praça Maciel Pinheiro, 66- Boa Vista

Hotel Rex

R. Barão de São Borja, 163- Boa Vista

Hotel Boa Viagem

Av. Boa Viagem, 5000- Boa Viagem

Hotel Guararapes

R. da Palma- Santo Antônio

Hotel 4 de Outubro

R. Floriano Peixoto, 141- Santo Antônio

Hospedaria Caruaru

R. dos Pescadores, 13- São José

Hotel Praia

R. da Praia, 11- Santo Antônio

Hotel Avenida

Av. Martins de Barros, 292- Santo Antônio

Hotel Senhor do Bonfim

R. dos Pescadores, 08-16- São José

Hotel Brasília

R. da Concórdia, 706- São José

Hotel 7 de Setembro

Av. Matias de Albuquerque, 318- Santo Antônio

Hospedaria Esmeralda

R. de Santa Rita, 228- São José

Hotel Cote D'Azur Ltda

Av. Boa Viagem, 3402- Boa Viagem

Hotel Casa Grande e Senzala

Av. Conselheiro Aguiar, 500- Boa Viagem

Hotel Galícia

R. Visconde de Jequitinhonha, 301- Boa Viagem

Hotel 200 Milhas

Av. Boa Viagem, 864- Boa Viagem

Hotel Miramar

R. dos Navegantes, 363- Boa Viagem

Hotel Pousada Casa Forte

Av. 17 de Agosto, 735- Casa Forte

Hotel Sea View

R. dos Navegantes, 101- Boa Viagem

Hotel Voyage

R. Barão de Souza Leão, 439- Boa Viagem

Mar Hotel

R. Barão de Souza Leão, 451- Boa Viagem

Hotel Suíça

R. do Hospício, 697- Boa Vista

Turismo Praia Hotel

R. Padre Carapuceiro, 54- Boa Viagem

Hotel Centenário

R. 7 de Setembro, 84- Boa Vista

Hotel Jangadeiro

Av. Boa Viagem, 3114- Boa Viagem

Vila Rica Hotel

Av. Boa Viagem, 3408- Boa Viagem

Internacional Othon Palace

Av. Boa Viagem, 3722- Boa Viagem

Hotel do Sol

Av. Boa Viagem, 978- Boa Viagem

Início da década de 1980

Grande Hotel do Recife

Av. Martins de Barros, 593- Santo Antônio

Hotel Central

Av. Manoel Borba, 209- Boa Vista

Hotel do Parque

R. do Hospício, 51- Boa Vista

Hotel Palácio

R. Henrique Dias, 181- Boa Vista

Recife Hotel

R. do Imperador Dom Pedro II, 310- Santo Antônio

Hotel Park 13 de Maio

R. do Hospício, 671- Boa Vista

Lido Hotel

R. do Riachuelo, 547- Boa Vista

Hotel América

Praça Maciel Pinheiro, 48- Boa Vista

Hotel Nassau

R. Largo do Rosário, 253- Santo Antônio

Hotel São Domingos

Praça Maciel Pinheiro, 66- Boa Vista

Hotel Rex

R. Barão de São Borja, 163- Boa Vista

Hotel Boa Viagem

Av. Boa Viagem, 5000- Boa Viagem

Hotel Guararapes

R. da Palma- Santo Antônio

Hotel 4 de Outubro

R. Floriano Peixoto, 141- Santo Antônio

Hospedaria Caruaru

R. dos Pescadores, 13- São José

Hotel Praia

R. da Praia, 11- Santo Antônio

Hotel Avenida

Av. Martins de Barros, 292- Santo Antônio

Hotel Senhor do Bonfim

R. dos Pescadores, 08-16- São José

Hotel 7 de Setembro

Av. Matias de Albuquerque, 318- Santo Antônio

Hospedaria Esmeralda

R. de Santa Rita, 228- São José

Hotel Cote D'Azur Ltda

Av. Boa Viagem, 3402- Boa Viagem

Hotel Casa Grande e Senzala

Av. Conselheiro Aguiar, 500- Boa Viagem

Hotel Gálicia

R. Visconde de Jequitinhonha, 301- Boa Viagem

Hotel 200 Milhas

Av. Boa Viagem, 864- Boa Viagem

Hotel Miramar

R. dos Navegantes, 363- Boa Viagem

Hotel Pousada Casa Forte

Av. 17 de Agosto, 735- Casa Forte

Hotel Sea View

R. dos Navegantes, 101- Boa Viagem

Hotel Voyage

R. Barão de Souza Leão, 439- Boa Viagem

Mar Hotel

R. Barão de Souza Leão, 451- Boa Viagem

Hotel Suíça

R. do Hospício, 697- Boa Vista

Turismo Praia Hotel

R. Padre Carapuceiro, 54- Boa Viagem

Hotel Jangadeiro

Av. Boa Viagem, 3114- Boa Viagem

Vila Rica Hotel

Av. Boa Viagem, 3408- Boa Viagem

Internacional Othon Palace

Av. Boa Viagem, 3722- Boa Viagem

Hotel do Sol

Av. Boa Viagem, 978- Boa Viagem

Hotel Beira Mar

Av. Boa Viagem, 4658- Boa Viagem

Hotel Solimar

Av. Boa Viagem, 1632- Boa Viagem

Hotel Veneza

R. Vidal de Negreiros, 81- São José

Beimar Hotel

R. Raul Azevedo, 145- Boa Viagem

Hotel Canoa

Av. Boa Viagem, 106- Boa Viagem

Hotel Canto do Mar

R. Barão de Souza Leão, 400- Boa Viagem

Hotel Coral

Av. Conselheiro Aguiar, 4000- Boa Viagem

Hotel Águas Mornas

R. dos Navegantes- Boa Viagem

Hotel da Praia

Av. Domingos Ferreira, 4395- Boa Viagem

Hotel Diplomata

R. Visconde de Jequitinhonha, 336- Boa Viagem

Praiamar Hotel

Av. Boa Viagem, 1660- Boa Viagem

Hotel Portal do Sol

Av. Conselheiro Aguiar, 3217- Boa Viagem

Hotel Aconchego

R. Félix de Brito, 382- Boa Viagem

Hotel das Flores

R. Padre Leandro Camelo- Boa Viagem

Hotel Savaroni

Av. Boa Viagem, 3772- Boa Viagem

Hotel Saveiro

Av. Conselheiro Aguiar, 4670- Boa Viagem

Hotel Vela Branca

Av. Boa Viagem, 2494- Boa Viagem

Hotel Veleiro

Av. Boa Viagem, 531- Boa Viagem

Marazul Hotel

R. Profº José Brandão, 135- Boa Viagem

Park Othon Hotel

R. dos Navegantes, 09- Boa Viagem

Samambaia Praia Hotel

R. Phaelante da Câmara, 63- Boa Viagem

Talassa Hotel

R. Pe. Luís Marques Teixeira, 293- Boa Viagem

Marolinda Residence

Av. Conselheiro Aguiar, 734- Boa Viagem

Hotel Albergue do Mar

R. Antônio Vicente, 27- Boa Viagem

Hotel Gaivota

Av. Fernando Simões Barbosa, 632- Boa Viagem

Hotel Brasiliense

R. do Hospício, 179- Boa Vista

Fim da década de 1980

Grande Hotel do Recife

Av. Martins de Barros, 593- Santo Antônio

Hotel Central

Av. Manoel Borba, 209- Boa Vista

Hotel do Parque

R. do Hospício, 51- Boa Vista

Hotel Palácio

R. Henrique Dias, 181- Boa Vista

Recife Hotel

R. do Imperador Dom Pedro II, 310- Santo Antônio

Hotel Park 13 de Maio

R. do Hospício, 671- Boa Vista

Lido Hotel

R. do Riachuelo, 547- Boa Vista

Hotel América

Praça Maciel Pinheiro, 48- Boa Vista

Hotel Nassau

R. Largo do Rosário, 253- Santo Antônio

Hotel São Domingos

Praça Maciel Pinheiro, 66- Boa Vista

Hotel Rex

R. Barão de São Borja, 163- Boa Vista

Hotel Boa Viagem

Av. Boa Viagem, 5000- Boa Viagem

Hotel 4 de Outubro

R. Floriano Peixoto, 141- Santo Antônio

Hospedaria Caruaru

R. dos Pescadores, 13- São José

Hotel Praia

R. da Praia, 11- Santo Antônio

Hotel Senhor do Bonfim

R. dos Pescadores, 08-16- São José

Hotel 7 de Setembro

Av. Matias de Albuquerque, 318- Santo Antônio

Hospedaria Esmeralda

R. de Santa Rita, 228- São José

Hotel Casa Grande e Senzala

Av. Conselheiro Aguiar, 500- Boa Viagem

Hotel Galícia

R. Visconde de Jequitinhonha, 301- Boa Viagem

Hotel 200 Milhas

Av. Boa Viagem, 864- Boa Viagem

Hotel Miramar

R. dos Navegantes, 363- Boa Viagem

Hotel Pousada Casa Forte

Av. 17 de Agosto, 735- Casa Forte

Hotel Sea View

R. dos Navegantes, 101- Boa Viagem

Hotel Voyage

R. Barão de Souza Leão, 439- Boa Viagem

Mar Hotel

R. Barão de Souza Leão, 451- Boa Viagem

Hotel Suíça

R. do Hospício, 697- Boa Vista

Turismo Praia Hotel

R. Padre Carapuceiro, 54- Boa Viagem

Hotel Jangadeiro

Av. Boa Viagem, 3114- Boa Viagem

Vila Rica Hotel

Av. Boa Viagem, 3408- Boa Viagem

Internacional Othon Palace

Av. Boa Viagem, 3722- Boa Viagem

Hotel do Sol

Av. Boa Viagem, 978- Boa Viagem

Beimar Hotel

R. Raul Azevedo, 145- Boa Viagem

Hotel Canoa

Av. Boa Viagem, 106- Boa Viagem

Hotel Canto do Mar

R. Barão de Souza Leão, 400- Boa Viagem

Hotel Coral

Av. Conselheiro Aguiar, 4000- Boa Viagem

Hotel Águas Mornas

R. dos Navegantes- Boa Viagem

Hotel da Praia

Av. Domingos Ferreira, 4395- Boa Viagem

Hotel Diplomata

R. Visconde de Jequitinhonha, 336- Boa Viagem

Praiamar Hotel

Av. Boa Viagem, 1660- Boa Viagem

Hotel Portal do Sol

Av. Conselheiro Aguiar, 3217- Boa Viagem

Hotel Aconchego

R. Félix de Brito, 382- Boa Viagem

Hotel das Flores

R. Padre Leandro Camelo- Boa Viagem

Hotel Savaroni

Av. Boa Viagem, 3772- Boa Viagem

Hotel Saveiro

Av. Conselheiro Aguiar, 4670- Boa Viagem

Hotel Vela Branca

Av. Boa Viagem, 2494- Boa Viagem

Hotel Veleiro

Av. Boa Viagem, 531- Boa Viagem

Marazul Hotel

R. Profº José Brandão, 135- Boa Viagem

Park Othon Hotel

R. dos Navegantes, 09- Boa Viagem

Samambaia Praia Hotel

R. Phaelante da Câmara, 63- Boa Viagem

Talassa Hotel

R. Pe. Luís Marques Teixeira, 293- Boa Viagem

Marolinda Residence

Av. Conselheiro Aguiar, 734- Boa Viagem

Hotel Albergue do Mar

R. Antônio Vicente, 27- Boa Viagem

Hotel Gaivota

Av. Fernando Simões Barbosa, 632- Boa Viagem

Hotel Brasiliense

R. do Hospício, 179- Boa Vista

Hotel Aquamar

R. dos Navegantes, 493- Boa Viagem

Arcada Hotel

Av. Conselheiro Aguiar, 3500- Boa Viagem

Castelinho Praia Hotel

Av. Boa Viagem, 4520

Fator Palace Hotel

R. dos Navegantes, 157- Boa Viagem

Hotel Alameda de Jasmim

R. Félix de Brito, 370- Boa Viagem

Hotel Capibaribe

R. da União, 397- Boa Vista

Hotel Coqueiral

R. Petrolina, 43- Boa Viagem

Hotel das Urupemas

R. dos Navegantes, 1063- Boa Viagem

Hotel do Mar

R. Raul de Azevedo, 215- Boa Viagem

Hotel 54

R. Profº José Brandão, 54- Boa Viagem

Hotel La Tour

R. Júlio Pires, 68- Boa Viagem

Hotel Pedra do Mar

R. Feliz de Brito, 604- Boa Viagem

Hotel Setúbal

R. Setúbal, 932- Boa Viagem

Hotel Tívoli

R. Tenente João Cícero,47- Boa Viagem

J.P.M. Tourist Hotel

R. Ribeiro de Brito, 1240- Boa Viagem

Navegantes Praia Hotel

R. dos Navegantes, 1997, Boa Viagem

Recife Plaza Hotel

Av. Conde da Boa Vista, 50- Boa Vista

Recife Praia Othon Hotel

Av. Boa Viagem, 09- Boa Viagem

Veleiro Praia Hotel

R. Osias Ribeiro, 67- Boa Viagem

Hotel Quebra Mar

R. dos Navegantes, 2930- Boa Viagem

Início da década de 1990

Hotel Central

Av. Manoel Borba, 209- Boa Vista

Hotel do Parque

R. do Hospício, 51- Boa Vista

Hotel Palácio

R. Henrique Dias, 181- Boa Vista

Recife Hotel

R. do Imperador Dom Pedro II, 310- Santo Antônio

Hotel Park 13 de Maio

R. do Hospício, 671- Boa Vista

Lido Hotel

R. do Riachuelo, 547- Boa Vista

Hotel América

Praça Maciel Pinheiro, 48- Boa Vista

Hotel Nassau

R. Largo do Rosário, 253- Santo Antônio

Hotel São Domingos

Praça Maciel Pinheiro, 66- Boa Vista

Hotel Rex

R. Barão de São Borja, 163- Boa Vista

Hotel Boa Viagem

Av. Boa Viagem, 5000- Boa Viagem

Hotel 4 de Outubro

R. Floriano Peixoto, 141- Santo Antônio

Hospedaria Caruaru

R. dos Pescadores, 13- São José

Hotel Praia

R. da Praia, 11- Santo Antônio

Hotel Senhor do Bonfim

R. dos Pescadores, 08-16- São José

Hotel 7 de Setembro

Av. Matias de Albuquerque, 318- Santo Antônio

Hospedaria Esmeralda

R. de Santa Rita, 228- São José

Hotel Casa Grande e Senzala

Av. Conselheiro Aguiar, 500- Boa Viagem

Hotel Galícia

R. Visconde de Jequitinhonha, 301- Boa Viagem

Hotel 200 Milhas

Av. Boa Viagem, 864- Boa Viagem

Hotel Miramar

R. dos Navegantes, 363- Boa Viagem

Hotel Pousada Casa Forte

Av. 17 de Agosto, 735- Casa Forte

Hotel Sea View

R. dos Navegantes, 101- Boa Viagem

Hotel Voyage

R. Barão de Souza Leão, 439- Boa Viagem

Mar Hotel

R. Barão de Souza Leão, 451- Boa Viagem

Hotel Suíça

R. do Hospício, 697- Boa Vista

Turismo Praia Hotel

R. Padre Carapuceiro, 54- Boa Viagem

Hotel Jangadeiro

Av. Boa Viagem, 3114- Boa Viagem

Vila Rica Hotel

Av. Boa Viagem, 3408- Boa Viagem

Internacional Palace Lucsim

Av. Boa Viagem, 3722- Boa Viagem

Hotel do Sol

Av. Boa Viagem, 978- Boa Viagem

Beimar Hotel

R. Raul Azevedo, 145- Boa Viagem

Hotel Canoa

Av. Boa Viagem, 106- Boa Viagem

Hotel Coral

Av. Conselheiro Aguiar, 4000- Boa Viagem

Hotel Águas Mornas

R. dos Navegantes- Boa Viagem

Hotel da Praia

Av. Domingos Ferreira, 4395- Boa Viagem

Hotel Diplomata

R. Visconde de Jequitinhonha, 336- Boa Viagem

Praiamar Hotel

Av. Boa Viagem, 1660- Boa Viagem

Hotel Portal do Sol

Av. Conselheiro Aguiar, 3217- Boa Viagem

Hotel Aconchego

R. Félix de Brito, 382- Boa Viagem

Hotel das Flores

R. Padre Leandro Camelo- Boa Viagem

Hotel Savaroni

Av. Boa Viagem, 3772- Boa Viagem

Hotel Saveiro

Av. Conselheiro Aguiar, 4670- Boa Viagem

Hotel Vela Branca

Av. Boa Viagem, 2494- Boa Viagem

Hotel Veleiro

Av. Boa Viagem, 531- Boa Viagem

Marazul Hotel

R. Profº José Brandão, 135- Boa Viagem

Park Othon Hotel

R. dos Navegantes, 09- Boa Viagem

Samambaia Praia Hotel

R. Phaelante da Câmara, 63- Boa Viagem

Talassa Hotel

R. Pe. Luís Marques Teixeira, 293- Boa Viagem

Marolinda Residence

Av. Conselheiro Aguiar, 734- Boa Viagem

Hotel Albergue do Mar

R. Antônio Vicente, 27- Boa Viagem

Hotel Gaivota

Av. Fernando Simões Barbosa, 632- Boa Viagem

Hotel Brasiliense

R. do Hospício, 179- Boa Vista

Hotel Aquamar

R. dos Navegantes, 493- Boa Viagem

Arcada Hotel

Av. Conselheiro Aguiar, 3500- Boa Viagem

Castelinho Praia Hotel

Av. Boa Viagem, 4520

Fator Palace Hotel

R. dos Navegantes, 157- Boa Viagem

Hotel Alameda de Jasmin

R. Félix de Brito, 370- Boa Viagem

Hotel Capibaribe

R. da União, 397- Boa Vista

Hotel Coqueiral

R. Petrolina, 43- Boa Viagem

Hotel das Urupemas

R. dos Navegantes, 1063- Boa Viagem

Hotel do Mar

R. Raul de Azevedo, 215- Boa Viagem

Hotel 54

R. Profº José Brandão, 54- Boa Viagem

Hotel La Tour

R. Júlio Pires, 68- Boa Viagem

Hotel Pedra do Mar

R. Feliz de Brito, 604- Boa Viagem

Hotel Setúbal

R. Setúbal, 932- Boa Viagem

Hotel Tívoli

R. Tenente João Cícero, 47- Boa Viagem

J.P.M. Tourist Hotel

R. Ribeiro de Brito, 1240- Boa Viagem

Navegantes Praia Hotel

R. dos Navegantes, 1997, Boa Viagem

Recife Plaza Hotel

Av. Conde da Boa Vista, 50- Boa Vista

Recife Praia Othon Hotel

Av. Boa Viagem, 09- Boa Viagem

Veleiro Praia Hotel

R. Osias Ribeiro, 67- Boa Viagem

Atlante Plaza Hotel

Av. Boa Viagem, 1906- Boa Viagem

Hotel Barão de São Borja

R. Barão de São Borja, 137- Boa Vista

Best Western Manibu

Av. Conselheiro Aguiar, 919- Boa Viagem

Hotel das Fronteiras

R. Henrique Dias, 255- Derby

Hotel Henrique Dias

R. Henrique Dias, 181- Derby

Hotel Pousada Casuarinas

R. Antônio Pedro Figueiredo, 151- Boa Viagem

Hotel Pousada Julieta

R. Profº José Brandão, 135- Boa Viagem

Canarius Palace Hotel

R. dos Navegantes, 435- Boa Viagem

Marolinda Inn

R. Barão de Souza Leão, 400- Boa Viagem

Hotel Mediterrâneo

R. Gervásio Pires, 418- Boa Vista

LitoPark Hotel

R. Ribeiro de Brito, 1250- Boa Viagem

Onda Mar Hotel

R. Ernesto de Paula Santos, 284- Boa Viagem

Rosa Hotel

R. Mamanguape, 584- Boa Viagem

Uzi Praia Hotel

Av. Conselheiro Aguiar, 942- Boa Viagem

Uzi Mar Hotel

Av. Conselheiro Aguiar, 1015- Boa Viagem

Shopping Praia Hotel

Av. Fernando Simões Barbosa, 584- Boa Viagem

Hotel Residence

R. Antônio Vicente, 158- Boa Viagem

Recife Palace Lucsim

Av. Boa Viagem, 4070- Boa Viagem

Bianca Praia Hotel

R. Mamanguape, 142- Boa Viagem

Hotel Pousada da Praia

R. Alcides Carneiro Leal, 66- Boa Viagem

Hotel Pousada Rosa e Silva

AV. Conselheiro Rosa e Silva, 1599- Aflitos

Fim da década de 1990

Hotel Central

Av. Manoel Borba, 209- Boa Vista

Hotel do Parque

R. do Hospício, 51- Boa Vista

Hotel Park 13 de Maio

R. do Hospício, 671- Boa Vista

Lido Hotel

R. do Riachuelo, 547- Boa Vista

Hotel América

Praça Maciel Pinheiro, 48- Boa Vista

Hotel Nassau

R. Largo do Rosário, 253- Santo Antônio

Hotel São Domingos

Praça Maciel Pinheiro, 66- Boa Vista

Hotel Boa Viagem

Av. Boa Viagem, 5000- Boa Viagem

Hotel 4 de Outubro

R. Floriano Peixoto, 141- Santo Antônio

Hotel Senhor do Bonfim

R. dos Pescadores, 08-16- São José

Hotel Casa Grande e Senzala

Av. Conselheiro Aguiar, 500- Boa Viagem

Recife Monte Hotel

R. dos Navegantes, 363- Boa Viagem

Hotel Pousada Casa Forte

Av. 17 de Agosto, 735- Casa Forte

Mar Hotel

R. Barão de Souza Leão, 451- Boa Viagem

Hotel Jangadeiro

Av. Boa Viagem, 3114- Boa Viagem

Vila Rica Hotel

Av. Boa Viagem, 3408- Boa Viagem

Internacional Palace Lucsim

Av. Boa Viagem, 3722- Boa Viagem

Hotel do Sol

Av. Boa Viagem, 978- Boa Viagem

Hotel Coral

Av. Conselheiro Aguiar, 4000- Boa Viagem

Hotel Águas Mornas

R. dos Navegantes- Boa Viagem

Hotel da Praia

Av. Domingos Ferreira, 4395- Boa Viagem

Hotel Diplomata

R. Visconde de Jequitinhonha, 336- Boa Viagem

Hotel Aconchego

R. Félix de Brito, 382- Boa Viagem

Hotel Savaroni

Av. Boa Viagem, 3772- Boa Viagem

Hotel Saveiro

Av. Conselheiro Aguiar, 4670- Boa Viagem

Park Hotel

R. dos Navegantes, 09- Boa Viagem

Marolinda Residence

Av. Conselheiro Aguiar, 734- Boa Viagem

Hotel Gaivota

Av. Fernando Simões Barbosa, 632- Boa Viagem

Hotel Brasiliense

R. do Hospício, 179- Boa Vista

Hotel Aquamar

R. dos Navegantes, 493- Boa Viagem

Arcada Hotel

Av. Conselheiro Aguiar, 3500- Boa Viagem

Fator Palace Hotel

R. dos Navegantes, 157- Boa Viagem

Hotel Coqueiral

R. Petrolina, 43- Boa Viagem

Hotel do Mar

R. Raul de Azevedo, 215- Boa Viagem

Hotel 54

R. Profº José Brandão, 54- Boa Viagem

Hotel Setúbal

R. Setúbal, 932- Boa Viagem

Hotel Tívoli

R. Tenente João Cícero, 47- Boa Viagem

Navegantes Praia Hotel

R. dos Navegantes, 1997, Boa Viagem

Recife Plaza Hotel

Av. Conde da Boa Vista, 50- Boa Vista

Recife Praia Othon Hotel

Av. Boa Viagem, 09- Boa Viagem

Atlante Plaza Hotel

Av. Boa Viagem, 1906- Boa Viagem

Hotel Barão de São Borja

R. Barão de São Borja, 137- Boa Vista

Best Western Manibu

Av. Conselheiro Aguiar, 919- Boa Viagem

Hotel das Fronteiras

R. Henrique Dias, 255- Derby

Hotel Henrique Dias

R. Henrique Dias, 181- Derby

Hotel Pousada Casuarinas

R. Antônio Pedro Figueiredo, 151- Boa Viagem

Hotel Pousada Julieta

R. Profº José Brandão, 135- Boa Viagem

Canarius Palace Hotel

R. dos Navegantes, 435- Boa Viagem

Marolinda Inn

R. Barão de Souza Leão, 400- Boa Viagem

Hotel Mediterrâneo

R. Gervásio Pires, 418- Boa Vista

LitoPark Hotel

R. Ribeiro de Brito, 1250- Boa Viagem

Onda Mar Hotel

R. Ernesto de Paula Santos, 284- Boa Viagem

Rosa Hotel

R. Mamanguape, 584- Boa Viagem

Uzi Praia Hotel

Av. Conselheiro Aguiar, 942- Boa Viagem

Uzi Mar Hotel

Av. Conselheiro Aguiar, 1015- Boa Viagem

Shopping Praia Hotel

Av. Fernando Simões Barbosa, 584- Boa Viagem

Hotel Residence

R. Antônio Vicente, 158- Boa Viagem

Recife Palace Lucsim

Av. Boa Viagem, 4070- Boa Viagem

Bianca Praia Hotel

R. Mamanguape, 142- Boa Viagem

Hotel Pousada da Praia

R. Alcides Carneiro Leal, 66- Boa Viagem

Hotel Pousada Rosa e Silva

AV. Conselheiro Rosa e Silva, 1599- Aflitos

Belo Mar Residence

R. Raul Azevedo, 145- Boa Viagem

Hotel Brasil

R. do Hospício, 697- Boa Vista

Hotel Holliday Inn

Av. Domingos Ferreira, 3067- Boa Viagem

Hotel Imperador

Av. Caxangá, 4190- Caxangá

Marante Plaza Hotel

Av. Boa Viagem, 1070- Boa Viagem

Ano de 2006 Posição: Novembro**Hotel Central**

Av. Manoel Borba, 209- Boa Vista

Hotel do Parque

R. do Hospício, 51- Boa Vista

Hotel Park 13 de Maio

R. do Hospício, 671- Boa Vista

Lido Hotel

R. do Riachuelo, 547- Boa Vista

Hotel América

Praça Maciel Pinheiro, 48- Boa Vista

Hotel Nassau

R. Largo do Rosário, 253- Santo Antônio

Hotel São Domingos

Praça Maciel Pinheiro, 66- Boa Vista

Hotel Senhor do Bonfim

R. dos Pescadores, 08-16- São José

Recife Monte Hotel

R. dos Navegantes, 363- Boa Viagem

Hotel Pousada Casa Forte

Av. 17 de Agosto, 735- Casa Forte

Mar Hotel

R. Barão de Souza Leão, 451- Boa Viagem

Hotel Jangadeiro

Av. Boa Viagem, 3114- Boa Viagem

Vila Rica Hotel

Av. Boa Viagem, 3408- Boa Viagem

Internacional Palace Lucsim

Av. Boa Viagem, 3722- Boa Viagem

Hotel Coral

Av. Conselheiro Aguiar, 4000- Boa Viagem

Hotel Águas Mornas

R. dos Navegantes- Boa Viagem

Hotel Diplomata

R. Visconde de Jequitinhonha, 336- Boa Viagem

Hotel Aconchego

R. Félix de Brito, 382- Boa Viagem

Hotel Saveiro

Av. Conselheiro Aguiar, 4670- Boa Viagem

Park Hotel

R. dos Navegantes, 09- Boa Viagem

Marolinda Residence

Av. Conselheiro Aguiar, 734- Boa Viagem

Hotel Gaivota

Av. Fernando Simões Barbosa, 632- Boa Viagem

Hotel Aquamar

R. dos Navegantes, 493- Boa Viagem

Arcada Hotel

Av. Conselheiro Aguiar, 3500- Boa Viagem

Fator Palace Hotel

R. dos Navegantes, 157- Boa Viagem

Hotel Coqueiral

R. Petrolina, 43- Boa Viagem

Hotel 54

R. Profº José Brandão, 54- Boa Viagem

Hotel Setúbal

R. Setúbal, 932- Boa Viagem

Hotel Tívoli

R. Tenente João Cícero, 47- Boa Viagem

Navegantes Praia Hotel

R. dos Navegantes, 1997, Boa Viagem

Recife Plaza Hotel

Av. Conde da Boa Vista, 50- Boa Vista

Recife Praia Hotel

Av. Boa Viagem, 09- Boa Viagem

Atlante Plaza Hotel

Av. Boa Viagem, 1906- Boa Viagem

Hotel Barão de São Borja

R. Barão de São Borja, 137- Boa Vista

Best Western Manibu

Av. Conselheiro Aguiar, 919- Boa Viagem

Hotel das Fronteiras

R. Henrique Dias, 255- Derby

Hotel Pousada Casuarinas

R. Antônio Pedro Figueiredo, 151- Boa Viagem

Hotel Pousada Julieta

R. Profº José Brandão, 135- Boa Viagem

Canarius Palace Hotel

R. dos Navegantes, 435- Boa Viagem

Marolinda Inn

R. Barão de Souza Leão, 400- Boa Viagem

Hotel Mediterrâneo

R. Gervásio Pires, 418- Boa Vista

Nacional Inn Hotel

R. Ribeiro de Brito, 1250- Boa Viagem

Onda Mar Hotel

R. Ernesto de Paula Santos, 284- Boa Viagem

Rosa Hotel

R. Mamanguape, 584- Boa Viagem

Uzi Praia Hotel

Av. Conselheiro Aguiar, 942- Boa Viagem

Uzi Mar Hotel

Av. Conselheiro Aguiar, 1015- Boa Viagem

Shopping Praia Hotel

Av. Fernando Simões Barbosa, 584- Boa Viagem

Hotel Residence

R. Antônio Vicente, 158- Boa Viagem

Recife Palace Lucsim

Av. Boa Viagem, 4070- Boa Viagem

Bianca Praia Hotel

R. Mamanguape, 142- Boa Viagem

Hotel Pousada da Praia

R. Alcides Carneiro Leal, 66- Boa Viagem

Hotel Pousada Rosa e Silva

AV. Conselheiro Rosa e Silva, 1599- Aflitos

Belo Mar Residence

R. Raul Azevedo, 145- Boa Viagem

Hotel Brasil

R. do Hospício, 697- Boa Vista

Hotel Holliday Inn

Av. Domingos Ferreira, 3067- Boa Viagem

Hotel Imperador

Av. Caxangá, 4190- Caxangá

Marante Plaza Hotel

Av. Boa Viagem, 1070- Boa Viagem

HWF Boa Viagem Praia Hotel

Av. Boa Viagem, 5576- Boa Viagem

Parthenon Metrópolis

R. Estrada do Israel, 203- Ilha do Leite

Beach Class Suítes

Av. Boa Viagem, 1906- Boa Viagem

APÊNDICE 02- QUESTIONÁRIO APLICADO NOS HOTÉIS

<p>PREZADO SR(A). ESTA PESQUISA FAZ PARTE DE UM ESTUDO CIENTÍFICO ELABORADO NO PROGRAMA DE MESTRADO EM GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. TAIS INFORMAÇÕES SERÃO DE GRANDE VALIA PARA ANÁLISE DA REDE HOTELEIRA DA CIDADE DO RECIFE.</p> <p>DEAR MR/MISS THIS RESEARCH IS PART OF A SCIENTIFIC STUDY ELABORATED IN THE MASTER'S PROGRAM IN GEOGRAPHY OF THE PUBLIC UNIVERSITY OF PERNAMBUCO. SUCH INFORMATION WILL BE OF GREAT VALUE FOR THE ANALYSIS OF THE HOTELS OF THE CITY OF RECIFE.</p> <p style="text-align: center;">AGRADEÇO SUA COLABORAÇÃO/THANK YOU FOR YOUR CONTRIBUTION ANNARA PERBOIRE MESTRANDA EM GEOGRAFIA/MASTER STUDENT IN GEORAPHY- UFPE</p>	
<p>Onde vive o Sr(a) reside?! / Where do you live? País/Country: Estado/State: Cidade/City:</p>	
<p>Qual sua faixa etária?!/Age Group.</p> <p>(1) 14 a 17 (2) 18 a 25 (3) 26 a 35 (4) 36 a 50 (5) 51 a 65 (6) Mais de 65/<i>More than 65</i></p> <p>Qual sua renda mensal individual?! / What's your personal monthly income?</p> <p>(1) 1 a 3 salários (2) 4 a 6 salários (3) 7 a 10 salários (4) 11 a 20 salários (5) Mais de 20 salários (6) Sem rendimento</p> <p><i>If foreigner:</i> _____</p>	<p>Qual seu nível de escolaridade?!/What's your education level?</p> <p>(1) Sem instrução formal/<i>No formal instruction</i> (2) Ensino fundamental/<i>Elementary</i> (3) Ensino Médio/<i>High School</i> (4) Superior/ <i>University</i> (5) Pós-Graduação/ <i>Post Grad</i></p> <p>Principal motivo da viagem/ Main reason for your trip</p> <p>(1) Passeio (Turismo)/<i>Tourism</i> (2) Visita a parentes/amigos/<i>Visiting relatives/friends</i> (3) Negócios/Trabalho/<i>Business/Work</i> (4) Congresso (Eventos)/<i>Congress(events)</i> (5) Estudo/<i>Studies</i> (6) Saúde/<i>Health</i> (7) Compras/<i>Shopping</i> (8) Outro/<i>Other</i> _____</p>
<p>Por que optou em se hospedar nessa localidade (Boa Viagem) na cidade do Recife?! / Why did you choose housing in this hotel in the city of Recife?</p>	

APÊNDICE 03- QUESTIONÁRIO APLICADO NOS POSTOS DE INFORMAÇÕES TURÍSTICAS

<p>PREZADO SR(A). ESTA PESQUISA FAZ PARTE DE UM ESTUDO CIENTÍFICO ELABORADO NO PROGRAMA DE Mestrado em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco. Tais informações serão de grande valia para análise da rede hoteleira da cidade do Recife. DEAR MR/MISS THIS RESEARCH IS PART OF A SCIENTIFIC STUDY ELABORATED IN THE MASTER'S PROGRAM IN GEOGRAPHY OF THE PUBLIC UNIVERSITY OF PERNAMBUCO. SUCH INFORMATION WILL BE OF GREAT VALUE FOR THE ANALYSIS OF THE HOTELS OF THE CITY OF RECIFE.</p> <p style="text-align: center;">AGRADEÇO SUA COLABORAÇÃO/THANK YOU FOR YOUR CONTRIBUTION ANNARA PERBOIRE MESTRANDA EM GEOGRAFIA/MASTER STUDENT IN GEORAPHY- UFPE</p>	
<p>Onde vive o Sr(a) reside?! / Where do you live? País/Country: Estado/State: Cidade/City:</p>	
<p>O Sr(a) ficou hospedado em/ Did you stay in: (1) Boa Viagem (2) Centro/Center (3) Outro/Other</p> <p>Qual sua faixa etária?!/Age Group. (7) 14 a 17 (8) 18 a 25 (9) 26 a 35 (10) 36 a 50 (11) 51 a 65 (12) Mais de 65/<i>More than 65</i></p> <p>Qual sua renda mensal individual?! / What's your personal monthly income? (7) 1 a 3 salários (8) 4 a 6 salários (9) 7 a 10 salários (10) 11 a 20 salários (11) Mais de 20 salários (12) Sem rendimento If foreigner: _____</p>	<p>Qual seu nível de escolaridade?!/What's your education level? (5) Sem instrução formal/<i>No formal instruction</i> (6) Ensino fundamental/<i>Elementary</i> (7) Ensino Médio/<i>High School</i> (8) Superior/ <i>University</i> (5) Pós-Graduação/ <i>Post Grad</i></p> <p>Principal motivo da viagem/ Main reason for your trip (8) Passeio (Turismo)/<i>Tourism</i> (9) Visita a parentes/amigos/<i>Visiting relatives/friends</i> (10) Negócios/Trabalho/<i>Business/Work</i> (11) Congresso (Eventos)/<i>Congress(events)</i> (12) Estudo/<i>Studies</i> (13) Saúde/<i>Health</i> (14) Compras/<i>Shopping</i> (8) Outro/<i>Other</i> _____</p>
<p>Por que optou em se hospedar nessa localidade na cidade do Recife?! / Why did you choose housing in this hotel in the city of Recife?</p>	

APÊNDICE 04- PERFIL DOS HÓSPEDES DA ÁREA CENTRAL E DE BOA VIAGEM

Perfil dos hospedados na área central

Nacionalidade	Frequência	Percentual
Brasileiro	50	90,91
Estrangeiro	5	9,09
Total	55	100,00

RP Nacional	Frequência	Percentual
Alagoas	5	10,42
Maranhão	1	2,08
Paraíba	2	4,17
Pernambuco	17	35,42
Piauí	1	2,08
Rio de Janeiro	2	4,17
Rio Grande do Norte	3	6,25
São Paulo	5	10,42
Sergipe	3	6,25
Bahia	5	10,42
Ceará	3	6,25
Distrito Federal	1	2,08
Não respondeu	2	
Total Válido	48	100,00
Total	50	
Nordeste:	40	83,33%

RP Estrangeiro	Frequência	Percentual
Itália	1	20,00
Alemanha	2	40,00
Austria	1	20,00
Suécia	1	20,00
Total	5	100,00

Faixa Etária	Frequência	Percentual
14 a 17 anos	1	1,82
18 a 25 anos	9	16,36
26 a 35 anos	15	27,27
36 a 50 anos	21	38,18
51 a 65 anos	8	14,55
Acima de 65 anos	1	1,82
Total	55	100,00

Renda- Nacional	Frequência	Percentual
1 a 3 salários	20	39,22
3 a 5 salários	9	17,65
5 a 10 salários	8	15,69
10 a 20 salários	4	7,84
Mais de 20 salários	8	15,69
Sem rendimento	2	3,92
Não respondeu	4	
Total Válido	51	100,00
Total	55	

Renda Média Turista Estrangeiro Hospedado no Centro : R\$ 1.050,00

Perfil dos hospedados na área central

Motivo da Viagem	Frequência	Percentual
Passeio	12	22,64
Visita a parentes/amigos	2	3,77
Negócio/Trabalho	22	41,51
Congresso(Eventos)	9	16,98
Estudo	1	1,89
Saúde	5	9,43
Outro	2	3,77
Não respondeu	2	
Total Válido	53	100,00
Total	55	

Escolaridade	Frequência	Percentual
Sem Instrução	2	3,77
Ensino Fundamental	7	13,21
Ensino Médio	17	32,07
Superior	18	33,96
Pós-Graduação	9	16,98
Não respondeu	2	
Total Válido	53	100
Total	55	

Opção	Frequência	Percentual
Indicação	8	21,05
Preço	7	18,42
Negócios/Trabalho	1	2,63
Infra-estrutura	22	57,89
Não respondeu	17	
Total Válido	38	100,0
Total	55	

Perfil dos hospedados em Boa Viagem

Nacionalidade	Frequência	Percentual
Brasileiro	227	88,33
Estrangeiro	30	11,67
Total	257	100

RP Nacional	Frequência	Percentual
Alagoas	7	3,08
Maranhão	3	1,32
Mato Grosso do Sul	2	0,88
Minas Gerais	9	3,96
Pará	4	1,76
Paraíba	8	3,52
Parana	4	1,76
Pernambuco	3	1,32
Piauí	1	0,44
Rio de Janeiro	23	10,13
Amazonas	4	1,76
Rio Grande do Norte	9	3,96
Rio Grande do Sul	9	3,96
Santa Catarina	4	1,76
São Paulo	73	32,16
Sergipe	6	2,64
Amapá	2	0,88
Bahia	31	13,66
Ceará	17	7,49
Distrito Federal	4	1,76
Espirito Santo	1	0,44
Goias	3	1,32
Não respondeu	30	
Total válido	227	100
Total	257	

Nordeste: 85 37,44%

RP Estrangeiro	Frequência	Percentual
Portugal	6	20,00
França	1	3,33
Itália	6	20,00
Alemanha	3	10,00
Chile	2	6,67
EUA	4	13,33
Inglaterra	1	3,33
Argentina	1	3,33
Austria	2	6,67
Índia	1	3,33
África do Sul	1	3,33
Canadá	1	3,33
Angola	1	3,33
Total	30	100,00

Perfil dos hospedados em Boa Viagem

Faixa Etária	Frequência	Percentual
18 a 25 anos	16	6,23
26 a 35 anos	84	32,68
36 a 50 anos	103	10,08
51 a 65 anos	45	17,51
Acima de 65 anos	9	3,5
Total	257	100,00

Renda- Nacional	Frequência	Percentual
1 a 3 salários	9	4,02
3 a 5 salários	32	14,29
5 a 10 salários	77	34,38
10 a 20 salários	62	27,68
Mais de 20 salários	41	18,3
Sem rendimento	3	1,33
Não respondeu	3	
Total válido	224	100,00
Total	227	

Renda Média do Turista Estrangeiro Hospedado em BV: R\$ 8.379,74)

Escolaridade	Frequência	Percentual
Ensino Fundamental	8	3,13
Ensino Médio	59	23,04
Superior	138	53,91
Pós-Graduação	51	19,92
Não respondeu	1	
Total válido	256	100,00
Total	257	

Motivo da Viagem	Frequência	Percentual
Passeio	72	28,02
Visita a parentes/amigos	11	4,28
Negócio/Trabalho	141	54,86
Congresso(Eventos)	18	7,00
Estudo	5	1,95
Outro	10	3,89
Total	257	100,00

Opção	Frequência	Percentual
Praia	17	9,29
Já conhecia	14	7,65
Mídia	9	4,92
Indicação	75	40,98
Preço	18	9,84
Negócios/Trabalho	11	6,01
Infra-estrutura	36	19,67
Aeroporto	3	1,64
Não respondeu	74	
Total válido	183	100,00
Total	257	



PESQUISA DE TURISMO RECEPTIVO

Questionário nº _____ Data ____/____/____ Hora _____
Entrevistador _____ Local _____
Supervisor _____ Cidade RECIFE

1. Onde o (a) Sr. (a) reside ?

(Se estrangeiro, anotar cidade, país)

A. País _____

B. Estado _____

C. Cidade _____

1.1 Se estrangeiro

(Citar a cidade / estado pelo qual chegou ao Brasil.)

2. Sexo: 1. () Masculino 2. () Feminino

3. Qual a sua faixa etária (idade)?

1. () 14 a 17 2. () 18 a 25
3. () 26 a 35 4. () 36 a 50
5. () 51 a 65 6. () acima de 65

4. Estado Civil: 1. () Solteiro 2. () Casado 3. () Outro

5. Qual o seu nível de escolaridade ?

1. () Sem instrução formal 2. () Fundamental I (1º a 4º)
3. () Fundamental II (5º a 8º) 4. () Médio (1º ao 3º / Técnico)
5. () Superior
6. () Pós-graduação 7. () Outro (Citar): _____

6. Qual a sua ocupação principal?

1. () Industrial 2. () Industriário
3. () Comerciante 4. () Comerciante
5. () Funcionário Público 6. () Professor
7. () Aposentado/pensionista 8. () Dona de casa
9. () Estudante 10. () Profissional liberal
11. () Outra (Citar): _____

7. Qual a sua renda mensal individual? Se brasileiro:

1. () 1 a 3 salários mínimos
2. () 3 a 5 salários mínimos
3. () 5 a 10 salários mínimos
4. () 10 a 20 salários mínimos
5. () + de 20 salários mínimos
6. () Sem rendimento

Se estrangeiro: _____

(registrar na moeda declarada pelo entrevistado)

8. O(A) Sr. (a) viaja:

1. () Só 2. () Com amigos
3. () Com família 4. () Em excursão

8.1. Quantas pessoas estão viajando incluindo o Sr.(a)? _____

9. É a primeira visita ao Recife / localidade?

1. () Sim 2. () Não

Se SIM, aplicar a questão 9.1. Se NÃO, passar para a questão 9.2.

9.1. O que achou desta localidade, de acordo com a sua expectativa?

1. () Superou expectativa 2. () Correspondeu
3. () Decepcionou 4. () Não sabe

9.2. O que achou desta localidade, em relação à sua visita anterior?

1. () Melhor 2. () Permanece igual
3. () Pior 4. () Não sabe

10. Quantos dias permaneceu no Recife? _____

11. Nesta viagem quais as localidades de Pernambuco que visitou. (responder questões 11.1 e/ou 11.2)

11.1. Localidades que visitou com pernoites ?

Localidades	Nº Pernoites

11.2. Localidades que visitou sem pernoites?

12. Que outras localidades de Pernambuco gostaria de ter visitado?

13. Qual o meio de transporte utilizado para o (a) Sr. (a) chegar ao Recife?

1. () Ônibus de linha 2. () Ônibus fretado
3. () Automóvel 4. () Avião (vôo regular)
5. () Avião (vôo charter/fretado) 6. () Outro Citar: _____

14. Qual o meio de hospedagem utilizado?

1. () Hotel 2. () Resort
3. () Flat/apart 4. () Pousada
5. () Casa/apto. aluguel 6. () Casa própria
7. () Pensão/hospedaria 8. () Casa parentes/amigos
9. () Albergue 10. () Outro (Citar): _____

14.1. Se utilizou a rede hoteleira, citar o nome do estabelecimento e local.

15. Utilizou agência na organização da viagem? 1. () Sim 2. () Não

Se SIM, aplicar a questão 15.1. Se NÃO, passar para a questão 17.

15.1. Indicar os serviços utilizados.

1. () Emissão bilhetes de passagem 3. () Definindo rot. de visita
2. () Reservas de hospedagem 4. () Contratando outros serviços

16. Se a condição da viagem foi com pacote, informar o seu valor individual.

(registrar na moeda declarada pelo entrevistado)

17. Qual o seu gasto efetuado no local, excetuando o valor da passagem ou do pacote?

(registrar na moeda declarada pelo entrevistado)

17.1. Quantas pessoas estão incluídas nos gastos, inclusive o Sr.(a)? _____

17.2. Do seu gasto total informado na questão 17, que parcela ou percentual corresponde a cada item de despesa abaixo?

	Valor	%
1. Hospedagem	_____	_____
2. Alimentação	_____	_____
3. Transporte no local	_____	_____
4. Diversão	_____	_____
5. Compras	_____	_____
6. Outro	_____	_____
Total	_____	100%

PESQUISA DE TURISMO RECEPTIVO

18. Como avalia os preços dos bens e serviços adquiridos nesta cidade / localidade?

1. () Baixos 2. () Normais 3. () Elevados 4. () Não sabe

19. Qual o principal motivo da sua viagem?

1. () Passeio 2. () Visita parente/amigo
 3. () Eventos
 3.1. () Congresso/convenção
 3.2. () Outros (feiras, festivais, etc)
 4. () Negócio/Trabalho 5. () Saúde
 6. () Religião 7. () Intercâmbio/estudo
 8. () Outro (Citar): _____

Se indicou passeio, responder as questões 20 e 21. Caso contrário, passar para a questão 22.

20. Sendo passeio, citar o principal fator decisório.

1. () Atrativos naturais
 1.1. () Sol e Praia
 1.2. () Outros (serra, sertão, etc)
 2. () Turismo ecológico
 3. () Turismo rural (hotel-fazenda /agroturismo)
 4. () Turismo de aventura/esportes
 5. () Manifestações populares
 6. () Patrimônio histórico/cultural
 7. () Preço da viagem mais adequado
 8. () Compras pessoais
 9. () Outro (Citar): _____

21. A influência da viagem a passeio deveu-se a:

1. () Comentário de parentes/amigos
 2. () Agência de viagem 3. () Propaganda
 4. () Já conhecia o local 5. () Internet
 6. () Stand em eventos 7. () Outra (Citar): _____

21.1. Se indicou propaganda, citar o principal veículo que influenciou a sua viagem.

1. () Jornal 2. () Revista
 3. () Rádio 4. () Televisão
 5. () Folheto/Folder e Cartaz 6. () Outro (Citar): _____

21.2. Se indicou Internet citar o site/portal.

22. Pensa em voltar a esta localidade?

1. () Sim 2. () Não 3. () Não sabe

23. Recomendaria esta localidade a outra pessoa?

1. () Sim 2. () Não 3. () Não sabe

Qualifique os Itens (24 a 46). Utilize a seguinte legenda:

1=Ótimo; 2=Bom; 3=Regular; 4=Ruim; 5=Péssimo; 6=Não aplica

Atrativos turísticos locais.	De 1 a 6
24. Atrativos naturais	
25. Patrimônio histórico/cultural	
26. Manifestações populares	
Equipamentos e serviços turísticos	De 1 a 6
27. Equipamentos de lazer	
28. Passeios oferecidos	
29. Empresas / serviços de receptivo	
30. Hospitalidade / povo	
31. Informações turísticas	
32. Guias de turismo	
33. Meios de hospedagem	
34. Bares / restaurantes	
35. Comércio / compras	
36. Diversões noturnas	
37. Serviços de táxi	
Infra-Estrutura e outros:	De 1 a 6

38. Condição/qualidade ambiental da localidade	
39. Comunicações (correios/fones/internet)	
40. Sinalização urbana e turística	
41. Segurança pública	
42. Limpeza pública	
43. Transporte urbano coletivo	
44. Terminal rodoviário	
45. Aeroporto / campo de pouso	
46. Avaliação geral desta localidade	

47. Citar dois aspectos que mais lhe agradaram

48. Citar dois aspectos que mais lhe desagradaram

49. Cite os principais produtos/mercadorias adquiridos em Pernambuco:

Produtos	Local(is)
1. Artesanatos/Souvenir	
2. Artesanatos/Cerâmica	
3. Artesanatos/Madeira	
4. Artesanatos/Palha	
5. Artesanatos/Rendas-Bordados	
6. Artesanatos/Redes	
7. Bijuterias	
8. Jóias Artesanais	
9. Pintura/ Escultura	
10. Antiguidades	
11. Patchwork	
12. Castanhas	
13. Doces / Bolos	
14. Bebidas	
15. Confecções / Roupas	
16. Medicamentos	
17.	
18.	

50. Valor dos gastos com a aquisição de produtos: R\$

51. Nível de satisfação com os produtos adquiridos:

1. () Correspondeu Plenamente
 2. () Correspondeu em Parte
 3. () Não Correspondeu/Decepcionou

52. Nível de satisfação com o atendimento:

1. () Ótimo 2. () Bom
 3. () Regular 4. () Ruim 5. () Péssimo

Observações: _____

ANEXO 02- EDITAL DE ARRENDAMENTO DO GRANDE HOTEL

MOD. S.A 1001



SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO DO ESTADO DE PERNAMBUCO
DIRETORIA DE PATRIMÔNIO DO ESTADO.

Ofício nº 215/92 - D.P.A.

Recife, 30 de julho de 1992

Sr. Presidente

Através deste ofício , de ordem do Exmo. Sr. Secretário de Administração, estamos solicitando a V.Sa se digne de mandar que nos sejam entregues as chaves do Grande Hotel, bem como, das suas acomodações, em virtude das seguintes circunstâncias:

- a) O Exmo. Sr. Governador do Estado determinou a não alienação do referido imóvel, transferindo a gestão do mesmo à Secretaria de Administração , após a desocupação por parte do então contratante;
- b) Por delegação , nos foi determinado pelo Excelentíssimo Secretário de Administração que procurássemos entrar em entendimento com V.Sa. a respeito dos fatos;
- c) Por pertinente , estamos anexando cópia xerográfica do contrato lavrado em 11 de abril de 1938, onde o Estado, além do prédio, coloca também sob a responsabilidade futura do contratante , móveis e utensílios em geral, que deverão ser devolvidos nas mesmas condições;
- d) Outrossim , estamos também anexando cópia do Ofício ETP/CA nº 670, datado de 30 de junho de 1977, onde o então Diretor da EMPETUR diz que apenas tem a propriedade do prédio do Grande Hotel(...!?).

PROTOCOLADO

EMPETUR
DIRETORIA DE PATRIMÔNIO DO ESTADO
30 JUL 12 08 54 0016338



SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO DO ESTADO DE PERNAMBUCO

Finalmente, se procedentes tais afirmações, gostaríamos de receber a prova desta restrita responsabilidade. Por outro lado, se não procedentes, solicitamos que juntamente com as chaves nos sejam entregues a relação do móveis e utensílios pertencentes ao Estado por certo coincidente com a constante no contrato lavrado em 11 de abril de 1938, cuja a cópia do contrato lavrado em 2 de junho de 1969 (vide cláusula 17ª) acompanha.

Sem mais para o momento, subscrevo-me

Atenciosamente,

ORDOLITO JOSÉ BARROS DE AZEVÊDO
Diretor.

Ilmo. Sr. Presidente da EMPETUR

D.D. Dr. ROBERTO PEREIRA

N E S T A.

g.c.m.

**MERCADOS EMISSORES, SEGUNDO A MOTIVAÇÃO DA VIAGEM PARA RECIFE
REDE HOTELERIA - 2005**

MOTIVO DA VIAGEM	MERCADOS EMISSORES		
	INTERNACIONAL	NACIONAL	GERAL (Internacional + Nacional)
Turismo	85,16	30,26	39,73
Negócios	8,52	43,56	37,51
Convenção	3,23	13,12	11,41
Outro	3,09	13,07	11,35
TOTAL	100,00	100,00	100,00

FONTES: EMPETUR/FICHAS NACIONAIS DE REGISTRO DE HÓSPEDES